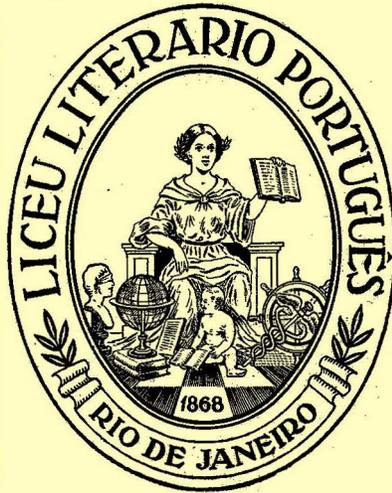


CONFLUÊNCIA

REVISTA
DO
INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Per multiplum ad unum



N.º 14 - 2.º semestre de 1997 - Rio de Janeiro

CONFLUÊNCIA

Per multiplum ad unum

*"As armas e padrões portugueses
postos em África, e em Ásia, e em
tantas mil ilhas fora da repartiçam
das três partes da terra, materiaes
sam, e pode-as o tempo gastar: però
nã gastará doutrina, costumes,
linguagem, que os portugueses
nestas terras leixarem."*

(JOÃO DE BARROS, *Diálogo em Louvor
da Nossa Linguagem*)



N.º 14 - 2.º semestre de 1997 - Rio de Janeiro

CONFLUÊNCIA

REVISTA
DO
INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS

Presidente: Manuel Paulino

CENTRO DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS

Diretor: Antônio Gomes da Costa

DIRETORIA DO I.L.P.

Manuel Paulino (Presidente)

Sílvia Elia (Vice-Presidente)

Gladstone Chaves de Melo

Maximiano de Carvalho e Silva

Evanildo Bechara

Antônio Basílio Rodrigues

CONFLUÊNCIA

Diretor: Evanildo Bechara

Comissão de Redação:

Sílvia Elia

Gladstone Chaves de Melo

Maximiano de Carvalho e Silva

Antônio Basílio Rodrigues

Produção Gráfica

Editora Lucerna Ltda

Pede-se permuta

Přdese canje

On demande l'échange

Si chiede lo scambio

We ask for exchange

Man bitte um Austausch

Endereço para correspondência:

Liceu Literário Português

Rua Senador Dantas, 118

CEP 20031-201 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Tel.: (021) 220-5495 / 220-5445 - Fax: (021) 533-3044

A matéria da colaboração assinada é da responsabilidade dos autores.

Este número de *CONFLUÊNCIA* contou com o apoio especial da Secretaria de Estado da Cultura de Portugal, da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e da Tap – Air Portugal

SUMÁRIO

	Pág.
Editorial (ANTÔNIO GOMES DA COSTA)	5
Homenagem a Manuel Rodrigues Lapa	8
Manuel Rodrigues Lapa (EVANILDO BECHARA)	9
Bibliografia do Prof. Manuel Rodrigues Lapa (ISABEL VILARES CEPEDA)....	11
 ARTIGOS	
O Meu Saussure (EUGENIO COSERIU)	33
As Idéias Lingüísticas em Portugal no Século XVIII (MARIA FILOMENA GONÇALVES)	37
A Tradução de Livros Estrangeiros em Portugal, com Manuel Rodrigues Lapa (EVELINA VERDELHO)	60
Etimologias numa Visão Culturalista de Serafim da Silva Neto (HORÁCIO ROLIM DE FREITAS)	73
Padre José de Anchieta, o "Apóstolo do Brasil" (MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA)	85
 REGISTRO BIBLIOGRÁFICO	 107
 RESENHAS CRÍTICAS	
FREITAS, Horácio Rolim de. <i>A Obra de Olmar Guterres da Silveira, Sua Contribuição aos Estudos das Línguas Portuguesa e Latina</i> (HILMA RANAURO)	110
BARCELLOS, José Carlos. <i>O Herói Problemático em Cerromaior</i> (ANTONIO BASILIO RODRIGUES)	114
VIEIRA, Antônio. <i>Sermão da Sexagésima</i> (EVANILDO BECHARA)	115
PRETI, Dino (org.). <i>O Discurso Oral Culto</i> (SÍLVIO ELIA)	116
PEREIRA, Maria Teresa G. (org.). <i>Língua e Linguagem em Questão</i> (SÍLVIO ELIA)	118
 NOTICIÁRIO	 126
 COLABORADORES DESTES NÚMERO	 135

EDITORIAL

ANCHIETA – POLÊMICA INÚTIL

Dr. Antônio Gomes da Costa

Três jesuítas tiveram uma importância extraordinária nos primeiros tempos da História do Brasil. Foram eles: os Padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, no século XVI, e o Padre Antônio Vieira, no século seguinte. O que fizeram pela nacionalidade e pela Igreja, pela defesa do território e pela liberdade dos índios, pela Língua e pelo ensino, pelo catecismo e pela vida humana, cada um a seu modo, transformaram-nos em verdadeiros construtores da Pátria - para já não emitirmos juízos de valor sobre seu trabalho apostólico e salvífico.

No caso de José de Anchieta, cujo 4º centenário de nascimento comemoramos neste 9 de junho, talvez porque tenha o "santo homem nascido na ilha de Tenerife, que é uma das Canárias", para usarmos as palavras de seu biógrafo, Padre Antônio Franco, houve, de vez em quando, por parte de alguns ensaístas, a propensão de considerá-lo uma espécie de "estranho no ninho" de uma cultura a que, por ampliação globalizante e por afinidades, chamaríamos de "cultura luso-brasileira". O Padre Manuel da Nóbrega e o Padre Antônio Vieira esses ficaram sempre noutra plano, por serem nacionais de berço - um, o autor da "Informação da Terra do Brasil", oriundo de Sanfins do Douro, e, o outro, o "Imperador da Língua", como lhe chamou Fernando Pessoa, nascido em Lisboa, e educado no Colégio dos Jesuítas na Bahia. Aliás, já Ivan Luis, o positivista, a propósito do processo da beatificação de Anchieta observava, fazendo referência a Austregésilo de Athayde, que o jesuíta ficara abandonado pelo ramo espanhol da Companhia de Jesus, por ter vindo trabalhar para o Brasil; e pelo ramo português, por não ser de naturalidade lusa.

Ora, a nosso ver, o fato de Anchieta ter nascido nas Canárias não impede, em nenhuma hipótese, que seja considerado como peça e produto da cultura luso-brasileira. Primeiro, porque ainda menino deixou a ilha de Tenerife mandado por seus pais, juntamente com outro irmão, para estudar em Coimbra, o que vai determinar uma formação moldada "entre o viço e a

verdura" da Universidade. De Coimbra, onde faz o noviciado na Companhia de Jesus, parte, com menos de 20 anos, para o Brasil, onde, segundo os médicos, "os ares seriam mais favoráveis e meigos" à sua saúde.

É no Brasil que ficará o resto da vida: prossegue os estudos no Colégio de Jesus, na Bahia; depois realiza seu admirável magistério a partir de S. Vicente; não pára mais: participa da fundação do Rio de Janeiro e de S. Paulo, promove a paz com os tamoios, auxilia Nóbrega no seu múnus de Provincial, abre escolas, defende o território, entrega-se à conversão das almas e ao serviço de Deus. Até que, doente e alquebrado, morre em Reretiba "com fama pública de santidade e exemplos raros", conforme escreveu um dos melhores conhecedores da Companhia de Jesus, o Padre Simão de Vasconcelos.

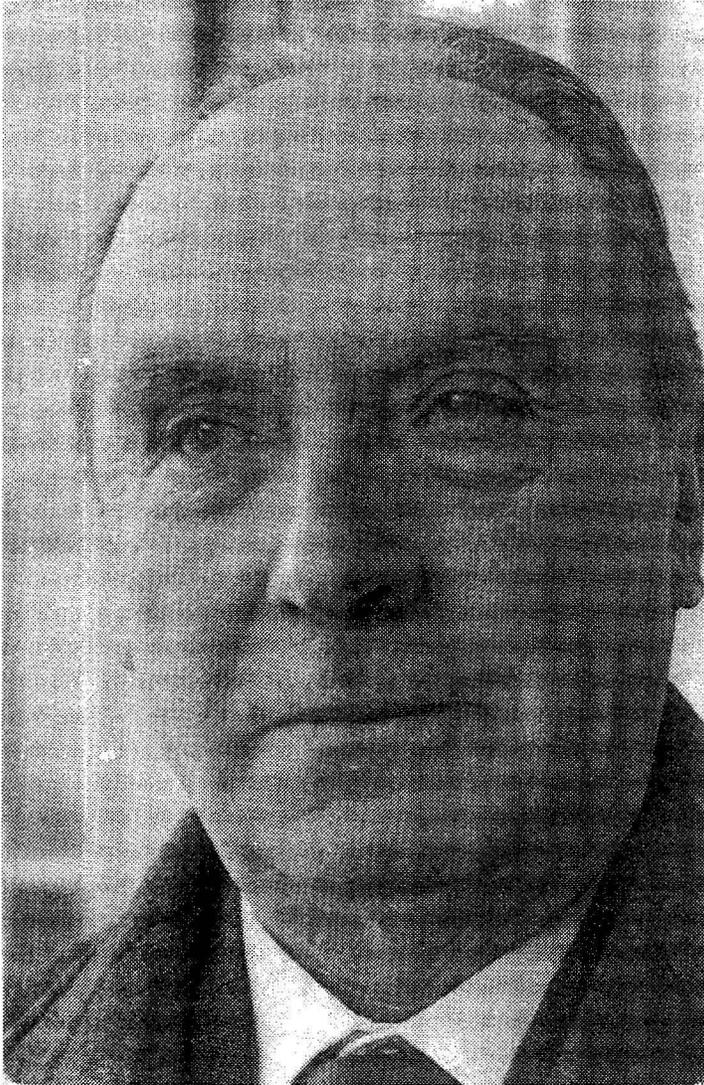
Podemos afirmar, portanto, que apesar do local de nascimento, a "paideia" e a vida do Padre Anchieta tiveram lugar no espaço geográfico e cultural luso-brasileiro. E como expressão desse cenário temos a sua obra literária, quase toda escrita em Português e com alguns poemas e epístolas em Latim, sendo escassos os trabalhos em espanhol; a sua *Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil*; as suas "cartas quadrimensais" enviadas aos superiores da Companhia de Jesus; os seus autos e a sua metodologia pedagógica; os valores e os "gens" que levou de terra em terra convertendo o gentio e ampliando a cristandade enfim, a sua própria convivência com Nóbrega e outros irmãos portugueses fazem de Anchieta um "igual". E quando o vemos na luta contra os franceses, ou a firmar a paz em Iperoig, ou a lançar o embrião da Santa Casa do Rio de Janeiro, ou a escrever o poema à Virgem, ou a participar da fundação de cidades, decerto que não vislumbramos outros traços e *patterns* senão os de uma cultura – a luso-brasileira. Mas como agravante desse sentimento de reserva a Anchieta, para não fulgurar no mesmo arco de Nóbrega e de Vieira, tivemos a determinada altura, não imerecida, nem exagerada, uma concentração do culto anchietiano a tomar conta das instâncias intelectuais e religiosas do país.

Já na 2ª metade do século XIX apareceu Fagundes Varela com seu *Anchieta ou o Evangelho nas selvas*; depois, Eduardo Prado chama a atenção para o terceiro centenário da morte do "apóstolo do Brasil"; nos anos 30 são as conferências organizadas pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a propósito do centenário de nascimento do jesuíta; são editadas dezenas de obras, que tratam de Anchieta – o místico, o contemplativo, o religioso, o educador, o gramático, o catequista, o pacificador, o santo, aquele que segundo Euclides da Cunha reconcilia o Brasil com os seguidores de Santo Inácio de Loyola, o *pauper et inutilis*, como ele próprio se denominava no fecho de suas cartas. E a ansiedade da apologia acaba por desaguar numa grande controvérsia sobre a fundação da cidade de S. Paulo. Para uma

corrente de historiadores já não teria sido o Padre Manuel da Nóbrega o principal responsável, mas o discípulo. Reexaminaram-se cartas e documentos; divide-se a glória pelo Padre Manuel de Paiva, por João Ramalho ou por Tibiriçá; recorre-se ao Visconde de Taunay, a Capistrano de Abreu, a Serafim Netto, a Pedro Calmon, a Robert Southey, a Afrânio Peixoto, a Rocha Pombo, a Vicente Tapajós; traz-se Joaquim Nabuco à lide – "antes de tudo, como separar Anchieta de Nóbrega? Podeis compreender um sem outro, ver o jovem irmão sem que o Fundador se mostre ao lado dele?" e no meio do fogo cruzado da polêmica esquece-se até o testemunho do próprio Anchieta: "o Padre Manuel da Nóbrega mandou os filhos dos índios para uma povoação nova (Piratininga) que os índios faziam por ordem do mesmo Padre para receberem a Fé".

Todas as controvérsias se desfizeram depois, mas assim mesmo as "reservas" em relação a Anchieta, primeiro, pelo lugar de nascimento e depois pela presunção de que a sua glória concorreria com a de Nóbrega, acabou por deixar estrias em certos estudos da História. É um equívoco: ambos deram ao Brasil nascente uma contribuição fantástica e não é pelo fato de ter nascido nas Canárias que a Anchieta faltou portugalidade nos desígnios de sua Obra e na sua formação.

**NÚMERO EM HOMENAGEM A
MANUEL RODRIGUES LAPA**



**MANUEL RODRIGUES LAPA
(1897 – 1989)**

MANUEL RODRIGUES LAPA

Anadia, 22/4/1897 – Anadia, 28/3/1989

Este número da *Confluência* que homenageia Rodrigues Lapa não quer, com isto, tão somente, marcar as efemérides de um centenário, mas ressaltar a figura ímpar de um denodado cultor das ciências da linguagem que fez de sua fulgurante e cheia de percalços carreira um exemplo de probidade científica e dignidade humana.

Dono de vasta erudição literária e filológica, deixou-nos uma obra que, pela excelência e quantidade, como disse Telmo Verdelho em conferência sobre nosso homenageado, "pede meças com departamentos inteiros de Faculdades bem providas de corpo docente".

Chegado à Universidade, em 1928, pela prestigiosa proposta de José Leite de Vasconcelos, de quem fora aluno, teve seu contrato interrompido porque as autoridades não gostaram do tom com que reverberou as mazelas do ensino na conferência intitulada *Política do Idioma e as Universidades*, proferida em Lisboa, em fevereiro de 1933, logo repetida em Coimbra.

Mas retornou à Faculdade de Letras mediante concurso público, ainda que por pouco tempo, pois aos 15 de maio de 1935 era demitido e privado de acesso a qualquer emprego público, num ato do regime que expulsaria com ele mais de 32 funcionários civis e militares.

A têmpera de caráter e a solidez de conhecimentos empurraram Rodrigues Lapa a mil empresas no campo da produção literária, filológica, lingüística e pedagógica, hoje patenteada nessa portentosa e fértil bibliografia levantada pela Prof^a Dr^a Isabel Vilares Cepeda, adiante transcrita, praticamente inaugurada, em 1929, com sua notável tese de doutoramento *Das Origens da Poesia Lírica em Portugal na Idade Média*.

É este admirável Mestre que dividiu com os brasileiros luzes do seu saber não só por meio de livros e revistas mas pela ação magisterial, de 1957 a 1960, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, que hoje homenageamos, na seqüência de uma série de reconhecimentos prestados mais recentemente ao insigne Professor (como ele gostava de ser identificado), entre os quais cabe lembrar o *Colóquio Internacional de Filologia, Literatura e Lingüística*, realizado em Anadia, na Curia, entre 17 e 19 de abril deste ano, o lançamento da riquíssima *Fotobiografia* de autoria de José Ferraz Diogo, durante o *Colóquio*, e da *Correspondência de Rodrigues Lapa, Seleccção* (1929 - 1985).

Como romanista, apresentou razões em prol da recuperação literária do galego e de sua integração no espaço lusofônico.

Este homem extraordinário que soube penetrar no intrincado labirinto da língua e dos seus monumentos literários soube também deixar-nos de si um retrato fiel, que vale não só como testamento mas como uma lição de vida de "um idealista que quis endireitar o mundo":

"Como homem, sou aquilo a que se chama uma "cara de poucos amigos". Nem compreendo como consegui reunir tantos à minha volta. Profundamente sensível, duma sensibilidade quase feminina, cedo me vi obrigado a disfarçar esta fraqueza com um semblante duro, uns modos agrestes, que são a costumada defesa deste tipo de homens. Não que desestime a convivência; mas o hábito da introspecção e uma certa timidez conduzem-me a ser cauteloso e reservado. Um homem assim não será propriamente um selvagem; mas hão de convir que esta cerca de arame farpado de que por vezes se rodeia tem os seus aspectos antipáticos.

Como escritor, o homem de certo modo explica o escritor. O amor da verdade e da justiça, que procuro pôr em tudo quanto escrevo, não me tem atraído grandes simpatias e tem-me envolvido por vezes em polémicas estereis. Certos fantoches, que procurei desarticular com os instrumentos da verdade, ficaram mais resistentes do que nunca; de onde me é lícito concluir, melancolicamente, que os homens não se deixam levar pela verdade, mas por outros princípios menos austeros. [...]

Que direi como cidadão? Isso é uma história pitoresca e valia a pena ser longamente contada. Antes de mais nada quero dizer-lhes, marcando energicamente uma posição ideológica, que um homem de letras não é, não pode ser, nem conviria que fosse um "político". Tem uma missão diferente, uma outra vocação. A este respeito, permanecem inteiramente válidas as razões de Benda sobre o momentoso problema. Contudo, há momentos excepcionais, e o próprio Benda o reconheceu, em que o homem de letras pode e deve intervir na ação política, num intuito de esclarecimento e para defesa de valores de que depende a própria dignidade do homem. Esses momentos são determinados por ele, dependem do seu arbítrio e não dos interesses culturais de qualquer facção. Uma vez jogado na luta política, que não é a sua arena, o homem de letras corre grandes perigos e por vezes não faz boa figura, porque fala aos homens uma linguagem que eles não entendem ou fingem não entender." (*Razões*, 128-130).

E.B.

BIBLIOGRAFIA DO PROFESSOR
MANUEL RODRIGUES LAPA¹

1921

1. *A Cultura Moral e o Ensino da Língua Francesa* / por Manuel Rodrigues Lapa. - Lisboa: [s. n.], 1921 (Tip. da Biblioteca Nacional). - 61 p.; 21 cm.

1923

2. [Recensão a] *O Poeta Melodino*, por José Pereira Tavares, Porto, 1921 / Rodrigues Lapa. // In: *Rev. Lusitana*. - Lisboa. vol. XXV (1923-1925) ; p. 317-318.
3. "Teófilo Braga. I. Como Historiador da Literatura Portuguesa" / Manuel Rodrigues Lapa. // In: *Rev. Lusitana*. - Lisboa. - vol. XXV (1923-1925) ; p. 334-337.

1924

4. "D. Afonso V e o Príncipe D. João: Ensaio sobre uma Regência" / Manuel Rodrigues Lapa. // In: *Rev. de Guimarães*. - Guimarães. - vol. XXXIV (1924); p. 108-123, 211-222. - vol. XXXV (1925); p. 33-34.

1925

5. "Côrtes de Évora, Terceiras de Moura: a Cabeça do Duque de Bragança" / Manuel Rodrigues Lapa. // In: *Rev. de Guimarães*. - Guimarães. - vol. XXXV (1925); p. 94-99, 169-174, 259-266; vol. XXXVII (1927); p. 16-23, 105-114; 202-215.
6. *La douce France* / par Rodrigues Lapa et Câmara Reys; il. de Raquel Gameiro Ottolini. - Lisbonne: R. Lapa e C. Reis [1925?]. - 222 p.; 19 cm. - (Cours de Français; II). Diversas ed. não datadas, presumivelmente de 1925 a 1935.
7. *Le petit élève de français* / par Rodrigues Lapa et Câmara Reys; il. de Raquel Gameiro Ottolini. - Lisbonne: R. Lapa e C. Reis [1925]. - 248 p.; 19 cm. - (Cours de Français; I). Diversas ed. não datadas, presumivelmente de 1925 a 1935.

1 - Agradeço penhorada as informações que o Professor Rodrigues Lapa teve a amabilidade de me oferecer. Agradeço igualmente à Dra. Maria Valentina Sul Mendes os elementos relativos às existências na Biblioteca Nacional que pôs à minha disposição, e ao Professor Celso Cunha os esclarecimentos relacionados com as publicações editadas no Brasil.

8. [Recensão a] *Don Denis*, por Silvio Pellegrini, Belluno, 1927 / Rodrigues Lapa. // In: *Rev. Lusitana*. - Lisboa. - vol. XXVI (1925-1927); p. 306-309.

1929

9. "Cantigas de Afonso o Sábio" / Dr. Rodrigues Lapa. // In: *Divulgação Musical* / Emma Romero Santos Fonseca da Câmara Reys. - Lisboa, 1929-1940. - 5 vol. - vol. II. - 1929-1933; p. 367-377.
Conferência integrada num concerto para audição de «Cantigas», do Rei Afonso X de Leão e Castela.
10. *Das Origens da Poesia Lírica em Portugal na Idade Média* / Rodrigues Lapa. - Lisboa: R. Lapa, 1929. - 357 p.; 21 oro.
O cap. IX - "O paralelismo" - foi reed. in: *Miscelânea* 2, p. 119-140 o cap. X - "Da versificação" - foi reed. in: *Miscelânea* 1, p. 177-291 e *Miscelânea* 2, p. 63-96, com o tít. - "Da versificação medieval"; o cap. X "Os temas iniciais" - foi reed. in: *Miscelânea* 2, p. 97-117.
11. "A Demanda do Santo Graal: Prioridade do Texto Português" / Rodrigues Lapa. // In: *A Língua Portuguesa*. - Lisboa. vol. I (1929-1930) ; p. 26G-279; 305-316. Reed. in: *Miscelânea* 1, p. 105-133 e in: *Miscelânea* 2, p. 303-340. - O mesmo texto, com alterações, foi traduzido para francês: "La Demanda do Santo Graal: priorité du texte portugais par rapport au texte castillan" / Rodrigues Lapa. // In: *Bulletin des Études Portugaises*. - Coimbra. - Tome I (1931) ; p. 137-160.
12. "Misticismo e Heresia nos Trovadores Galego-Portugueses" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa - n° 188 (1929) ; p. 307-310.
Publicado em parte in: *Das Origens da Poesia Lírica em Portugal na Idade Média* (n° 10).
13. "Um problema etimológico: *bravo*" / Rodrigues Lapa. // In: *A Língua Portuguesa*. - Lisboa. - vol. I (1929-1930) ; p. 385-386.
14. [Recensão a] *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, von Wilhelm Meyer-Lübke, 3a ed., Heidelberg, 1930-1932 / Rodrigues Lapa. // In: *A Língua Portuguesa*. - Lisboa. - vol. I (1929-1930); p. 392-393. Reed. in: *Miscelânea* 1, p. 248-249.
15. "O Texto das Cantigas d'Amigo" / Rodrigues Lapa. // In: *A Língua Portuguesa*. - Lisboa. - vol. I (1929-1930); p. 13-21, 56-66, 77-85, 105-112.
A propósito dos critérios de: *Cantigas d'Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses* / Ed. crítica por José Joaquim Nunes. - Coimbra. - Imprensa da Universidade, 1928. - Reed. in: *Miscelânea* 1, p. 9-50 e in: *Miscelânea* 2, p. 141-195.

1930

16. "Cajon ou ocajon? (A propósito do v. 12 do C. V. n.º 186)" / Rodrigues Lapa. // In: *Rev. Lusitana*. - Lisboa. - vol. XXVIII (1930); p. 297-298.
Reed. in: *Miscelânea* 1, p. 239 e in: *Miscelânea* 2, p. 417-418.
17. *Uma Cantiga de D. Denis (C. V. 208; C. B. N. 605) : Interpretação e Fontes Literárias* / Rodrigues Lapa. - Paris: [s. n.], 1930 (Paris: Imprimerie Solsona). - 31 p.; 22 cm. Reed. in: *Miscelânea* 1, p. 51-72 e in: *Miscelânea* 2, p. 205-233.
18. "Da Fonética Portuguesa e dos Nossos Foneticistas: um Plágio" / Rodrigues Lapa. // In: *A Língua Portuguesa*. - Lisboa. - vol. II (1930-1931); pp. 286-296.
A propósito de: *Fonética Portuguesa* / José Joaquim de Oliveira Guimarães. - Coimbra, 1929. - Reed. in: *As Minhas Razões*, p. 5-19.
19. "Em torno da *Demanda do Santo Graal*: Reparos a uma Crítica" / Rodrigues Lapa // In: *A Língua Portuguesa*. - Lisboa. -vol. II (1930-1931); p. 109-116.
Reed. in: *Miscelânea* 1, p. 134-143 e in: *Miscelânea* 2, p. 341-353.
20. *Froissart e Fernão Lopes* / Rodrigues Lapa. - Lisboa: [s. n.], 1930 (Imprensa Beleza). - 38 p.; 23 cm.
Reed. in: *Miscelânea* 1, p. 78-104 e in: *Miscelânea* 2, p. 365-400.
21. *A «Peregrinação de Carlos Magno»: o Recurso Filológico na Determinação da Data* / Rodrigues Lapa. - Lisboa: 1930. - 23 p.; 25 cm.
22. "Portugal na Alemanha" / R. Lapa. // In: *A Língua Portuguesa*. - Lisboa. - vol. II (1930-1931); p. 364-369.
23. *Os Vilancicos: o Vilancico Galego nos Séculos XVII e XVIII* / Rodrigues Lapa. - Lisboa: R. Lapa, 1930. - 80 p.; 19 cm.

1931

24. *Livro de Falcoaria de Pero Menino* / publicado com introdução, notas e glossário por Rodrigues Lapa. - Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1931. - LXVII, 91 p.; 23 cm.
Edição do códice - PBA 518 - da B. N. de Lisboa.
25. "Um Plágio? O que Replica o Professor Rodrigues Lapa às Alegações do Professor Oliveira Guimarães" / Rodrigues Lapa. // In: *República*. - Lisboa. - 24 de nov. de 1931.
Reed., com o tít.: "Ainda os plágios do Sr. Oliveira Guimarães"; in: *Seara Nova*. - Lisboa. - n.º 276 (1931) ; p. 183-186 e in: *A Língua Portuguesa*. - Lisboa. - vol. II (1930-1931) ; p. 418-426 e também in: *As Minhas Razões*, p. 19-31.
26. "O Prof. Oliveira Guimarães Plagiador" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n.º 274 (1931); p. 156-158.

27. [Recensão a] *Cantigas d'Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, ed. crítica por José Joaquim Nunes, 3 vol., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926-1928 / Rodrigues Lapa. // In: *Bul. des Études Portugaises*. - Coimbra. - Tome I (1931) ; p. 79-83.

1932

28. "Antwort an Herrn Dimitri Scheludko betreffend seine Kritik des Buches *Das Origins da Poesia Lírica em Portugal na Idade Média*" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie*. - Leipzig. - vol. LIII (1932); col. 77-80. O original português foi publicado com o título: Scheludko e o Lirismo Galego-Português, in: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo I (1932-1933) ; p. 54-58.
29. "Castelão e a Galiza" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n.º 309 (1932) ; p. 327-330. Reed. in: *Estudos Galego-Portugueses*, p. 5-16.
30. "Fray Martín Sarmiento e o Vocábulo 'caritel'" / Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Tomo I (1932-1933); p. 185-188.
31. *Livros de Falcoaria* / [ed. crítica por] Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo I (1932-1933); p. 199-234.
32. "As Origens Líricas: Estado Atual do Problema: I. A Tese Árabe" / Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo I (1932-1933); p. 8-32.
33. [Recensão a] *Catálogo de los manuscritos catalanes, valencianos, gallegos y portugueses de la Biblioteca de El Escorial*, por Julian Zarco Cuevas, Madrid, 1932 / M. Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo I (1932-1933); p. 58-59.
34. [Recensão a] *Die germanischen Ortsnamen in Spanien und Portugal*, von Georg Sachs, Jena und Leipzig, 1932 / Rodrigues Lapa. // In: *A Língua Portuguesa*. - Lisboa. - vol. III (1932-1934); p. 238-240. Reed. in: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo II (1933-1934); p. 173-180; in: *Miscelânea 1*, p. 265-275 e in: *Miscelânea 2*, p. 433-446.
35. [Recensão a] *Die landwirtschaftlichen Geräte in der Provinz Lugo*, von Walter Ebeling, in: *Volkstum und Kultur der Romanen*, Hamburgo, vol. V (1932), p. 50-151 / por Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo I (1932-1933); p. 364-368. Reed. in: *Miscelânea 1*, p. 258-264 e in: *Miscelânea 2*, p. 425-432.
36. [Recensão a] *Gramática do Idioma Galego*, por M. Lúgrís Freire, 2ª ed., A Cruña, 1931 / Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo I (1932-1933); p. 168-170.
37. [Recensão a] *J. B. de Almeida Garrett und seine Beziehungen zur Romantik*, Otto Antscherl, Heidelberg, 1927 / Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo I (1932-1933); p. 368-373.

38. [Recensão a] "The origin of the 'Cossantes'", Aubrey F. G. Bell, in: *Modern Language Review*, vol. XXVII, 1932 / Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo I (1932-1933); p. 167-168.
39. "O Rondel na Poesia Lírica Galego-Portuguesa" / Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo I (1932-1933) ; p. 53-54.
40. "Tradução Quatrocentista de Salústio e de Suetônio sobre a Vida de César" (Escorial, ms. I. Q. 17) / Rodrigues Lapa // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo I (1932-1933); p. 52-53.
41. "Transposição e Dissimilação" / Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo I (1932-1933); p. 163-165.
- 1933
42. *Cantigas de Santa Maria / Afonso X, o Sábio*; ed. por Rodrigues Lapa. - Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1933. - VIII, 103 p.; 20 cm. - (Textos de Literatura Portuguesa; I).
43. "O Escudeiro Joan de Gaia" / Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo II (1933-1934); p. 69-70 e p. 288. Reed. in: *Miscelânea 1*, p. 242-243 e in: *Miscelânea 2*, p. 235-237.
44. "Estética da Velha Cantiga d' Amor" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n.º 366 (1933) ; p. 83-85. Reproduzido in: *Lições de Literatura Portuguesa*. - 1.ª ed.; p. 96-103 (n.º 53).
45. "A Política do Idioma e as Universidades" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n.º 341 (1933); p. 67-76.
Sep. Lisboa: Seara Nova, 1933. - 46 p. - Reed. in: *As Minhas Razões*, p. 39-66.
46. [Recensão a] *Encol do Nome de Martín Codax*, por Armando Cotarello Valledor, Santiago, Ed. Nós, 1933, Sep. do n.º 109 da revista galega *Nós* / Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo II (1933-1934); p. 192. Reed. in: *Miscelânea 1*, p. 240-241.
47. [Recensão a] *Los hermanos Eans Mariño, poetas gallegos del sigla XIII*, por Armando Cotarello Valledor, Madrid, 1933, sep. do *Bol. de la Academia Española*, XX (1933) / Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo II (1933-1934) ; p. 382-384.
Reed. in: *Miscelânea 1*, p. 244-247 e in: *Miscelânea 2*, p. 419-423.
48. [Recensão a] "The text of a poem by King Denis of Portugal", by Henri R. Lang. reprinted from *Hispanic Review*, Philadelphia, I (1933), n.º 1 / Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo II (1933-1934); p. 181-184. Reed. in: *Miscelânea 1*, p. 197-203 e in: *Miscelânea 2*, p. 73-77.
49. "O Significado da Cultura Trovadoresca" / Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo II (1933-1934); p. 31-47.

50. *A Vida e Feitos de Júlio César* / ed. crítica, por Rodrigues Lapa; Jean-Baptiste Aquarone. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo II (1933-1934); p. 207-223, 315-328; Tomo III (1934-1935); p. 59-76, 207-217, 350-366; Tomo IV (1936); p. 92-108, 341-357.

1934

51. "O Atlas Lingüístico de Portugal e Ilhas: uma Necessidade da Nossa Filologia" / Rodrigues Lapa. // In: *A Língua Portuguesa*. - Lisboa. - vol. IV (1934-1936); p. 215-220.
52. "As Cantigas de Santa Maria" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n.º 386 (1934); p. 26-29; n.º 387 (1934); p. 43-46.
53. *Lições de Literatura Portuguesa: Época Medieval* / por M. Rodrigues Lapa. - Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1934. VIII, 347 p.; 21 cm. 2.º ed. rev. e ampliada. - Coimbra: Coimbra Ed., 1943. - 341 p.; 24 cm.
54. [Recensão a] *Il Canzoniere di Resende*, por Jole Ruggieri, Genève, Leo Olschki, 1931 / Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo III (1934-1935); p. 180-185. Reed. in: *Miscelânea* 1, p. 276-282 e in: *Miscelânea* 2, p. 447-455.
55. [Recensão a] "The portuguese final -ão", in: *Language*, Baltimore, IX (1933), p. 202-206 / Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo III (1934-1935); p. 331-332. Reed. in: *Miscelânea* 1; p. 256-257 e in: *Miscelânea* 2, p. 413-415.
56. "Uma Versão Desconhecida da 1ª *Soledad* de Gôngora" / Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo III (1934-1935); p. 281-317.

1935

57. *Cartas de Itália* / Lopo de Almeida; ed. por Rodrigues Lapa. - Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1935. - XIX, 49 p.; 21 cm. - (Textos de Literatura Portuguesa; III).
58. "Centenário de Pondal" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa, n.º 425 (1935); p. 259-260. Reed. in: *Estudos Galego-Portugueses*, p. 21-26.
59. "Do Verdadeiro e Falso Nacionalismo" / Rodrigues Lapa. // In: *Homenagem aos Professores Azevedo Gomes, Hernâni Cidade e Joaquim de Carvalho*. - Lisboa: Alunos da Universidade de Coimbra, da Faculdade de Letras de Lisboa e do Instituto Superior de Agronomia, 1935; p. 23-28.
60. "Um Inédito do «Judeu»: *El Prodígio de Amarante*" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n.º 435-436 (1935); p. 35-38.
61. "Karl Vossler e a Poesia Portuguesa: A Saúde e a Soledade" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n.º 79. 29 de dez. de 1935, p.1.
62. *Lírica de Camões: Florilégio* / pref. do Dr. Rodrigues Lapa. Lisboa; Gleba [D. L. 1935] . - [8], 72 p.; 20 cm.

63. [Recensão a] *O Desaparecido*, de Carlos Queiroz, poemas / Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 78. - 22 de dez. de 1935, p. 3.
 64. "A Revolução de 6 de Dezembro de 1383 e o Seu Significado Social" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 76. - 8 de Dez. de 1935, p.1.
 65. "O Romance de Amadis: o Tipo Sentimental do Herói" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 74. - 24 de nov. de 1935, p. 5.
- 1936
66. "Cantares Galegos" / Dr. Rodrigues Lapa. // In: *Divulgação Musical* / Emma Romero Santos Fonseca da Câmara Reys. - Lisboa, 1929-1940. - 5 vol. - vol III. - 1936; p. 279-290.
 67. "Uma Ciência Recente: a Psicologia das Multidões" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 94. - 1 de abril de 1936, p. 1.
 68. "A Criação dos Liceus na Reforma de Passos Manuel" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 125. - 15 de nov. de 1936, p. 1.
 69. "A Cultura dos Trovadores e a Instituição dos Jogos Florais" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 99. - 7 de maio de 1936, p. 1 e 4.
 70. "Uma Disciplina Recente: a Literatura Comparada" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 131. - 27 de dez. de 1936, p. 1.
 71. "Emílio Zola: um Exemplo de Escritor-Cidadão" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 121. - 18 de out. de 1936, p. 1.
 72. "Um Episódio das Guerras da Restauração: a Invasão da Galiza em 1665" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. n° 85. - 9 de fev. de 1936, p. 1 e 5.
 73. "Um Grande Problema ao Pé da Porta: a Autonomia da Galiza" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 97. - 3 de maio de 1936, p.1.
 74. "Henry R. Lang" / Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo IV (1936); p. 217-218.
 75. "A Indústria dos Gases: os Empreiteiros da Morte Lenta" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 103. - 14 de jun. de 1936, p. 1.
 76. "O *Jocelyn* de Lamartine: a Poesia do Sacrifício" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 109. - 26 de Jul. de 1936, p. 1.
 77. "Na Europa Desorientada; os Dois Pacifismos" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 93. - 5 de abril de 1936, p. 1.
 78. "No IV Centenário de Gil Vicente: um Que Amou o Povo e por Amor Dele Desceu à Rua" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 89. - 8 de mar. de 1936, p. 1 e 7.
 79. "No Segundo Aniversário: Introdução à Leitura de *O Diabo*" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 105 - 28 de jun. de 1936, p. 1.

80. "Para um Melhor Aproveitamento da Inteligência" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n.º 81. - 12 de jan. de 1936, p. 1.
81. [Prefácio a] *Divulgação Musical* / Emma Romero Santos Fonseca da Câmara Reys. - Lisboa, 1929-1940. - 5 vols. - vol. III. - 1936; p. VII-X.
82. "Os Problemas da Cultura: a Tradução de Livros Estrangeiros" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n.º 114. - 30 de ago. de 1936, p. 1.
83. "Os Problemas da Cultura: o Analfabetismo" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n.º 118. - 27 de set. de 1936, p. 1 e 8.
84. [Recensão a] *Altportugiesisches Elementarbuch*, von Joseph Huber, Heidelberg, C. Winter, 1933/Rodrigues Lapa.// In: *Rev. Lusitana*. - Lisboa. - vol. XXXIV (1936); p. 300-312. Reed. in: *Miscelânea* 1, p. 283-295.
85. [Recensão a] *Baionetas da Morte*, por Antônio Bôto / Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n.º 110. - 2 de ago. de 1936, p. 2.
86. [Recensão a] *Canções e Outros Poemas*, por Antônio Pedro; A poesia de Antônio Pedro, por Garcia Domingues; *De Marinetti aos Dimensionistas*, por Dutra Faria; *Índia e Indianos*, por Lúcio de Miranda / Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n.º 107. - 12 de jul. de 1936, p. 3.
87. [Recensão a] *As Cartas da Religiosa Portuguesa* por José Cerqueira de Vasconcelos, Lisboa, Nunes de Carvalho / Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n.º 92. - 29 de mar. de 1936, p. 6.
88. [Recensão a] *Um Dia e Outro Dia...*, por João Falco, Lisboa, *Seara Nova* / Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. n.º 93. - 5 de abr. de 1936, p. 4.
89. [Recensão a] *As Encruzilhadas de Deus*, por José Régio / Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n.º 96. - 26 de abr. de 1936, p. 4.
90. [Recensão a] *Isabel de Aragão, Rainha Santa*, por Vitorino Nemésio / Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n.º 117. - 20 de set. de 1936, p.6.
91. [Recensão a] *Mãe e Filho: a Arte de Ser Mãe*, por Ferreira de Mira / Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n.º 95. - 19 de abr. de 1936, p.5.
92. [Recensão a] *Roda do Tempo*, por Dutra Faria, Lisboa, *Revelação* / Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n.º 94. -12 de abr. de 1936, p.7.
93. [Recensão a] *São João Subiu ao Trono*, por Carlos Amaro, 2a ed., Lisboa, *Seara Nova* / Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n.º 84. - 2 de fev. de 1936, p. 5. Reed. in: *Seara Nova*. - Lisboa. - n.º 466 (1936); p. 158.
94. [Recensão a] *20 Motivos de Beleza*, por Antônio Gameiro / Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n.º 100. - 24 de Maio de 1936, p. 5.
95. "Troveiros e Trovadores" / Dr. Rodrigues Lapa. // In: *Divulgação Musical* / Emma Romero Santos Fonseca da Câmara Reys. Lisboa, 1929-1940. - 5 vols. - vol. III. - 1936; p. 531-537.

1937

96. "Alguma Coisa de Novo Sobre o Poeta Gonzaga" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 534 (1937); p. 115-117.
97. *Amadis de Gaula* / Sel., trad., argumento e pref. de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1937. - XV, 93 p.; 19 cm. (Textos Literários; Autores Portugueses) .
Publicado também in: *Seara Nova*. - Lisboa. - n.º 500-503 (1937) ; p. 367-371; n° 506 (1937); p. 33-36, 52-55, 73-76, 96-97, 114-116, 154-157.
98. *Cartas Familiares* / D. Francisco Manuel de Melo; sel., pref. e notas pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. - Lisboa: Sá da Costa, 1937. - XXVII, 291 p.; 18 cm. - (Coleção de Clássicos Sá da Costa) .
99. "A Filosofia do 'Vencidismo'" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 137. - 7 de fev. de 1937, p. 1.
100. *Marília de Dirceu e mais Poesias* / Tomás Antônio Gonzaga; com pref. e notas do Prof. M. Rodrigues Lapa. - Lisboa: Sá da Costa, 1937 - XXXVI, 267 p.; 19 cm. - (Coleção de Clássicos Sá da Costa) .
101. *Obras Completas* / Francisco Sá de Miranda; texto fixado, notas e pref. pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. - Lisboa: Sá da Costa, 1937. - 2 vol.; 19 cm. - (Coleção de Clássicos Sá da Costa) .
102. *Panegíricos: Panegíricos de D. João III e da Infanta D. Maria* / João de Barros; texto restituído, pref. e notas pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. - Lisboa: Sá da Costa, 1937. - XXXI, 223 p.; 18 cm. - (Coleção de Clássicos Sá da Costa).
103. "O Processo do Vencidismo em *Os Maias* de Eça de Queiroz" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 139. - 21 de fev. de 1937, p.1.
104. *Quadros da Crônica de D. João I* / de Fernão Lopes; seleção, pref. e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1937. - 93 p.; 18 cm. - (Textos Literários: Autores Portugueses). 2a ed. acrescent. - Lisboa: [Seara Nova], 1938. - 98 p.; 18 cm. - (Textos Literários: Autores Portugueses).
105. [Recensão a] *Uma História de Província: Vida Conjugal*, por João Gaspar Simões / Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. n° 136. - 31 de jan. de 1937.
106. [Recensão a] *Maria Peregrina*, por Adolfo Faria de Castro; *O Moderno Pensamento Lusitano*, por João Calazans; *Victoria (Brasil): Homenagem a Fernando Pessoa*, por Carlos Queiroz / Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 132. - 3 de jan. de 1937, p. 7.
107. [Recensão a] *As Pobres Suzanas*, por Manuel de Campos Pereira / Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. - n° 140: - 28 de fev. de 1937, p.7.

108. *O Soldado Prático* / Diogo do Couto; texto restituído, pref. e notas pelo Prof. M. Rodrigues Lapa: - Lisboa: Sá da Costa, 1937. - XXXII, 251 p.; 18 cm. - (Coleção de Clássicos Sá da Costa) .
109. "O Tricentenário do *Cid* e o Significado Atual do Drama de Corneille" / de Rodrigues Lapa. // In: *O Diabo*. - Lisboa. n° 133. - 10 de jan. de 1937, p. 1 e 5.

1938

110. "A Academia e o Romance Ana Paula" / Rodrigues Lapa, // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 591 (1938); p. 175-177.
111. *Anais de D. João III* / Frei Luís de Sousa; com pref. e notas do Prof. M. Rodrigues Lapa. - Lisboa: Sá da Costa, 1938. 2 vol.; 19 cm. (Coleção de Clássicos Sá da Costa).
112. "Canções de Trovadores" / Dr. Rodrigues Lapa. // In: *Divulgação Musical* / Emma Romero Santos Fonseca da Câmara Reys. - Lisboa, 1924-1940. - 5 vol. - vol. IV. - 1938; p. 417-422.
113. "Um Problema da Vida de Gonzaga: a Sua Estada na Baía" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 567 (1938); p. 47-49.
114. [Recensão a] *Glória: uma Aldeia do Ribatejo: Ensaio Etnográfico*, por Alves Redol, Lisboa, 1938 / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 587 (1938); p. 104-105.
115. [Recensão a] *Volkstum und Kultur der Romanen*, Hamburg, tomo X (1937) / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 574 (1938); p. 229. O tomo da revista citada é de homenagem ao Dr. José Leite de Vasconcelos.

1939

116. *Apólogos Dialogais: I Relógios Falantes* / D. Francisco Manuel de Melo; pref. e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1939. - 68 p.; 18 cm. - (Textos Literários).
117. "Ares da Serra" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 632 (1939); p. 255-257; n° 635 (1939); p. 295-296; n° 680 (1940); p. 55.
118. *Cartas Espirituais* / Frei Antônio das Chagas; seleção, pref. e notas pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. - Lisboa: Sá da Costa, 1939. - XXXI, 259 p.; 18 cm. - (Coleção de Clássicos Sá da Costa) .
119. "Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão" / trad. e apresentação por Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. n° 620 (1939); p. 26-28.
120. *O Descobrimento da Índia: Ásia, Década I, Livro IV* / João de Barros; com pref. e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1939. - XVI, 112 p.; 19 cm. - (Textos Literários).

121. *As Melhores Poesias do Cancioneiro de Resende* / sel., pref. e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1939. - 111 p.; 19 cm. - (Textos Literários: Autores Portugueses).
Florilégio do Cancioneiro de Resende 2a. ed. Lisboa: [Seara Nova], 1944.
122. "Pela Estrada Militar" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. Lisboa. - n° 614 (1939); p. 263-265.
123. *Poesias / Sá de Miranda*; seleção, pref. e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: Seara Nova, 1939. - 109 p.; 19 cm. - (Textos Literários).
124. [Recensão a] *Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa*, por Vasco Botelho do Amaral, Porto, 1938. 2 vol.; *Estudos Vernáculos*, por Vasco Botelho do Amaral, Porto, 1939 / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 603 (1939); p. 55-56.
125. "Sobre a Essência do Classicismo" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 619 (1939); p. 3-4; n° 621 (1939); p. 44-46.
Reed. in: *As Minhas Razões*, p. 66-79, com o título: "Da Essência do Classicismo".
126. "Sobre a Impertinente Questão do Vernáculo" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 605 (1939); p. 94-95.
- 1940
127. *Crestomatia Arcaica* / seleção, pref. e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1940. - XVI, 83 p.; 18 cm. - (Textos Literários).
128. *Dom Duarte e os Prosadores da Casa de Aviz* / seleção, pref. e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1940. - XVI, 65 p.; 18 cm. - (Textos Literários).
2a ed. acrescentada. - Lisboa: [Seara Nova], 1957. - XVI, 73 p.; 18 cm. - (Textos Literários).
129. *Éclogas* / Bernardim Ribeiro; sel., pref. e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1940. - XV, 45 p.; 17 cm. (Textos Literários) .
2a ed. acrescentada. - Lisboa: [Seara Nova], 1942. - XVI, 55 p.; 18 cm. - (Textos Literários) .
130. *Líricas / Luís de Camões*; sel., pref. e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1940. - 86 p.; 19 cm. - (Textos Literários).
2a ed. correta e aumentada. - Lisboa: Seara Nova, 1945. - XVI, 94 p.; 19 cm. - (Textos Literários) .
131. *Prosas Históricas* / Gomes Eanes de Zurara; sel., pref. e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1940. - XVI, 57 p.; 18 cm. - (Textos Literários) .
132. [Recensão a] *A Linguagem de Fialho*, por Cláudio Basto, Porto, Claridade, 1940 / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 686 (1940); p. 159.

133. *Sermão de St^o Antônio aos Peixes* e Carta a D. Afonso VI / Padre Antônio Vieira; com pref. e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1940. - XVI, 79 p.; 18 cm. - (Textos Literários).

1941

134. "Da Origem, Significado e Estética do Frei Luís de Sousa" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n^o 707 (1941); p. 175-178.
135. *Frei Luís de Sousa* / Almeida Garrett; com o texto revisto, notas e pref. de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1941. - XV, 95 p.; 18 cm. - (Textos Literários) .
136. *Palmeirim de Inglaterra* / Francisco de Moraes; seleção, argumento, prefácio e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1941. - XV, 81 p.; 18 cm. - (Textos Literários) .
137. "Palmeirim de Inglaterra, um Romance Contra as Mulheres" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n^o 745 (1941); p. 131-134.
138. *Poetas do Século XVIII: árcades e pré-românticos* / seleção, pref. e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1941. - XV, 83 p.; 19 cm. - (Textos Literários). 2a ed. rev. e aumentada. - Lisboa: [Seara Nova], 1958. - XV, 91 p.; 19 cm. - (Textos Literários).
139. [Recensão a] *Ansiedade*, de Joaquim Paço d'Arcos, Lisboa, Parceria Antônio Maria Pereira, 1940 / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n^o 702 (1941); p. 98.
140. *Sátiras* / Nicolau Tolentino; seleção, pref. e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1941. - XVI; 95 p.; 18 cm. (Textos Literários) .
141. *Teixeira-Gomes* / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n^o 741 (1941), p. 67-68.
142. "Vida e Obra de Nicolau Tolentino" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n.º 719 (1941); p. 39-41.

1942

143. *O Atlas Lingüístico de Portugal e Ilhas* / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n^o 790 (1942); p. 211-212.
144. *Historiadores Quinhentistas* / Seleção, pref. e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1942. - XV, 126 p.; 19 cm. - (Textos Literários).
145. "Notas sobre a Historiografia Quinhentista" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n^o 774 (1942); p. 279-282.
146. *Obras Completas* / de Tomás Antônio Gonzaga; ed. crítica de Rodrigues Lapa. - São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. - XLIII, 556 p.; 20 cm. - (Livros do Brasil; 5) .
147. "O Poeta Gonzaga em Moçambique" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n^o 797 (1942); p. 3-5.

1943

148. "Alguma Coisa sobre Exames" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 836 (1943); p. 307-308.
149. *Crisfal* / Cristóvão Falcão; pref. e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1943.-XVII, 79 p.; 19cm.-(Textos Literários).
150. *Frei Luís de Sousa* / Almeida Garrett; ed. crítica baseada nos manuscritos, por Rodrigues Lapa. - Lisboa, Seara Nova, 1943. - 142 p.; il.; 19 cm.
151. "Vida e Obra de Cristóvão Falcão" / Rodrigues Larpa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 819 (1943); p. 35-39.

1944

152. "Carta a um Amigo, a Propósito de uma Colaboração" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 880 (1944); p. 115.
153. "A *História Trágico-Marítima*" / Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 860 (1944); p. 58-60.
154. *Quadros da História Trágico-Marítima* / seleção, pref. e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1944. - XX, 163 p.; 19 cm. - (Textos Literários).

1945

155. *Estilística da Língua Portuguesa* / M. Rodrigues Lapa. - Lisboa: Seara Nova, 1945.- [4], 303 p.; 19 cm.
2a ed. rev. e corrigida. - Lisboa: Livr. Popular de Francisco Franco [s. d.]. - 308 p.; 19 cm.
3a ed. rev. e acrescentada. - Rio de Janeiro: Livr. Acadêmica, 1959. - 243p.; 23 cm. (Biblioteca Brasileira de Filologia; 15).

1946

156. "O Muito Falado e Inexistente Programa da *Seara Nova*" / por M. Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n°s 1000-1007 (1946); p. 81-83.
157. *Peregrinação* / Fernão Mendes Pinto; seleção, pref. e notas de Rodrigues Lapa. - Lisboa: [Seara Nova], 1946. - XIX, 143 p.; 19 cm. - (Textos Literários).
158. "Problemas Universitários: a Inspeção do Ensino Superior" / por M. Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 964 (1946); p. 65-67.

1947

159. "A Propósito de Dois Romances da Vida Colegial" / por M. Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 1024 (1947); pp. 165-167.
160. "Em Busca das Orquídeas" / por Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 1051 (1947); p. 33-34.

1948

161. [Recensão a] *A Demanda do Santo Graal*, ed. por Augusto Magne, Rio de Janeiro, Inst. Nacional do Livro, 1944, 3 vol. / Rodrigues Lapa. // In: *Nueva Rev. de Filología Hispánica*. - México. - Tomo II (1948); p. 285-289. Reed. in: *Miscelânea 1*, p. 296-302 e in: *Miscelânea 2*, p. 355-363.

1949

162. "Em Prol da *Democracia*" / M. Rodrigues Lapa. // In: *O Estado de S. Paulo*. - S. Paulo. - 10, 14, 17, 20, 23 e 24 de setembro de 1949. Reed. in: *As Minhas Razões*, p. 81-118.

1950

163. [Recensão a] *The etymology of portuguese «iguaria»*, by Jakov Malkiel, in: *Language*, vol. XX (1944), p. 108-130; *The word family of spanish «desmoronar», portuguese «esboroar» = crumble*, by J. Malkiel, in: *Publ. of the Modern Language Association of America*, vol LXIII (1948), p. 785-802; *The etymology of hispanic «que(i)xar»*, by J. Malkiel, in: *Language*, vol. XXI (1945), p. 142-183 / M. Rodrigues Lapa. // In: *Bul. des Études Portugaises et de l'Institut Français en Portugal*. - Coimbra. - Tome 14 (1950); p. 316-320.

1951

164. "Homenagem a Castela" / por Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 1204-1207 (1951); p. 433-436. Segue-se uma antologia de textos do escritor galego Alfonso Daniel Rodríguez Castelao (p. 436-451).
165. [Recensão a] *Moamin et Ghatrif: Traités de fauconnerie et des chiens de chasse*, par Håkan Tjerneld, Stockholm, Ed. C. E. Fritze. - Paris, Libr. J. Thiébaud, 1945. / Rodrigues Lapa. // In: *Rev. Portuguesa de Filologia*. - Coimbra.-vol. IV (1951); p. 249-251.

1952

166. "Imagem de Glauceste: Três Sonetos Inéditos" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Anhemi*. - S. Paulo. - n° 23 (1952); p. 235-246.
167. "A Obra Mais Urgente da Galeguidade: o Dicionário da Língua". / M. Rodrigues Lapa. // In: *Galicia*. - Buenos Aires. - n° 466 (1952); p. 17-19.
168. "Sobre a Autoria das Cartas Chilenas" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Diário Carioca*. - Rio de Janeiro. - 21 de out. de 1952, p. 3 e 6.
169. "Sobre a Cantiga da Garvaia" / por M. Rodrigues Lapa. // In: *Cuadernos de Estudios Gallegos*. - Santiago de Compostela.- Tomo VII (1952); p.169-186. Reed. in: *Miscelânea 1*, p. 144-157 e in: *Miscelânea 2*, p.234-256.

1953

170. "Post-scriptum sobre a Cantiga da Garvaia" / Manuel Rodrigues Lapa. // In: *Cuadernos de Estudios Gallegos*. - Santiago de Compostela. - Tomo VIII (1953); p. 139-142. Reed. in: *Miscelânea* 1, p. 158-161 e in: *Miscelânea* 2, p. 255-261.

1954

171. "Das Origens da Poesia Lírica Medieval Portuguesa" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Atas do Congresso Internacional Paulista de Escritores*. - S. Paulo: Sociedade Paulista de Escritores, 1954, p. 3-10.
172. "Nótulas Trovadorescas: I Três Cantigas de Gil Perez Conde" / por Manuel Rodrigues Lapa. // In: *Cuadernos de Estudios Gallegos*. - Santiago de Compostela. - Tomo IX (1954); p. 5-14. Reed. in: *Miscelânea* 1, p. 162-169 e in: *Miscelânea* 2, p. 263-272.
173. [Recensão a] *À Margem da Poética dos Trovadores: o Regime dos Encontros Vocálicos Interverbais*, por Celso Ferreira da Cunha, Rio de Janeiro, 1950 / Manuel Rodrigues Lapa. // In: *Nueva Rev. de Filología Hispánica*. - México. - Tomo VIII (1954); p. 81-86.

1955

174. "Galiza e Portugal: Aspectos da Cultura Galega" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Anhembi*. - S. Paulo. - n° 60 (1955); p. 490-505.
175. "O Problema das Origens Líricas" / M. Rodrigues Lapa // In: *Anhembi*. - S. Paulo. - n° 58 (1955); p. 21-31; n° 59 (1955); p. 243-262. Reed. in: *Miscelânea* 1, p. 202-236 e in: *Miscelânea* 2, p. 7-51.

1956

176. "A data das *Cartas Chilenas*" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Rev. do Livro*. - Rio de Janeiro. - n° 1-2 (1956); p. 17-24.
177. "Figuras da Inconfidência" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Anhembi*. - S. Paulo. - n° 62 (1956); p. 241-259.

1957

178. *Obras Completas* / de Tomás Antônio Gonzaga; [ed. de Manuel Rodrigues Lapa]. - Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957. - 2 vol.; 24 cm. 1° vol. - *Poesias, Cartas Chilenas*. - XL, 323 p. 2° vol. - *Tratado de Direito Natural, Carta sobre a Usura, Minutas, Correspondência, Documentos*. - 348 p.; 7 f. fac-simil.
179. "Para Uma Boa Compreensão Entre Portugueses e Brasileiros" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Jornal do Brasil*. - Rio de Janeiro. - 13 de jun. de 1957. Reed. in: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. - Belo Horizonte. - n° 444 - 1 de mar. de 1975 e in: *As Minhas Razões*, p. 119-125.

180. *Rumo ao Brasil* / Prof. Doutor Manuel Rodrigues Lapa. - Aveiro: [s. n.], 1957. - 16 p.; 23 cm. (Col. José Estêvão; 2) . Discurso proferido num almoço de homenagem e despedida. - Reed. in: *As Minhas Razões*, p.127-132.
181. "O texto das *Cartas Chilenas*" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Rev. do Livro*. - Rio de Janeiro. - n° 7 (1957), p. 7-22.
1958
182. *As Cartas Chilenas: Um Problema Histórico e Filológico* / M. Rodrigues Lapa; com pref. de Afonso Pena Júnior. - Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958. - XLIII, 383 p.; 23 cm.
183. "Subsídios para a Biografia de Cláudio Manuel da Costa" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Rev. do Livro*. - Rio de Janeiro. - n° 9 (1958); p. 7-25.
184. "Tiradentes e Gonzaga" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Rev. do Livro*. - Rio de Janeiro. - n° 10 (1958) .
1959
185. "Algo de Novo Sobre Alvarenga Peixoto" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Rev. do Livro*. - Rio de Janeiro. - n° 14 (1959); p. 7-18.
1960
186. "O Contador Brito e as *Cartas Chilenas*" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Ibérida*. - Rio de Janeiro. - n° 4 (1960); p. 11-22.
187. [Recensão a] *In margine all'edizione di antichi testi portoghesi*, por Luciana Stegagno Picchio, in: *Studi Mediolatini e Volgari*, Bologna, vol. VIII (1960) , p. 255-273 / Rodrigues Lapa. // In: *Grial*. - Vigo. - Ano IV (1966); p. 108-110.
188. *Vida e Obra de Alvarenga Peixoto* / [ed. e pref. por] M. Rodrigues Lapa. - Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. - LX, 307 p.; 24 cm. - (Coleção B3: Biografia; 4).
1961
189. "Um Conflito entre o Governador e a Câmara de Vila Rica em 1783" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Rev. do Instituto Histórico de Minas Gerais*. - Minas Gerais. - vol. VIII (1961); p. 29-46.
1962
190. "O Ensino da Literatura Portuguesa no Brasil: Considerações à Margem de um Concurso em Belo Horizonte" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 1406 (1962); p. 272-276. Reed. in: *As Minhas Razões*, p. 133-147, com o tít. "A Literatura Portuguesa no Brasil: à Margem de um Concurso em Belo Horizonte".
191. [Recensão a] *Le poesie d'amore di Vidal, giudeo di Elvas*, por Luciana Stegagno Picchio, sep. de *Cultura Neolatina*, vol. XXII (1962), p. 40-61

/ M. Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Tomo XXI (1962-1963); p. 359-360.

1964

192. *Cantigas de D. Lopo Lias* / texto preparado pelo Prof. M. Rodrigues Lapa para um curso prático na Galiza. - Anadia: Cisial, 1964.-[2], 16 p.-24cm.
193. "Castelao: um Grande Artista Galego" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Jornal de Letras e Artes*. - Lisboa. - Ano IV, nº 158. - 7 de out. de 1964, p. 5 e 20.
194. [Recensão a] *Le poesie di Ayras Nunez*, ed. crítica ... di Giuseppe Tavani, Milano, Ugo-Merendi, 1964 / Manuel Rodrigues Lapa. // In: *Bol. de Filologia*. - Lisboa. - Tomo XXII (1964-1971); p. 177-185. Reed. in: *Grial*. - Vigo. - Ano VI, nº 22 (1968); p. 482-485.

1965

195. "Ainda, e Sempre, o Nosso Mestre Gil" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Vértice*. - Coimbra. - vol. 35 (1965); p. 699-714. Reed. in: *As Minhas Razões*, p.149-169.
196. *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses* / Edição crítica pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. - [S.l.]: Galaxia, 1965 (Coimbra: Of. da Atlântida Ed.) . - XIX, 767 p.; 27 cm. (Colección Filoloxica). Edição revista e acrescentada pelo Prof. M. Rodrigues Lapa.-[S.l.]: Galaxia, 1970 (Coimbra: Of. da Atlântida Ed.)-IX, 653 p.: 28cm.-(Colección Filoloxica) . - Cf. nº 197.
197. *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer: Vocabulário Galego-Português Tirado da Edição Crítica* / M. Rodrigues Lapa. - [S.l.] : Galaxia, 1965 (Coimbra: Of. da Atlântida Ed.) . - 109 p.; 27 cm. [S.l.]: Galaxia, 1970 (Coimbra: Of. da Atlântida Ed.)-113 p.; 28cm. - Cf. nº 196.
198. "As Jarchas e as Orixes da Lírica Galego-Portuguesa" / Rodrigues Lapa. // In: *Grial*. - Vigo. - nº 7 (1965); p. 92-95.
199. *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval* / M. Rodrigues Lapa. - Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965. - 307 p.; 24 cm. (Biblioteca Científica Brasileira: Coleção de Filologia; VII) .
200. [Recensão a] *Il canzoniere del giullare Lourenço. I Cantigas de amor e cantigas de amigo; II Poesie polemico-satiriche*, por Giuseppe Tavani, in: *Cultura Neolatina*, Modena, vol. XIX (1959), p. 5-33; XXII (1962); p. 62-113 / Rodrigues Lapa. // In: *Grial*. - Vigo. - Ano III (1965); p. 486-488.
201. [Recensão a] *Le poesie di Martin Soares*, por Valeria Bertolucci, in: *Studi Mediolatini e Volgari*, Bologna, vol. X, 1962, p. 9-160 / Rodrigues Lapa. // In: *Nueva Rev. de Filología Hispánica*. México. - vol. XVIII (1965-1966); p. 469-474 .

1966

202. "A proposito di una recente edizione di Johan Ayras de Santiago", por Valeria Bertolucci, in: *Studi Mediolatini e Volgari*, Bologna, vol. IX, 1961, p. 71-100 / Rodrigues Lapa. // In: *Annali dell'Istituto Universitario Orientale di Napoli. Sezione Romanza.* - Napoli. - vol. VIII (1966); p. 323-326.
203. "O trovador D. Lopo Lias: Introdução ao Estudo do seu Cancioneiro" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Grial.* - Vigo. - n° 12 (1966); p. 129-148. Reed. in: *Miscelânea 2*, p. 273-302.

1967

204. "O Balanço à Vida na obra de Raul Brandão" / por M. Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova.* - Lisboa. - n° 1458 (1967); p. 115-116.
205. "Considerações sobre o Ensino e a Investigação nas Universidades" / por M. Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova.* - Lisboa. - n° 1465 (1967); p.346-349.
206. [Recensão a] *Le Cantigas di Juyão Bolseyro*, por Erilde Reali, in: *Annali dell'Istituto Universitario Orientale di Napoli. Sezione Romanza*, Napoli, vol. VI (1964), p. 237-335 / Rodrigues Lapa. // In: *Annali dell'Istituto Universitario Orientale di Napoli. Sezione Romanza.* - Napoli. - vol. IX (1967); p. 313-321.
207. [Recensão a] *Il Canzoniere di Pedro Eanes Solaz*, por Erilde Reali, in: *Annali dell'Istituto Universitario Orientale di Napoli. Sezione Romanza*, Napoli, vol. IV (1962); pp. 167-195 / Rodrigues Lapa. // In: *Annali dell'Istituto Universitario Orientale di Napoli.* - vol. IX (1967); p. 310-312.
208. "Subsídios para o Esclarecimento duma Baralhada Histórica: o Caso de Castela e de Orcellón" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Grial.* - Vigo. - n° 16 (1967); p. 185-190.

1968

209. "A Casa da Ópera de Vila Rica" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Suplemento Literário do Minas Gerais.* - Belo Horizonte. 20 de jan. de 1968.
210. "A Ficha Identificadora Mineira do Século XVIII" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Suplemento Literário do Minas Gerais.* - Belo Horizonte. - n° 80. - 9 de mar. de 1968.
211. "Um Poema Inédito de Gonzaga: *O Naufrágio do Marialva*" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Suplemento Literário do Minas Gerais.* - Belo Horizonte. - n° 92. - 1 de jun. de 1968.
212. "O Poeta e o Inconfidente" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Suplemento Literário do Minas Gerais.* - Belo Horizonte. - n° 119. - 7 de dez. de 1968.

213. "Um Poeta Miliciano do Caeté: Luís Antônio Pereira da Costa" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. - Belo Horizonte. - n° 100. - 27 de jul. de 1968.
214. "Portugueses e Castelhanos em Pitangui: o Padre Jorge de Abreu Castelo Branco" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. - Belo Horizonte. - n° 104. - 24 de ago. de 1968.
215. "Roteiro de Pistas para uma Pesquisa Histórica em Minas Gerais" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. - Belo Horizonte. - n° 76. - 10 de fev. de 1968.
216. "Tiradentes em Lisboa" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. - Belo Horizonte. - n° 120. 14 de dez. de 1968.
217. "Os Versos Anarquistas do Vila Rica" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. - Belo Horizonte. - n° 86. - 20 de abr. de 1968.

1969

218. "Cinco Sonetos de Alvarenga" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. - Belo Horizonte. n° 144. - 31 de maio de 1969.
219. "O Enigma da Arcádia Ultramarina Aclarado por uma Ode de Seixas Brandão" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. - Belo Horizonte. - n° 174. - 22 de dez. de 1969. Reed. in: *As Minhas Razões*, p. 171-182.
220. "A História, os Estoriadores e o Caso de Bárbara Eliodora" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. - Belo Horizonte. - n° 154. - 9 de ago. de 1969.
221. "Verdades e Ficção nas *Cartas Chilenas*: as Festas nos Reais Desposórios" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. - Belo Horizonte. - n° 158. - 6 de set. de 1969.

1970

222. "A Correção Estilística num Poema Tardio de Gonzaga" / Manuel Rodrigues Lapa. // In: *Anais do Primeiro Simpósio de Filologia Românica*. - Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional: Faculdade Nacional de Filosofia, 1970; p. 15-24.
223. "A juvenília de Tomás Antônio Gonzaga" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. - Belo Horizonte. - n° 201. - 4 de jul. de 1970. Reed. no mesmo jornal (n° 445. - 8 de mar. de 1975, p. 8-9) e in: *As Minhas Razões*, p. 193-204.
224. "A Questão do *Amadis de Gaula* no Contexto Peninsular" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Grial*. - Vigo. - n° 27 (1970); p. 14-18.

1971

225. "A Reforma do Ensino" / Prof. Rodrigues Lapa. // In: *República*. - Lisboa. - 9 de mar. de 1971, p. 1 e 13; e 19 de mar. de 1971, p. 1 e 13. Reed. in: *As Minhas Razões*, p. 205-220.
226. "Salvador Lorenzana em Lisboa" / Prof. Rodrigues Lapa. // In: *República*. - Lisboa. - 3 de dez. de 1971, p. 1 e 15.
227. "Tristezas de Portugal" / Prof. M. Rodrigues Lapa. // In: *República*. - Lisboa. - 18 de dez. de 1971; p. 1 e 13. Reed. in: *As Minhas Razões*, p.221-224.

1972

228. "Manuel Maria: um Poeta do Povo" / Prof. Rodrigues Lapa. // In: *República*. - Lisboa. - 21 de jan. de 1972, p. 1 e 13.
229. "O Poeta Camões" / pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. // In: *República*. - Lisboa. - 9 de jun. de 1972, p. 3 e 10. Reed. in: *Grial*. - Vigo. - n° 32 (1972); p. 353-355 e in: *As Minhas Razões*, p. 229-234, com o título: "Presença de Camões", e com a indicação errônea de ter sido publicado no *Diário de Notícias*.
230. "Tristeza ou Sisudez" / Prof. Rodrigues Lapa. // In: *República*. - Lisboa. - 26 de jan. de 1972, p. 1 e 12. Reed. in: *As Minhas Razões*, p. 225-228.

1973

231. "A Recuperação Literária do Galego" / por M. Rodrigues Lapa. // In: *Colóquio: Letras*. - Lisboa. - n° 13 (1973); p. 5-14. Reed. in: *Grial*. - Vigo. - n° 41 (1973); p. 278-287 e in: *Estudos Galego-Portugueses*, p. 53-65.

1974

232. "Considerações sobre a Violência" / por M. Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 1541 (1974); p. 2. Reed. in: *As Minhas Razões*, p.235-238.
233. "Duas Atitudes Face ao Problema do Galego" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Vértice*. - Coimbra. - n°^{os} 367-368 (1974); p. 580-583. Reed. in: *Estudos Galego-Portugueses*, p. 67-71.
234. "Reflexões sobre Males de Raiz" / por Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 1549 (1974); p. 2.
235. "Resposta a um Convite do Sr. Ministro da Educação" / Manuel Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 1544 (1974); p. 13.
236. "Tudo Começou na Baía de Lagos..." / por M. Rodrigues Lapa. // In: *Seara Nova*. - Lisboa. - n° 1545 (1974); p. 3.

1975

237. "Os Amores de Marília de Dirceu" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. - Belo Horizonte. n° 445. - 8 de mar. de 1975. Reed. in: *As Minhas Razões*, p. 253-261.
238. "Uma Forma Dialectal num Soneto de Alvarenga Peixoto" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. - n° 445. - 8 de mar. de 1975, p. 6-7. Comunicação ao Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia, realizado em Porto Alegre de 1 a 7 de set. de 1958.
239. "A Galiza, o Galego e Portugal" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Biblos*. - Coimbra. - vol. LI (1975), p. 45-64. Reed. in: *Estudos Galego-Portugueses*, p. 27-51.
240. "Um Perfil de Tiradentes" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. - Belo Horizonte. - 1 de mar. de 1975, p. 1.
241. "A Recuperação Literária do Galego" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Árvore*. - Porto. - n° 2 (1975); p. 1 e 7. (cf. n° 231). - Reed. com o tít.: "Ainda a Recuperação Literária do Galego", in: *Estudos Galego-Portugueses*, p.73-77.

1977

242. "Língua Portuguesa: a Quantidade e a Qualidade" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Comunidade*. - Lisboa. - n° 1. - 10 de jun. de 1977, p. 1 e 19. Reed. in: *Estudos Galego-Portugueses*, p. 99-102.
243. "Otero Pedrayo e o Problema da Língua" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Grial*. - Vigo. - n° 55 (1977); p. 2-46. Reed. in: *Estudos Galegos-Portugueses*, p. 79-98.

1978

244. "Recordando Alberto de Araújo" / Rodrigues Lapa. // In: *Homens e Mulheres Vinculadas às Terras de Almada, nas Artes, nas Letras e nas Ciências* / Romeu Correia. - Almada: Câmara Municipal, 1978; p. 258-259. Reed. in: *As Minhas Razões*, p. 239-241.

1979

245. "Antônio Sérgio e o Galego" / Rodrigues Lapa. // In: *Diário de Notícias*. - Lisboa. - 12 de jun. de 1979; p. 17 e 18.
246. *Estudos Galego-Portugueses: por uma Galiza Renovada* / Rodrigues Lapa. - Lisboa: Sá da Costa, 1979. - 129 p.; 21 cm. (Noroeste; I) .

1980

247. "Camões e Natércia" / M. Rodrigues Lapa. // In: *Vértice*. - Coimbra. - vol. 40 (1980) , p. 325-332.

1981

248. "Um Rapaz Curioso na Velha Biblioteca Nacional" / Manuel Rodrigues Lapa. // In: *Rev. da Biblioteca Nacional*. - Lisboa. vol. I (1981), n° 1; p. 11-16.

1982

249. *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval* / M. Rodrigues Lapa.-Coimbra: Universidade, 1982.-459 p.; 22 cm. - (Acta Universitatis Conimbrigensis) .

1983

250. *As Minhas Razões: Memórias de um Idealista que Quis Endireitar o Mundo...* / M. Rodrigues Lapa. - Coimbra: Coimbra Editora, 1983. - 308p.; 23 cm.

Lisboa, 1984

(Bibliografia elaborada por Isabel Vilares Cepeda, publicada no vol. II do tomo XXIX (1984) do *Boletim de Filologia*, em homenagem a Manuel Rodrigues Lapa, e aqui reproduzida com supressão de alguns dados acessórios que acompanham vários títulos desta preciosa e sempre justamente estimada produção da Dr^a Isabel Vilares Cepeda, para quem vão os agradecimentos da Comissão Editorial da *Confluência* e dos seus leitores. Na descrição dos itens, seguiram-se as normas desta revista. Inclui-se, no entanto, à presente relação bibliográfica o artigo Inéditos de Cláudio Manuel da Costa publicado em *Colóquio/Letras*, Lisboa, 57, p. 45-48, 1980, que nos foi oferecido gentilmente pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Pereira)

O MEU SAUSSURE¹

Eugenio Coseriu
Universidade de Tübingen

1. Linguístas há que crêem dever muito pouco a outros linguístas, nos quais, imaginam, apenas puderam encontrar a confirmação de suas próprias intuições ou convicções. E até há quem tenha chegado a afirmar nada dever a Ferdinand de Saussure.

Esta não é a minha posição. No meu entender, é muito difícil, na lingüística moderna, não dever nada a F. de Saussure. No que diz respeito à "confirmação de suas próprias convicções" – pela própria natureza da linguagem (que é uma atividade livre do homem) e da lingüística (que se funda no "saber originário" que tem o homem sobre si mesmo e sobre suas próprias atividades livres) – penso que se trata, precisamente, do modo como, nas ciências humanas, se manifestam as "influências" na formação de uma concepção. Por isso, no que me concerne, estou disposto a admitir que muito da validade, e inclusive tudo aquilo que pode ter validade em meus escritos e investigações (enquanto concepção e método), provém de outros linguístas e de vários filósofos da linguagem, através de um processo dialético de síntese cuja base constante de referência tem sido a própria realidade da linguagem, tal como se apresenta à introspecção reflexiva e à observação sistemática. Entendo, portanto, minha concepção como um intento de conciliar, em relação à realidade da linguagem, Saussure e Humboldt, com a ajuda de sugestões que recebi de Sapir e de Hjelmslev, de Menéndez Pidal e de Pagliaro, e – em outro plano (o filosófico e epistemológico) – de Aristóteles, Leibnitz, Vico, Hegel e Croce, principalmente de Aristóteles e de Hegel. E meu critério quanto à interpretação de suas sugestões e à integração numa concepção unitária foi sempre o da "confiança prévia", ou seja: toda concepção e toda tese formulada por cientistas e pensadores autênticos se fundam em alguma intuição certa e contêm seu núcleo de verdade, apesar de eventuais des-

1 Comunicação lida no Congresso realizado pela Associação Galega da Língua, em homenagem a Ferdinand de Saussure (Vigo, 1993). Tradução do original espanhol de Evanildo Bechara.

vios e parcializações na explicitação da intuição. Considero, com efeito, que não tem sentido negar pura e simplesmente – e é de pouca utilidade para a ciência rechaçar como "falsa" tal ou qual distinção ou tese antes de se perguntar (e tratar de averiguar) a que intuição certa corresponde e em que sentido pode ser válida, já que a crítica efetiva e proveitosa é a que em todo caso trata de estabelecer os *alcances* e os *limites* das teses e concepções discutidas. Tal é o critério hermenêutico que tenho aplicado também – e, em certo sentido, principalmente a Ferdinand de Saussure.

Esta minha atitude em relação a Saussure nem sempre tem sido compreendida em seu genuíno sentido. Tem-se-me objetado que em tal ou qual caso "falseava" a concepção saussuriana, que a criticava de um ponto de vista que lhe era exterior, que me propunha diminuir ou negar sua originalidade e validade, que pretendia "banalizá-la", etc. Sem dúvida, a culpa tem sido minha, porque, a partir de certo momento, deixara de explicar meus propósitos e de assinalar que, de fato, continuara trabalhando em bases saussurianas e avançando, tanto quanto possível, pelos caminhos abertos por Saussure. Chegou agora o momento de explicá-lo brevemente.

2. "O meu Saussure" é o Saussure das grandes distinções do *Curso de Lingüística Geral*, que determinaram o desenvolvimento e o progresso da lingüística do século XX; não só da lingüística estritamente saussuriana, mas da lingüística que, aparentemente, ignora a Saussure (mas que, de toda maneira, teve de delimitar-se com relação à lingüística saussuriana). Para mim, as grandes distinções saussurianas não foram objeto de interpretação, e sim marco e guia da investigação. Propus-me, com efeito, estabelecer em que sentido são indispensáveis para qualquer lingüística "realista", isto é, que dissesse respeito à realidade da linguagem.

As distinções de Saussure são, como se sabe, antes de mais nada metodológicas: foram feitas para delimitar a "língua" (*langue*) como objeto da descrição sincrônica sistemática. Para mim, que queria considerar essas distinções em seu sentido "real", levanta-se o problema de saber onde podemos encontrar, na realidade da linguagem, o *sistema homogêneo de oposições*, essa *langue* ideal? Aplicando estritamente as mesmas distinções (tomadas como "reais") e acrescentando outras distinções que se faziam necessárias às saussurianas, acabei por identificar e por delimitar estritamente como objeto da lingüística descritiva imanente (descrição saussuriana ideal) a *técnica livre da língua funcional no nível do sistema de funções e oposições*. Com isto, justificava-se a *fonologia funcional* (já existente), como paradigmática e sintagmática do plano da expressão, e ficavam firmemente fundadas, no mesmo sentido (propriamente saussuriano), a *gramática ou sintaxe funcio-*

nal e a semântica léxica funcional (*lexemática*), para o plano do conteúdo ("signifié").

As distinções indispensáveis para chegar à *langue* entendida nesse sentido são:

a) a distinção entre três planos da linguagem e da "técnica" lingüística (ou "saber lingüístico"): plano universal, plano histórico e plano particular (e, respectivamente, *saber elocucional*, *saber idiomático*, *saber expressivo*);

b) entre "coisas" e "linguagem", isto é, conhecimento das "coisas" (ou do "mundo") e conhecimento da linguagem;

c) entre *metalinguagem* e "linguagem primária".

d) entre *discurso repetido* e técnica livre;

e) entre *arquitetura* e *estrutura* ou variedade (diatópica, diastrática, diafásica) e homogeneidade (sintópica, sinstrática, sinfásica) da língua histórica, com o que a língua funcional passa a ser não só *sincrônica*, mas ainda *sintópica*, *sinstrática* e *sinfásica*, e, finalmente,

f) entre três níveis técnicos: *norma* de realização, *sistema* de distinções e oposições (e, daí, "de possibilidades") e *tipo* lingüístico.

Com tais distinções, deixava-se de lado tudo aquilo que não corresponde ao sistema homogêneo de oposições (o *saber elocucional* e o *saber expressivo*), o conhecimento das "coisas", a *metalinguagem* [uso metalingüístico], o *discurso repetido*, a *arquitetura* ou *variedade* da língua e dos níveis da *norma* e do *tipo lingüístico*). Ao mesmo tempo, a consideração da língua como "técnica" (de acordo com Pagliaro) e, portanto, do sistema como sistema de possibilidades (de acordo com a advertência do próprio Saussure a propósito da analogia) me levava a entender as estruturas lingüísticas não como estáticas, mas como *d i n â m i c a s* (como "modos de fazer"), a justificar a coexistência sincrônica de sistemas idealmente diacrônicos no saber lingüístico de um mesmo falante e a interpretar a sincronia como *funcionar* e a diacronia como *desenvolvimento* (surgir) da língua, desligando estas noções da interpretação estritamente temporal (projeção sincrônica em um momento / linha diacrônica entre vários momentos).

Tudo isto se fez, a rigor, no âmbito do saussurianismo, embora não de um saussurianismo "ortodoxo", entendido como repetição, confirmação e aplicação do dito por Saussure; porém de um saussurianismo dinâmico, entendido como concepção dinâmica que permitia (e sugeria) desenvolvimentos em vários sentidos, ou seja, o que se fez *com* Saussure e não *sem* Saussure nem *contra* Saussure.

3. Por outra parte, se me impunha a necessidade de considerar tudo o que as tais distinções feitas até aqui deixam de lado (ou põem entre parênteses) e, depois de ter identificado as estruturas idiomáticas em toda sua pureza, recuperar para (e nos limites de) uma *lingüística integral* tudo aquilo que funciona no falar e *não é* estrutura idiomática homogênea. Isso, porque desde o início considerei que o que a lingüística tem de explicar é o *falar* fundado no saber lingüístico que nele se manifesta. E o sistema de oposições idiomáticas funcionais é, sem dúvida, fato absolutamente essencial (é a base indispensável do falar), mas não explica todo o falar: não é o saber lingüístico todo. Daí, já em 1955, propus para o *saber elocucional* e *saber expressivo* uma *lingüística do falar* e uma *lingüística do texto*. Quanto à contribuição do "conhecimento das coisas" para o falar, também destacada já em 1955, propus mais tarde uma *lingüística esqueuológica* [do grego *skeuê*, ou melhor *skéuos* 'coisa', 'instrumento', etc.]. No que concerne à metalinguagem, indiquei como necessária uma *gramática do uso metalingüístico*; e no que diz respeito ao *discurso repetido*, uma lingüística elaborada do mesmo (como estudo dos seus tipos gerais e descrição sistemática do discurso repetido pertencente a determinadas tradições idiomáticas). Com respeito à arquitetura da língua, distingui *quatro* disciplinas sincrônicas com objeto próprio: uma disciplina das homogeneidades (*gramática* em sentido amplo, incluindo a fonologia e a semântica léxica estrutural) e três disciplinas da variedade como tal (*dialectologia, sociolingüística e estilística da língua*). Finalmente, com relação à própria língua funcional, esbocei (já a partir de 1952) uma *lingüística da norma* e, mais tarde, uma *tipologia lingüística*. Quanto às aplicações, esbocei uma *deontologia* [do grego *déon* 'dever'] *lingüística* (estudo da correção e da exemplaridade idiomática), uma teoria da política lingüística e da planificação idiomática, uma teoria da tradução e uma teoria do ensino do idioma e da educação lingüística. Ao mesmo tempo, no que concerne à diacronia (em sentido amplo), distingui, com Menéndez Pidal, entre *gramática histórica* estrita (estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo) e *história interna da língua* (estudo diacrônico de uma língua histórica) e, por este caminho, cheguei a interpretar a *história lingüística* (que não exclui, mas que contém as descrições sincrônicas) como efetiva *lingüística integral*. Com tudo isto, por certo, muito me afastei de Ferdinand de Saussure; cheguei até ao pólo oposto do Saussure do saussurianismo "ortodoxo"; porém, conforme creio, também cheguei a isto em contacto permanente com Saussure, e não sem Saussure e muito menos contra Saussure.

AS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII

Maria Filomena Gonçalves
Univ. de Évora-Portugal

1. Apresentação

A historiografia da língua portuguesa constitui ainda um terreno de investigação relativamente pouco explorado, sobretudo quando comparada com a produção respeitante a outras línguas, como o francês, o espanhol ou o italiano, para só mencionarmos o espaço românico. Vários são os fatores que parecem ter determinado, até à data, um certo desinteresse, e por vezes até desconhecimento, por parte dos investigadores. Assim, entre outros fatores, cremos que para isso terão contribuído por um lado a voga de estudos sincrônicos, e, por outro, a reestruturação dos cursos universitários, que já não se denominam de Licenciaturas em Filologia Românica ou Germânica, mas Licenciaturas em Línguas e Literaturas, com uma diminuição das matérias filológicas e conseqüente perda de uma tradição de investigação nessa área. Ainda assim, existem alguns “resistentes”, aqueles que se mantêm interessados nas fontes da memória lingüística do português, e que agora vêm com agrado um ressurgir da investigação historiográfica à luz de novos princípios metodológicos e epistemológicos. De fato, a disciplina ou a área a que se vem chamando de “historiografia lingüística” tem-se colocado ultimamente como área de investigação específica, em parte herdeira da tradição filológica, embora por vezes confundida ou entremisturada com a filosofia da linguagem, com a lingüística, a história das mentalidades e, até, com a lógica. Na nossa perspectiva, a historiografia lingüística é a ciência ou disciplina que reúne os materiais sobre as línguas e o seu tratamento; as “idéias lingüísticas” são o seu objeto, recobrando, portanto, quer a história dos conceitos quer a da metalinguagem que lhes serve de suporte. Como é evidente, este é um domínio muito amplo e diversificado, no qual se pode operar por recortes, ou seja, restringindo o campo de análise, como é o caso da gramaticografia, que constitui um aspecto particular das idéias lingüísticas sem as esgotar. Vamos, de seguida, examinar mais perto a problemática colocada pelas “história das idéias lingüísticas” enquanto ciência consubstanciada num método e num objeto investigativo.

Na linha dos estudos historiográficos desenvolvidos, entre outros grupos, pela equipe de investigação dirigida por Sylvain Auroux, da Universidade de Paris VII (CNRS - Laboratoire de Histoire des Idées Linguistiques), e apoiados numa "neutralidade epistemológica" (Auroux, 1989: 16), assumimos que uma "idéia lingüística" é qualquer forma de saber acerca de uma dada língua, num determinado momento, resultando quer de uma reflexão verdadeiramente metalingüística, quer dizer, representada e manipulada por meio de uma metalinguagem, quer, ainda, como fruto de uma atividade "epilingüística"¹, isto é, produto de uma atividade não explícita (Auroux, 1989: 18, 35). Assim definida, a noção de "idéia lingüística" respeita não apenas a qualquer conhecimento fundado na "ciência lingüística", a partir portanto do século XIX com o comparativismo, mas também todos os outros conhecimentos transmitidos pela tradição (Auroux, 1989: 35). Existem basicamente dois tipos de saber metalingüístico: a) de natureza especulativa, no campo da representação abstrata; b) de natureza prática, resultante da necessidade de adquirir um determinado domínio (por ex. domínio de uma língua, o domínio da escrita, etc.), para desenvolver determinadas técnicas (por ex. as regras a aplicar) e desenvolver competências, como é o caso dos tradutores (Auroux: *ibid.*). Resta-nos ainda tratar da questão metodológica. O "historiador lingüístico" tem como tarefa principal fazer o levantamento ou a inventariação das obras, isto é, recensear o maior número possível de documentos ou fontes. É claro que esta tarefa coloca, só por si, problemas tanto de ordem externa como de ordem interna (Delesalle, 1986: 13). A problemática interna inerente à constituição do inventário inclui por ex. a questão da exaustividade que implica o reconhecimento, à partida, de que o inventário está em permanente atualização, tornando-se por isso difícil a sistematização da análise das obras. Por outro lado, é preciso atender a que uma teoria é sempre, embora em graus diferentes, condicionada pelas teorias anteriores, aquilo a que se chama o "horizonte de retrospecção" (Auroux, 1989: 9). Assim, no respeitante à história da gramática, não é possível considerar a história de um dado texto, sem nos reportarmos aos seus antecedentes. Ao problema da exaustividade, acresce-se também o da determinação das fontes fecundadoras de determinadas obras, e bem assim a tentativa de explicação das transformações conceptuais e terminológicas constatadas.

Quanto à problemática externa, convém atender, na medida do possível, não só à relação das obras com as instituições (escolas, academias, ordens religiosas, etc.) que as promoveram, as difundiram ou simplesmente as

1 Segundo Auroux (1989: 35), o termo "épilinguistique" foi adotado por Culioli, em 1968, para referir o saber inconsciente de qualquer falante acerca da sua própria língua.

utilizaram; a atividade profissional dos respectivos autores e as condições sociais e econômicas que poderão ter facilitado ou dificultado o desenvolvimento de determinadas idéias (Delesalle, 1986: 12).

Transferindo todas estas fases metodológicas para uma história das idéias lingüísticas sobre a língua portuguesa, é de sublinhar que muito se tem avançado ultimamente no tocante ao recenseamento dos textos, progresso que se deveu especialmente a um recente conspecto bibliográfico que, sem esgotar a pesquisa, veio colmatar uma enorme lacuna: trata-se da utilíssima *Historiografia Gramatical (1500-1920)*, compilada por Simão Cardoso (Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1994). Não seria justo, no entanto, deixar de mencionar contributos anteriores, como o de José Leite de Vasconcelos², ou o dos brasileiros Silveira Bueno³ e Rolando Morel Pinto⁴.

Quanto ao tratamento das obras inventariadas, o atraso pode medir-se pelo reduzido número de estudos publicados. Na verdade, a investigação tem incidido, por um lado, e compreensivelmente, sobre as primeiras gramáticas vernáculas – a de Fernão de Oliveira e a de João de Barros –, publicadas respectivamente em 1536 e 1540, e por outro lado, sobre a *Grammatica Philosophica* de Jerônimo Soares Barbosa (1822). Estes são, de resto, os autores que engrossam a bibliografia disponível. Sobre as restantes épocas, encontramos poucos estudos sistemáticos, embora seja de registar, particularmente no campo da gramaticografia, um crescente interesse por parte de investigadores estrangeiros, como é o caso de Dieter Woll⁵ e de Barbara Schäfer⁶, com artigos em publicações de grande circulação internacional. De tudo isto se depreende que, não obstante o seu estatuto internacional e a longa tradição gramatical da língua portuguesa, a sua divulgação em publicações prestigiadas, ao lado de estudos sobre outras línguas, não se encontra ao nível desejado. Encerramos aqui esta introdução, transferindo es-

2 Cf. "A Filologia Portuguesa. Esboço Histórico". *Opúsculos*, vol. IV *Filologia (Parte II)*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 841-919.

3 Cf. *Formação Histórica da Língua Portuguesa*, 3a ed. revista. São Paulo: Edição Saraiva, 1967.

4 Cf. *História da Língua Portuguesa*, 4º vol.- Século XVIII. São Paulo: Editora Ática, 1988.

5 Cf. Portugiesisch: Grammatikographie. *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol. VI, 2, Tübingen: MaxNiemeyer Verlag, 1994, 649-672.

6 Cf., entre outros, "Sprachtheorie und -beschreibung in der *Theoria do Discurso* von Antônio Leite Ribeiro. *Variatio Linguarum. Beiträge zu Sprachvergleich und Sprachentwicklung. Festschrift zum 60. Geburtstag von Gustav Ineichen*, Ursula Klenk et alii, Stuttgart: Steiner, 253-260; "Contribution à la grammaire idéologique au Portugal". Schlieben-Lange, Brigitte, et alii, *Europäische Sprachwissenschaft um 1800. Methodologische und historiographische Beiträge zum Umkreis der "idéologie"*, Band 2. Münster: Nodus, 101-117; "A escola sensualista passou de moda". Die französischen Ideologen bei Manuel Pinheiro de Almeida e Azevedo. Schlieben-Lange, Brigitte et alii, *Europäische Sprachwissenschaft um 1800. Methodologische und historiographische Beiträge im Umkreis der "idéologie"*. Band 4, Münster: Nodus, 1994, 209-222.

tas questões para o terreno da historiografia da língua portuguesa referente ao século XVIII.

2. O "corpus"

Partindo do volume de obras publicadas em setecentos, aqui focaremos aquelas que nos pareceram ser as grandes linhas de força da reflexão e da terminologia metalingüística daquele século, a saber, a problemática da codificação lingüística, a questão do purismo e a da consciência lingüística. Estas duas vertentes resultam da constatação de que, no inventário das obras do século XVIII, predominam essencialmente as gramáticas, os compêndios de ortografia e os dicionários, obras que funcionaram na época como veículos da "norma", quer dizer, como agentes da "codificação lingüística", nos quais estão consubstanciados os principais paradigmas do ideário lingüístico. A predominância numérica determinou, portanto, a natureza das obras a considerar, no sentido de captarmos a "dinâmica" da codificação lingüística, aqui entendida como o conjunto de princípios que assistiram à constituição e à difusão de uma idéia de "norma", com vista à unificação e à hierarquização dos vários usos. Esta codificação lingüística é representada em três vertentes, cuja relação reside, desde logo, no fato de assentarem na língua escrita, e de terem caráter prescritivo; são elas: a gramaticografia, a ortografia e a lexicografia. À gramática cabia o estabelecimento de regras sobretudo nos domínios da morfologia e da sintaxe, correspondendo, pois, à arquitetura estrutural da língua, ou ao que se imaginava que ela devesse ser; à ortografia tocava-lhe a fixação de um sistema gráfico enformado por determinados princípios, tais como a etimologia, a analogia e o uso; finalmente, nos dicionários fazia-se a listagem do léxico, disponibilizando-o segundo um formato alfabético e uma rede de remissões internas, ao mesmo tempo que se prestavam informações oriundas das vertentes anteriores, ou seja, fornecendo noções de ordem gramatical e/ou ortográfica.

O corpus que apresentaremos a seguir, resulta, porém, de uma segunda seleção⁷: da primeira, realizada com base no inventário geral das obras do século XVIII, partimos para uma escolha, ainda mais restritiva, em função da qual retivemos as obras que não só testemunhassem a codificação lingüística e o purismo, mas também revelassem os paradigmas ideológicos dominantes da época considerada e sua transformação. Da ponderação destes

7 Lembramos que estas notas sobre as idéias lingüísticas setecentistas constituem apenas a apresentação de um programa de investigação mais amplo.

aspectos, juntamente com o trânsito editorial (o número de edições e as instituições promotoras) e o impacto das obras (o número de citações ou de referências de que foram objeto), chegamos ao seguinte "corpus":

– *Gramáticas:*

1732 - João de Moraes Madureira Feijó, *Arte Explicada*.

1770/71 - Antônio dos Reis Lobato, *Arte Explicada da Grammatica Portugueza*.

1783 - Bernardo de Lima e Melo Bacelar, *Grammatica Philosophica*.

1799 - Pedro José de Figueiredo, *Arte Explicada da Grammatica Portugueza*.

1799 - Pedro José da Fonseca, *Rudimentos da Grammatica Portugueza*.

– *Ortografias:*

1734 - João de Moraes Madureira Feijó, *Orthographia ou Arte de Escrever e Pronunciar com Acerto a Lingua Portugueza*.

1736 - D. Luís Caetano de Lima, *Orthographia da Lingua Portugueza*.

1767 - Frei Luís do Monte Carmelo, *Compendio de Orthografia*.

1770 - João Pinheiro Freire da Cunha, *Breve Tratado da Orthografia (...)*

1783 - Francisco Felix Carneiro Souto-Maior, *Orthographia Portugueza*.

1783 - Bernardo de Lima e Melo Bacelar, *Orthographia Philosophica*.

1790 - Francisco Nunes Cardoso, *Arte da Orthographia Portugueza*.

1790 - Francisco Nunes Cardoso, *Exame Critico das Regras de Orthographia Portugueza*.

– *Dicionários:*

1712-1728 - Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez e Latino*.

1783 - Bernardo de Lima e Melo Bacelar, *Diccionario da Lingua Portugueza*.

1789 - Antônio de Moraes Silva, *Diccionario da Lingua Portugueza*.

1798/99 - Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Elucidario das Palavras, Termos e Phrases que em Portugal Antigamente se Usaram e que Hoje Regularmente se Ignoram*

1793 - Academia Real das Sciencias, *Diccionario da Lingoa Portugueza*.

Excluimos as obras que pela sua natureza, pela variedade das matérias tratadas, ou pelo fato de apenas terem sido publicadas no século seguinte, não se enquadram especificamente em uma das vertentes apontadas. Tal é o caso do rico e polêmico *Verdadeiro Método de Estudar* (1746/1747), de Luís Antônio Verney, do *Ensaio Crítico sobre qual seja o uso prudente das palavras, de que se servirão os nossos bons escritores do século XV e XVI e deixar os que depois se seguirão até ao presente*, de Antônio Neves Pereira (1793), das *Reflexões sobre a Lingua Portugueza*⁸ (1842) de Francisco José Freire e, finalmente, do *Glossario das Palavras e Frases da Lingua France-*

sa (...) (1816) e o *Ensayo sobre Alguns Synonimos de Lingua Portugueza* (1824-1828), ambos do Cardeal Saraiva (Fr. Francisco de São Luís)⁹.

3. A problemática externa

Ao fazermos a introdução aos pressupostos metodológicos e epistemológicos da historiografia lingüística, já nos referíamos aos problemas externos colocados por uma determinada obra ou por um "corpus" de obras. Com respeito à época de setecentos, teremos de considerar a relação dos textos metalingüísticos com vários aspectos do contexto cultural e político da época. Desse quadro, destacamos sobretudo que o ensino das línguas - talvez devesse dizer o ensino do latim - estava nas mãos dos Jesuítas, que desde o século XVI tinham adotado como manual escolar a Gramática de Manuel Álvares (1572), texto que conheceu uma enorme aceitação, chegando a ter 320 edições em todo o mundo¹⁰. Esse mesmo texto deu origem a variadíssimos outros, as chamadas "Explicationes", quer dizer, obras que lhe serviam de elucidação, entre as quais se conta precisamente a *Arte Explicada* (1732), de Madureira Feijó. O ensino da língua materna tinha, portanto, um estatuto de inferioridade face ao do latim, a língua de todos os atos relevantes da vida social e cultural, de que são exemplo os ofícios religiosos e os textos científicos. Na verdade, o estatuto do ensino do português vai ser oficializado graças a um ato político do Marquês de Pombal, ministro de D. José I, que acabou por ter imensas repercussões pedagógico-didáticas e culturais, refletindo-se também na história de alguns dos textos que aqui nos ocupam.

Referimo-nos, claro está, à expulsão dos Jesuítas em 1759, e à subsequente proibição dos seus manuais de ensino, especialmente da gramática alvarística e explicações, seguida da sua substituição por um conjunto de obras indicadas nas *Instrucçoens para os professores de Grammatica Latina* (cf. figura 1), com a mesma data do Alvará Régio de 28 de Junho de 1759.

8 A obra foi publicada postumamente, na Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, no século XIX, mas havia sido escrita pelo escritor arcádico na segunda metade do anterior, inscrevendo-se no ideário de setecentos. Dela possuímos em Évora o manuscrito a partir do qual Heliodoro da Cunha Rivara, diretor da Biblioteca desta cidade, fará a edição que também prefaciou.

9 Como demonstrou Mário Vilela (cf. bibliografia), apesar da data de publicação das obras, as concepções lingüísticas do Cardeal Saraiva enquadram-se ainda no ideário lingüístico setecentista.

10 Se atendermos à ampla difusão desta gramática assim como à variedade de países em que foi editada, sem exagero poderemos afirmar tratar-se de um caso de universalidade de um gramático português. Vide, Telmo Verdelho, *Historiografia Gramatical e Reforma do Ensino. A propósito de três centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal*, Separata de *Brigantia*, 2,4, 1982, pp.347-383.

A este, seguir-se-á a reforma dos "Estudos Menores". Estas disposições legais, nomeadamente a oficilização por Alvará de 30 de setembro de 1770, da *Arte da Grammatica da Língua portuguesa*, de Antônio José dos Reis Lobato, alteraram substancialmente o quadro pedagógico, uma vez que elas significaram uma promoção da língua materna, abrindo portas para a "democratização do acesso à palavra escrita e para um alargamento da participação na vida pública" (Verdelho, 1982: 28). Não se tratou da simples substituição de manuais por questões políticas - o afastamento da Companhia de Jesus, passando os Oratorianos¹¹ à esfera de influência do poder -, mas sim de uma mudança na concepção do papel da língua na educação e como manifestação do poder. O "iluminismo" (a Aufklärung) é a corrente de pensamento subjacente a estas transformações. Dessa modernidade temos, para além das fontes invocadas por Lobato, sinais no próprio prólogo da *Arte da Grammatica da Língua Portuguesa*, onde surgem referências às "nações cultas", às "luzes da Filosofia" bem como repetidas apologias do ensino da língua materna, precedendo o do latim, como de resto já tinham defendido Amaro de Roboredo¹², em 1619, e Contador de Argote¹³, em 1721 (a 2ª ed. é de 1725). No plano lingüístico, as concepções de Lobato decorrem sobretudo da influência da racionalização logicista da gramática geral. Das fontes das obras aqui consideradas falaremos, no entanto, mais adiante.

Passemos agora às questões internas.

4. Problemática interna

A problemática interna das obras que apontamos como manifestações da codificação lingüística no século XVIII diz respeito à estruturação interna de cada uma delas, quer dizer, à maneira como o ideário lingüístico se plas-

11 Note-se que alguns dos livros recomendados para o ensino do latim, do grego, do hebraico, da retórica, etc. eram da autoria de oratorianos ou de seguidores desta Congregação, como é o caso de Antônio Pereira de Figueiredo, cujo *Novo Methodo de Grammatica Latina, para uso das Escolas da Congregação do Oratorio na Real Cas de N. Senhora das Necessidades* (Ordenado e composto pela mesma Congregação. Lisboa, Na Ofic. de Miguel Rodrigues), de 1752, passou a ser a gramática oficial para o ensino do latim, em substituição das gramáticas dos jesuítas.

12 Cf. *Methodo Grammatical para todas as Linguas*. Lisboa: Pedro Craesbeeck. Na verdade esta obra deve ser uma adaptação para português do manual do irlandês William Bathe. Esta obra, assim como a *Porta de Linguas*, cujo título dá continuidade a uma antiga tradição medieval da "Ianua Linguarum", constituem um antecedente "avant la lettre" da gramática comparativa, ou pelo menos uma herança dos exercícios de comparação multilingue, que de há muito era praticada. A verdade é que Roboredo faz já algumas referências ao Brocense, Francisco Sánchez de las Brozas, cuja *Minerva* fornecerá algumas das bases da *Gramática* de Port-Royal, fato que parece reforçar a idéia de que o português Roboredo, ainda que tímida e incipientemente, aponta no sentido da revolução racionalizante registada a partir da publicação, em 1660, da *Grammaire Générale et Raisonné*.

13 Cf. *Regras da Língua Portuguesa Espelho da Latina*.

mava na organização e na terminologia de suporte das gramáticas, das ortografias e dos dicionários. Trata-se, por um lado, da análise dos textos quanto ao seu programa metodológico (patente muitas vezes nos prólogos ou nas introduções das obras) e sua organização interna (aquilo a que tradicionalmente se chama de "partes da gramática"); por outro lado, trata-se também das relações de uns textos com os outros, enquanto reflexos dos dados externos anteriormente referidos.

4.1. A vertente gramatical

Na vertente gramatical são de destacar dois momentos marcados por dois textos - o de Lobato (1771) e o Melo Bacelar (1783) -, que representam uma clivagem, embora a diferentes níveis, relativamente às gramáticas subsidiárias do modelo latino, que se apoiavam na aplicação à língua portuguesa do sistema de declinações e de casos. Para além das razões acima apontadas, o primeiro destes textos, a *Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa* de Lobato, reveste-se de enorme interesse na historiografia lingüística, pelo fato de a sua introdução constituir uma verdadeira declaração de princípios, ou seja, um programa ideológico em que são mencionadas inclusivamente as fontes doutrinárias. Se é verdade que desde sempre os gramáticos afirmaram a originalidade das suas obras, também não o é menos que essa declaração nem sempre se traduzia em transformações reais do conteúdo e da terminologia das obras; mas em Lobato é de salientar o explícito enquadramento num programa pedagógico-didático oficial (o Alvará do Marquês de Pombal), como já referimos, e numa corrente de pensamento subjacente às influências reivindicadas como coordenadas ideológicas. Examinemos, pois, o teor dessa introdução. Por um lado, são de assinalar as expressões usadas como manifestação do espírito iluminado, de que são exemplo as referências às "*Nações cultas, às razões e verdadeiras causas da Lingua Portuguesa, causas e razões da língua, à doutrina dos grammaticos mais celebres, que com as luzes da Filosofia examinarão a natureza, e propriedades das palavras*", ou, em fim, "*a larga especulação com que examinei as causas, e usos da Lingua Portuguesa, seguindo as doutrinas de Sanches, Perizonio, Vossio, Scioppio e Lanceloto, por excederem estes célebres Grammaticos aos antigos em examinarem filosoficamente as materias, pois he certo, que sem o socorro da Filosofia se não póde conhecer perfeitamente a natureza das partes da oração*". As declarações ideológicas mais reiteradas na *Introdução* são, todavia, a apologia do ensino da gramática da língua materna, por um lado, e, por outro, a racionalização dos princípios, formuladas nos seguintes termos: (...) *na Grammatica materna, de que o uso nos tem ensinado a prática das suas regras, sem dificuldade se aprendem*

muitos principios, que são communs a todas as linguas (...) (cf. p. X-XI); ainda (...) os Mestres das escolas de ler, de ordinario não tem a instrucção necessaria para ensinarem a fallar, e escrever a Lingua Portugueza por principios. Do que provém sahirem das escolas os seus discipulos cheios de irremediaveis vicios, assim no pronunciar, como em escrever as palavras Portuguezas (...). Sómente se poderia evitar este tão grande prejuizo, se se approvassem para Mestres das sobreditas escolas pessoas, que tivessem perfeito conhecimento dos principios da Lingua Portugueza e, para finalizar, Mas ninguem se admire que sendo tantos os clamores, com que homens tão doutos publicação a necessidade de escolas da Grammatica materna, não tenham sido estes até agora ouvidos; por quanto o desprezo da Grammatica materna procede do erro, em que quasi todos estão, de julgar superfluo o trabalho de aprender pelo uso de regras aquillo mesmo, de que já o uso lhes ensinou a prática; não advertindo, que em matéria nenhuma se póde fallar sem medo de errar, faltando o governo das regras; pois ainda aquelles, que sabem a Grammatica da sua língua natural, se não livram de defeitos" (Cf. p. XVI). Para além destas afirmações, estritamente no plano da estrutura interna da gramática, quer dizer, no tratamento das suas partes principais, a saber, a "Etymologia" e a "Syntaxe"¹⁴, e bem assim na "descrição" ou apresentação dos fatos da língua, a gramática de Lobato continua presa ao modelo latino da flexão em declinações e em casos, pelo que as renovações não são verdadeiramente estruturais, mas tão só pontuais.

O segundo marco gramatical de setecentos é a *Grammatica Philosophica da Lingua*¹⁵ *Portugueza* (1783), de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, um franciscano que se cartou com o arcebispo de Évora, Frei Manuel do Cenáculo, uma das mais destacadas figuras intelectuais do século XVIII. Trata-se de um breve tratado de apenas 56 páginas, se contarmos também a *Orthographia Philosophica* que a segue, e que, sem apresentar um prólogo tão extenso e esclarecedor quanto o da gramática de Lobato, não deixa de nos informar acerca do espírito que lhe determinou quer o título quer a estru-

14 Quanto às outras partes referidas pelo gramático - a ortografia e a prosódia -, Lobato tencionava tratar a ortografia separadamente, o que não chegou a fazer, embora pelo menos em uma edição datada de 1842, com o título de *Grammatica Portugueza do Bacharel Antônio José dos Reis* (Emendada dos erros, que por longo tempo lhe amontoou o descuido typographic, e augmentada nesta privativa edição com o tractado d'Orthographia ultimamente seguida dos nossos mais abalisados escriptores, Lisboa, Typographia de S. J. R. da Silva), a gramática contenha uma parte sobre a ortografia, capítulo que lhe foi acrescentado por José Joaquim Bordalo, editor do texto. Com respeito à prosódia, esta não figura exatamente com esta designação, mas na qualidade de "Proêmio", e o seu tratamento é muito reduzido em comparação com o das outras partes.

15 Na Europa, já antes desta obra tinham sido publicadas obras com títulos semelhantes. Veja-se: Gaspar Schopp (Scioppius), *Grammatica Philosophica* (1628, 1664, 1704).

tura interna. Assim, quando no título deparamos com o termo "arrazoadamente" logo seguido, no prólogo, de referências a um "novo método, e reflexões novíssimas, e importantíssimas" (atente-se na superlativação), detectamos nitidamente os sinais da vinculação desta gramática ao logicismo de Port-Royal e ao iluminismo lingüístico, patentes igualmente no prólogo do *Diccionario da Lingua Portuguesa* de Melo Bacelar pela referência à "iluminada França". Estes indícios são depois confirmados já pela definição do conceito de gramática já pelo seu conteúdo, sendo que a primeira confirma explicitamente a tendência racionalista do gramático, ao apresentar a gramática como *huma collecção de Leis, com que arrazoadamente fabricamos, e dispomos os sons, que communicão aos outros os nossos pensamentos* (p.2), acrescentando que a *Diferença, que tem a Grammatica Philosophica das mais Grammaticas, que pelo commum não são outra cousa mais, que hum'a collecção de Leis, quasi arbitrarias sobre os sons, que communicão os conceitos* (p.2). Por outro lado, o repetido emprego do termo "comunicação" e seu correlato "communicar" coloca a tônica na função comunicativa e no uso coletivo do objeto língua. Disso são exemplo os seguintes passos da *Grammatica: Começáram os homens a traficar, e communicar-se mais, e mais; e para este fim inventárão copia de sons. Destes, e dos innatos derivárão outros: e determinando as leis de os collocar vierão desta sorte a ter huma perfeita língua de communicação, cujo arrazoado, ou discursado regulamento, se chama Grammatica Philosophica* (p. 3). Vale ainda a pena lermos o que segue: *Daqui se segue 1: que os sons regulados são o objeto, e partes da Grammatica Philosophica: 2. que o seu fim he a communicação, que por estes se alcança: 3. que a sua necessidade he igual á da sociedade reciproca: que a antiguidade he coéva a nossos primeiros pais* (p.3).

Quanto ao tratamento das partes da gramática, ele está em consonância com a divisão tripartida da *Oração* (ou *são a proposição*), *que he a unica cousa que o Grammatico pertende fazer*: essas partes são então o "Agente ou Nominativo"; a "Ação ou verbo", e o "Accionado ou paciente". Para além destas, o gramático considera os "Adjuntos" (o artigo, o pronome, a preposição, o advérbio, a conjunção e a interjeição), quer dizer, as partes que "não são essenciais" e "explicam melhor as circunstâncias na oração Grammatical", equivalendo aos sincategoremas dos Lógicos. Apesar de ainda recorrer aos casos latinos, à semelhança da *Grammaire Générale et Raisonnée* (1660), de Port-Royal, e de certos "idéologues" da gramática francesa, para explicar a flexão nominal e as "declinações" dos artigos e dos pronomes, o relevo conferido à função comunicativa da língua, bem como a análise da frase enquanto unidade significativa, em lugar da tradicional divisão em partes do discurso, e, por outro lado, a aplicação do método expositivo, evoluin-

do do complexo para o simples (Torres, 1994: 459-466), são suficientes para concluirmos das mudanças conceptuais introduzidas por este texto na história da gramática portuguesa.

No âmbito da vertente gramatical, vamos ocupar-nos ainda do texto que mais explicitamente assumiu a independência da gramática da língua materna em relação ao modelo latino, já pelo formato da gramática, já pela rejeição da análise das funções sintáticas a partir das declinações e dos casos: trata-se dos *Rudimentos da Grammatica Portugueza*, publicados anonimamente, em 1799, por Pedro José da Fonseca, membro fundador da Academia Real das Ciências de Lisboa¹⁶. Também neste caso, o prólogo constitui um exemplo de declaração de princípios metodológicos e doutrinários, em que a defesa do ensino da gramática da língua materna é a pedra angular das preocupações do gramático, que esclarece o seguinte: *se o estudo da Grammatica da propria lingoa se antecipára, como devêra ser, aos outros, que convém aos primeiros annos de vida, facilitaria muito a percepção das regras dos idiomas estranhos, principalmente as do Latim (...)* (p. V). Ali encontramos também referências à "pureza" da língua. Um dos aspectos diferenciadores deste prólogo é, por outro lado, a longa justificação do corpus exemplificativo ao qual o gramático se refere nestes termos: (...) *todos estes exemplos são tirados dos nossos Classicos, isto he daquelles bons escriptores Portuguezes, que ou pela sua ancianidade, ou por consenso commum fazem autoridade na lingoa, a qual se nos transmittio por elles já formada, e enriquecida com preciosos dotes, gravando lhe juntamente o indelevel character, que tanto a singulariza* (p. XIII). A isto acrescenta-se a estreita vinculação do gramático à tendência racionalizante da *Grammaire Générale* e à teoria sensista de Condillac, patenteada a primeira em expressões como "os elementos do discurso são communs a todas as linguas" (p. V), "a ordem, e solidez dos preceitos, perspicuidade em os expôr, e averiguação dos seus principios (...)" (p. VIII), "(...) para saber as regras não basta entendelas, nem havelas tomado de cór, pois que além disto se faz necessario ter adquirido o habito de as applicar" (p. X-XI), enquanto que a segunda transparece, por exemplo, ao afirmar que "As palavras consideradas como sinaes dos nossos pensamentos são a materia da sobreditta Grammatica" (p.2). Embora a definição de gramática (em geral e em particular) não vá além do conceito de "arte" que "dá preceitos para fallar, e escrever huma

16 A Academia fora fundada em 1779, com o patrocínio da rainha D. Maria I, que aprovou os seus estatutos. Um dos propósitos estatutários era precisamente o de produzir um dicionário e um compêndio ortográfico: o primeiro, de que saiu um tomo em 1793, referente à letra A, ficaria inacabado, e o segundo nunca passou à fase da execução, pelo menos naquela época.

lingoa correctamente, isto he sem erros", esclarece-nos, contudo, que o seu modelo lingüístico parte da observação de determinados usos sociais, dizendo o gramático a esse propósito: "Estes preceitos se formão de observações feitas sobre o modo, com que as pessoas bem educadas, e os bons Autores costumão fallar, e escrever a lingoagem da sua nação" (p.1).

Para encerrarmos, acrescenta-se apenas que esta não é a única obra em que já sobressaem reflexos da influência quer da gramática geral, quer do logicismo¹⁷ e do iluminismo lingüísticos. Na *Arte de Grammatica Portuguesa* (1799), de Pedro José de Figueiredo, encontramos também alguns sinais daquelas tendências, de que é exemplo significativo a apresentação de um resumo ou quadro sintético-analítico (cf. figuras 2 e 3), cujos dados são reunidos por meio de chavetas, um recurso habitual dos autores dos artigos da *Encyclopédie*¹⁸. O traço epistemológico deste período, que em Portugal se estende até para além de meados de oitocentos, é a aplicação da teoria das idéias e da significação aos fenômenos lingüísticos (Aroux: 1973, 48-49), fato que se traduziu num progressivo desenvolvimento da sintaxe, e em particular da análise das proposições, de que o exemplo mais completo e bem sucedido é a *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa* (1822; 1830), de Soares Barbosa, que será copiada e imitada até ao aparecimento das primeiras gramáticas "científicas"¹⁹, nas quais se aplicava a concepção e a metodologia comparativista.

4.2. A vertente ortográfica

A vertente ortográfica da codificação lingüística é a mais representada do ponto de vista numérico. Muitos dos ortografistas de setecentos eram simultaneamente gramáticos, uma vez que nas suas obras incluem frequentemente um capítulo consagrado aos principais aspectos gramaticais, cujo conhecimento tinha implicações no plano gráfico (por ex. a formação do feminino, a formação do plural ou a conjugação verbal com as mudanças vocálicas e consonânticas registadas na flexão). Também se verifica a situação

17 Sobre racionalismo lingüístico e suas manifestações, veja-se o estudo de Daniel Droixhe, *La linguistique et l'appel de l'histoire (1600-1800)*. Genève-Paris, Librairie Droz, 1978.

18 Para além da introdução de um novo formato – o esquema sinóptico apoiado em chavetas, como forma de aglutinar e de racionalizar a informação –, Pedro José de Figueiredo revela as mesmas influências também no tocante aos conteúdos e sua apresentação.

19 Os primeiros textos em que tais orientações são aplicadas ao português, a partir da influência do comparativismo da escola alemã são: *A Lingua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Sintaxe* (1868), de Francisco Adolfo Coelho, que assim introduz o método científico em Portugal, e a *Grammatica Prática da Lingua Portuguesa* (1870), de Augusto Epifânio da Silva Dias.

inversa, quer dizer, as gramáticas incluem, muitas vezes, um capítulo que trata da ortografia, embora não seja esse o caso das que referimos atrás. A relação entre a vertente gramatical e a vertente ortográfica é, pois, muito íntima, intrínseca mesmo, se tivermos em conta a etimologia da palavra *ortografia* (do gr. *gramma* "letra"), isto é " a ciência das letras". Dos ortografistas do século XVIII destaca-se com vantagem Madureira Feijó, tanto pelo número das edições como pela repercussão da sua obra até meados do século seguinte. Já nos ocupamos dele num estudo em que procurávamos demonstrar que a doutrina do ortógrafo se consubstancia num sistema cuja arquitetura compreende unidades de natureza vária (etimológica, analógica e de uso), em estreita articulação com os dados culturais da época do autor. A *Orthographia ou Arte de Escrever e Pronunciar com Acerto a Lingua Portuguesa* (1734) conheceu um trânsito editorial invulgar para aquela época, com reimpressões que vão até pelo menos 1861 (Nova Edição)²⁰, só sendo ultrapassado pelas incontáveis edições da gramática de Lobato. Apesar da proibição da *Arte Explicada* pelo Alvará Régio, note-se que a *Orthographia* de Feijó resistiu sem ser aparentemente afetada pela condenação da gramática do seu autor. Mau grado o espírito barroco, manifestado na superfetação em regras, e sobretudo em exceções resultantes de concessões ao uso, na *Orthographia* já existem indícios de racionalização neoclássica, patentes na apologia da língua portuguesa e no desejo de a devolver a um certo purismo. Quanto ao sistema gráfico adotado na obra, este é dominado pelo princípio etimológico (na aceitação dos grupos gregos e latinos, nos grafemas mudos, etc.) e pela analogia, com pontuais cedências ao uso e muitas arbitrariedades, estando por isso distanciado do princípio fonético que no mesmo século será defendido e praticado por Verney. Para além do conjunto de regras, que elevam ao máximo expoente o peso da componente etimológica do sistema gráfico, tem também muito interesse, em particular para a lexicologia e lexicografia, a listagem de "erros do vulgo" e respectivas "emendas", que constitui a parte mais volumosa da *Orthographia*. Sem constituir uma completa novidade, esta prática cobra em Madureira Feijó um estatuto de exercício paralexigráfico, pela ordenação alfabética bem como pelo tipo de informações contidas nas entradas. Ali deparamos não apenas correções ortográficas, como seria de esperar, mas também esclarecimentos referentes à prosódia (o lugar do acento tónico), elucidações semânticas e informações relativas ao âmbito técnico de algumas palavras. Vejam-se os exemplos seguintes: "*Cathártico* na Medicína he o mesmo que purgante" (p.238); *Fraca-*

20 A título exemplificativo, daremos as datas de algumas impressões: 1739 (2ª: Lisboa e Coimbra); 1781, 1786, 1814, 1815, 1818, 1824, 1836 e 1861 (Nova edição).

ço, ou confôrme a melhor etymologïa usase na significaçã de desgraça repentina" (p.329); "*Espatula*, pen. br. entre Boticarios instrumento de pão para mesclar xarôpes. entre Cirurgoens instrumento de ferro para estender unguentos" (p.304); "*Grutesco*, termo de pintor, e huma pintura, que imita o tosco das grutas. outros dizem Brutesco, e he o mesmo" (p.345). Ao reunir num único compêndio rudimentos gramaticais, regras ortográficas e um "pequeno vocabulário", o autor visava transformar a obra num "vademecum".

A particular estrutura da *Orthographia*²¹ de Madureira Feijó, vai repecutir-se nas obras posteriores, e especialmente no *Compendio de Orthographia* (1756) de Frei Luís do Monte Carmelo (cf. figura 4), que leva ao extremo a listagem do léxico dando continuidade à preponderância do critério etimológico. Também neste caso são tratados aspectos gramaticais (por ex. as partes do discurso e questões como a flexão nominal) como preparação para as regras ortográficas. A abundante inventariação lexical de Monte Carmelo revela-se, no entanto, mais interessante que a de Feijó, sobretudo pela introdução de distinções a respeito dos níveis de língua (por ex. rústico, vulgar, plebeu), nível técnico-profissional e científico ("Mathematica", "Nautica", etc.) ou à arcaicidade dos termos (por ex. Antigo). Acrescente-se, por fim, que tanto Monte Carmelo como Madureira Feijó incluem nos seus vocabulários muitos termos referentes a realidades do Oriente, de África e do Brasil. No final da obra de Monte Carmelo, encontramos ainda uma das primeiras²² descrições dos falares ou dialetos do português europeu, chamados de "vícios da plebe", de acordo com a norma purista da época.

Antes de Monte Carmelo, em 1736, publicara já D. Luís Caetano de Lima uma *Orthographia da Lingua Portuguesa*, que dispensava a componente gramatical e em que o princípio etimológico, numa discreta manifestação de espírito racionalista, era aplicado mais racionalmente do que em Feijó, e, ao contrário deste, no caso de Caetano de Lima, as listagens de exemplos não têm a intenção de constituir um vocabulário. Seguindo igualmente o princípio etimológico, temos ainda o *Breve Tratado da Orthographia* (1770), de João Pinheiro Freire da Cunha, fundador de uma Academia Orthographica, que visava responder à falta de uma norma oficial, e que terá funcionado durante pelo menos trinta e dois anos. Mais original, embora se inscreva também no critério etimológico, é a *Orthographia Philosophica da*

21 Das 553 páginas deste manual, 383 são preenchidas com listas de exemplos ordenados alfabeticamente (Erros comuns da Pronunçiam do vulgo com as suas emendas em cada letra).

22 A primeira, data de 1721/1725 e deve-se a D. Jerónimo Contador de Argote, nas *Regras da Lingua Portuguesa, espelho da Latina*.

*Lingua Portugueza, para se escrever arrazoadamente (...)*²³ (1783), de Melo Bacelar já aqui referido (cf. figura 5). Tal como observáramos na gramática do mesmo autor, a definição de ortografia já não recorre ao termo "arte", dando lugar à noção de *Collecção de Leis, com que arrazoadamente escrevemos, ou representamos em caractéres aos auzentes os sons, accentos e adjuntos, que aos presentes comunicação os nossos pensamentos* (p. 40). Daqui se infere que a escrita é uma forma de comunicação em diferido, isto é, em que o destinador e o destinatário não são compresentes, reiterando-se a insistência na função comunicativa da linguagem e da língua (oral e escrita) como seu objeto. Ortografia filosófica e ortografia sônica – a expressão usa-se no século XIX – não são, contudo, expressões sinônimas, porquanto a tentativa de racionalização das regras ortográficas não significa simplificação ou reforma ortográfica. Ainda assim, o ortógrafo articula o sistema ortográfico em dois níveis: o alfabético (as "figuras representantes") e o extra-alfabético²⁴ (os "Adjuntos") que respeita aos sinais de pontuação.

4.3. A vertente lexicográfica

No domínio da área da lexicografia, referir-nos-emos brevemente ao caso do *Diccionario da Lingua Portugueza*, publicado em 1793 pela Academia Real das Ciências, uma vez que tanto a obra de Bluteau como a de Moraes Silva mereceriam uma atenção mais demorada. O objetivo declarado na "Planta do Diccionario"²⁵, que constitui de resto um verdadeiro programa

23 A gramática acompanha o dicionário do mesmo autor. Em Portugal a expressão "gramática filosófica" conhecerá bastante fortuna no século XIX, enquanto que a expressão "gramática geral" surge em especial como subtítulo da anterior. Vejam-se por ex. os casos de João Crisóstomo do Couto e Melo, *Gramática Filosófica da Linguagem Portugueza*, Lisboa, 1818, Jerónimo Soares Barbosa, *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios da Grammatica Geral applicados á Lingua Portugueza* (Lisboa, 1822; 2a 1830) e Antônio Camilo Xavier de Quadros, *Grammatica Philosophica* (...), Lisboa, 1839; também no Brasil a expressão foi frequente neste tipo de obras. Vide: P. Antônio da Costa Duarte, *Compendio de Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* (...), 2ª ed., Maranhão, 1840; Manuel Soares da Silva Bezerra, *Compendio da Grammatica Philosophica*, Ceará, 1861; Raimundo Câmara Bettencourt, *Epítome da Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, Rio de Janeiro, 1862.

24 No plano alfabético encontram-se as unidades gráficas que estabelecem relações com o sistema fonético-fonológico, ao passo que no plano extra-alfabético incluímos unidades que guardam relações com os sistemas sintático-semântico. Podemos considerar ainda o plano dos morfogramas, quer dizer, das unidades que, no caso do sistema gráfico português, para além de valor fônico têm uma função morfológica, como é o caso do acento que permite distinguir um substantivo de uma forma verbal da mesma família, etc. Em todo o caso, este tipo de unidades é menos numeroso que as restantes, fato que se explica pelo tipo de evolução fonética registada do latim para português, em que o grau de homofonia é incomparavelmente mais reduzido que o do francês.

25 Sobre o conteúdo da planta, veja-se o artigo da autora, *Lexicografia e Ortografia no Dicionário da Academia (1793), XX^e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes* (Actes), Tome IV, Section VI - Lexicographie/Iberoromania, Tübingen, Gunther Narr Verlag, 1993. pp.651-664.

ideológico dos acadêmicos, era fazer um dicionário normativo que visasse "fixar" a língua, "fazer-lhe estável a consistência", a "regularidade" e a "pureza". O exame das entradas dicionarísticas revela que, para além de normativo, ele é também "descritivo" porque aponta os usos existentes e as combinações sintagmáticas possíveis (por ex. o uso de epítetos e a ilustração da regência verbal), atestando assim a sua modernidade quer pela inclusão da gramática no dicionário, quer pela abundante exemplificação textual. Pelas fontes mencionadas, confirma-se igualmente a integração no espírito das luzes. O caráter enciclopédico de que a obra se revestia ficou patente na extensão desproporcionada e anti-econômica de alguns artigos, pelo que os acadêmicos renunciaram à tarefa de terminá-lo. Em todo o caso, este volume (letra A) demonstra claramente uma concepção moderna da técnica lexicográfica, que anuncia os dicionários atuais.

5. As fontes

Um dos aspectos mais interessantes da historiografia lingüística é precisamente a questão das fontes inspiradoras dos autores. A este propósito, convém fazer uma distinção entre as "influências reivindicadas" e as "influências recebidas" por um autor: no primeiro caso, declara-se explicitamente devedor ou seguidor de determinado autor ou corrente, referindo o nome ou mencionando as obras; no segundo caso, podemos encontrar ou uma influência explícita, atestada pela confissão de empréstimos terminológicos ou conceptuais, muitas vezes acompanhados de citações, ou uma influência implícita, quando o autor é mencionado vagamente (por ex. num prólogo ou introdução), sem que todavia se invoque a sua autoridade no tratamento das matérias. Posto isto, vamos passar uma vista de olhos pelas fontes reivindicadas pelos autores acima focados, para nos apercebermos, se não das possíveis influências recebidas – tarefa bastante comprometedoras sobretudo no plano do empréstimo de conceitos –, pelo menos da informação à qual os autores tiveram acesso e do seu grau de atualização.²⁶

Assim, no respeitante a Lobato (1771) registam-se referência a Pierre Restaut²⁷, Claude Buffier e Lancelot, mas predominam os seguintes autores: Francisco Sánchez de las Brozas, o Brocense, autor da reputada *Minerva*

26 Em geral, os nomes dos autores figuram pela ordem em que foram apresentados pelos gramáticos portugueses.

27 Restaut é o autor dos *Principes généraux et raisonnés de la grammaire française avec des observations sur l'orthographe, les accents, la ponctuation et la prononciation* (Paris, 1730). Esta obra teve 30 edições até 1797. Vide, Cf. Amadeu Torres (1994: 53).

(Salamanca, 1587); Vossius²⁸, Perizonius, Scioppio e os autores de Port-Royal. Na pequena gramática de Melo Bacelar (1783) as referências são poucas, mas bastante interessantes; há uma referência a Voltaire, outra à *Encyclopédie* de Diderot e d'Alembert (1756) e à *Encyclopédie Méthodique. Grammaire et Littérature*, 3 vols, Paris, 1782, publicada apenas um ano antes da gramática de Bacelar. Quanto ao acadêmico Pedro José da Fonseca, no prólogo da sua gramática, ele apresenta repetidamente citações de Condillac (*Cours d'Étude*, Tome I-Grammaire)²⁹ et Du Marsais³⁰ (*Principes de Grammaire*). Na *Introdução ao Dicionário da Academia* surgem-nos também algumas referências, e até citações na língua original: de Condillac, no *Cours d'Étude, Discours Préliminaire*; Despréaux, na *Art Poétique*, chant I, v. 161-162; da *Grammatica da Língua Castelhana*, da Real Academia Espanhola; dos portugueses mencionados como autoridade, ressalta, para além de Rafael Bluteau com o seu *Vocabulário Latino-Português*, Fr. João de Sousa, com a sua obra *Vestígios da Língua Arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das Palavras, e Nomes Portugueses, que tem origem Arabica, composto por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa* (1789). É de assinalar também a lista dos autores portugueses referidos como "excelentes modelos da nossa boa linguagem" (Prólogo)³¹

Sem apresentarmos nestas notas uma análise pormenorizada do significado das referências bibliográficas aduzidas pelos autores, um fato parece contudo evidente: os gramáticos portugueses já tinham tomado conhecimento do pensamento lingüístico de além fronteiras, sobretudo de origem francesa, e começavam a imbuir-se, ainda que lentamente, dum espírito 'moderno'. Por outro lado, dos autores mencionados sobressai a referência a Condillac³², cuja *Grammaire* vai constituir precisamente o modelo das gramáticas dos "Idéologues" franceses³³.

28 O seu nome completo é Gerardus Joannes Vossius.

29 A obra aparece assim referida, mas o título completo é o seguinte: *Cours d'études pour l'instruction du Prince de Parme*, Paris, 1775.

30 A respeito deste gramático diz mesmo: "(...) o juízo de um dos gramáticos mais acreditados neste particular como Grammatico, e como Filosofo, o motivo principal. Tudo o que o Mr. du Marsais apropriou aos Grammaticos da sua nação, he transcendente ao de todas as outras" (p. VI). O título completo da obra citada é *Les Veritables Principes de la Grammaire ou nouvelle grammaire raisonnée pour apprendre la langue latine*, Paris, 1729. César Chesneau do Marsais é autor de numerosos artigos em matéria lingüística da "Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences des Arts et des Métiers" (1756) de Diderot et D'Alembert.

31 O recurso às abonações textuais de autores portugueses fora já praticado por Morais Silva.

32 Este foi autor também de "La Langue des Calculs" (1798).

33 Entre eles, contam-se os seguintes: Destutt de Tracy (*Éléments d'Idéologie*, 1801-1815), Domergue (*Grammaire Générale Analytique*, 1796), Sicard e Thiébault (*Grammaire Philosophique ou la Métaphysique, la logique et la grammaire réunis en un seul corps de doctrine*, 1802).

6. Nota final

As vertentes que aqui apresentamos sumariamente representam apenas uma pequena amostra das idéias lingüísticas em Portugal durante o período de setecentos. Muitos aspectos gerais da reflexão lingüística, de caráter mais abstrato, poderiam ter sido tratados – tais como a origem e natureza de signo lingüístico, o parentesco lingüístico, etc.³⁴ –, para procurarmos as raízes mais profundas das vertentes por nós afloradas. Isso ultrapassaria, porém, o objetivo que nos propúnhamos. Da rápida e superficial passagem por alguns textos, possivelmente os menos teóricos e reflexivos do século, porquanto tinham finalidades essencialmente práticas, aquilo a que na introdução chamamos de "desenvolvimento de competências" (por ex. ensinar as regras da morfo-sintaxe, o código da escrita e a disponibilidade lexical), foi ainda assim possível depreendermos algumas conclusões em que as problemáticas externa e interna subjacentes aos textos se entrelaçam. De fato, ficou claro que no ideário lingüístico de setecentos se registra uma notável diferença entre a segunda metade do século, em que a língua portuguesa foi oficialmente promovida, e a primeira, que se prolonga ideologicamente até à década de setenta, mantendo-se presa à tradição metodológica e terminológico-conceitual do ensino do latim, apesar de nesse período ter estalado a polêmica à volta do *Verdadeiro Método de Estudar* (1746/47), de Luís Antônio Verney, que pretendia revolucionar os programas educativos, entre eles o ensino da gramática portuguesa e latina. Na verdade, a influência da *Aufklärung*, por via francesa, só se torna visível em matéria gramatical com a gramática de Melo Bacelar. Apenas daí em diante emerge dos textos o "iluminismo lingüístico", perpassando todas as vertentes veiculadoras da "norma" e evidenciando um "purismo" que visava a "preservação do antigo e bom uso" (Vilela: 1981).

Tanto as gramáticas, como as ortografias e os dicionários tinham a função de regular e normalizar o uso, indicando, portanto, a "norma" ou o "bom uso", que inicialmente se atinham à imitação quer da língua latina, como ideal de perfeição lingüística, quer ao modelo prescritivo que lhe fora aplicado. A consciência lingüística radica precisamente na assunção da língua moderna como um instrumento de comunicação que merece ser descrito, representando também um ideal de "beleza lingüística". A tônica do século é colocada preferentemente na sincronia, quer dizer, foca sobretudo a língua da época dos autores ou próxima da sua, embora desponha, em obras

34 É o que encontramos no estudo fundamental e imprescindível de Fernando Lázaro Carreter sobre *Las ideas Lingüísticas en España durante el siglo XVIII* (Madrid, CSIC, 1949).

que aqui não abordamos, uma linha de "historicismo" (Droixhe: 1978, 156), patente por exemplo nas seguintes: *Vestigios da Lingua Arabica em Portugal, ou lexicon etymologico de palavras e nomes Portuguezes, que tem origem arabica* (1789), de Fr. João de Sousa, no *Ensaio Critico* (1793) de Antônio das Neves Pereira e, sobretudo, no *Elucidário* (1798-1799) de Santa Rosa Viterbo.

Com as luzes da modernidade, enaltecem-se as línguas modernas, à semelhança do Renascimento, mas por razões de ordem diversa, e faz-se a apologia do seu ensino como porta para todas as formas de saber e uma alfabetização mais facilitada. Se é certo que a influência do pensamento iluminista entre os autores portugueses se manifesta tardiamente, já que ela se torna evidente sobretudo no século XIX, não é menos verdade que os textos das últimas décadas do século XVIII são um cadinho de reflexões, precisadas de re-exame e, sobretudo, de serem confrontadas com as "influências implícitas", isto é, com os textos que possam tê-las fecundado. É sobretudo pelo jogo da comunicação entre os textos metalingüísticos, do chamado "intertexto lingüístico", que poderemos descortinar relações, influências, mudanças metodológicas e ideológicas, e detectar as possíveis originalidades do pensamento lingüístico português. Mas, para isso, é preciso que desenterremos os textos esquecidos e reavaliemos os seus conteúdos no âmbito da história das idéias lingüísticas.

*

BIBLIOGRAFIA

- AUROUX (1989), Sylvain. *Histoire des idées linguistiques*, Vol. I. Bruxelles, Mardaga.
- CASTELEIRO (1980), João Malaca. *Estudo Lingüístico do 1º Dicionário da Academia* (1793), *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa* (Classe de Letras), pp.47-63.
- DELESALLE (1986), Simone e Chevalier, Jean-Claude, *La linguistique, la grammaire et l'école* (1750-1914. Paris, Armand Colin.
- DROIXHE (1978), Daniel. *La linguistique et l'appel de l'histoire* (1600-1800). Genève-Paris, Librairie Droz.
- GONÇALVES (1990), Maria Filomena. "Lexicologia e Lexicografia nas Antigas Ortografias Portuguesas". *Colóquio de Lexicologia e Lexicografia* (Actas), 26 e 27 de Junho de 1990.
- (1991). "Algumas Notas sobre a Ortografia Portuguesa no Século XVIII (D. Luís Caetano de Lima)". *Biblos*, vol. LXVII. Coimbra, Faculdade de Letras, pp. 263-273.

- ____ (1992). *Madureira Feijó, Ortografista do Século XVIII. Para uma História da Ortografia Portuguesa*. Lisboa, ICALP.
- ____ (1993). "Aspectos da Antiga Gramaticografia Portuguesa: A Gramática Filosófica de João Crisóstomo do Couto e Melo", in *IV Congresso da Língua Galego-Portuguesa na Galiza (Actas)*, Vigo.
- ____ (1994). "Lexicografia e Ortografia no *Dicionário da Academia (1793)*". *XX^e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes (Actes)*, Tome IV, Section VI-Lexicographie/Iberoromania. Tübingen, Gunther Narr Verlag, pp. 651-664.
- TORRES (1982), Amadeu. "Gramaticalismo e Especulação. A propósito da «Grammatica Philosophica» de Jerónimo Soares Barbosa". *Revista Portuguesa de Filosofia*, tomo XXXVIII- 2 (*Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia*, 1981). Braga, pp. 519-542.
- ____ (1994). "A *Grammatica Philosophica* de Bernardo de Lima e Melo Bacelar". *Revista Portuguesa de Filosofia*, tomo L-1/3. Braga, Faculdade de Filosofia da U.C.P., pp. 459-466.
- ____ (1994). "Ainda a *Grammatica Philosophica* de Bernardo de Lima e Melo Bacelar". Braga, *Homenagem a Lúcio Craveiro da Silva*, pp. 51-59.
- VERDELHO, Telmo. "Historiografia Linguística e Reforma do Ensino". A propósito de Três Centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal, Separata de *Brigantia*, 2, 4, 1982, pp.347-383.
- VILELA (1981), Mário. "A Norma "purista" no século XVIII (com base num exemplo)". *Revista de História*, vol. IV, p. 49-61.
- ____ (1982). "A "ilustração" na teoria da linguagem do Cardeal Saraiva". *Boletim de Filologia*, tomo XXVII. Lisboa, pp. 411-425.

*

RES COMMEMORANDAE

INSTRUCCOENS

PARA OS PROFESSORES

DE

GRAMMATICA LATINA,

GREGA, HEBRAICA, E DE RHETORICA,

Ordenadas, e mandadas publicar

POR

EL REY

NOSSO SENHOR,

*Para o uso das Escolas novamente fundadas nestes
Reinos, e seus Dominios.*



LISBOA,

Na Offic. de MIGUEL RODRIGUES,

Impressor do Eminentissimo Senhor Cardial Patriarca.

M. DCC. LIX.

Figura 1

231

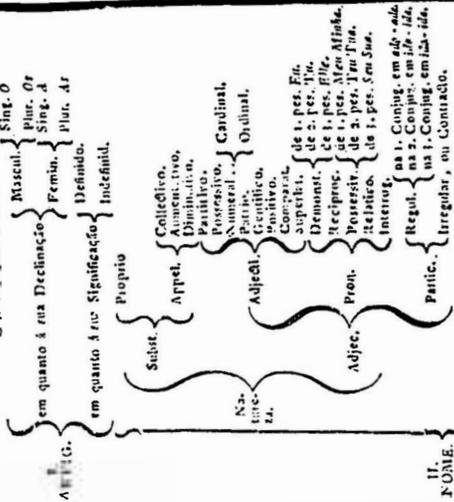
INDICE GENERAL

OC SONSAREEDANALY FICHA DE CUIDA A GRAMATICA PORTUG.

I. TIPO I.

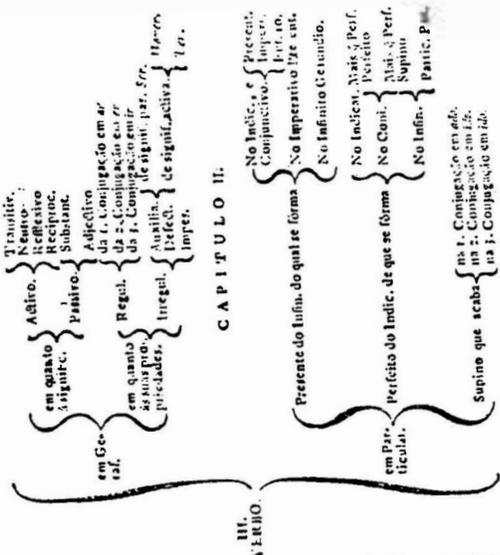
PRIMEIRA PARTE.

CAPITULO I.



SEGUNDA PARTE.

CAPITULO I.



TERCEIRA PARTE.

CAPITULO II.

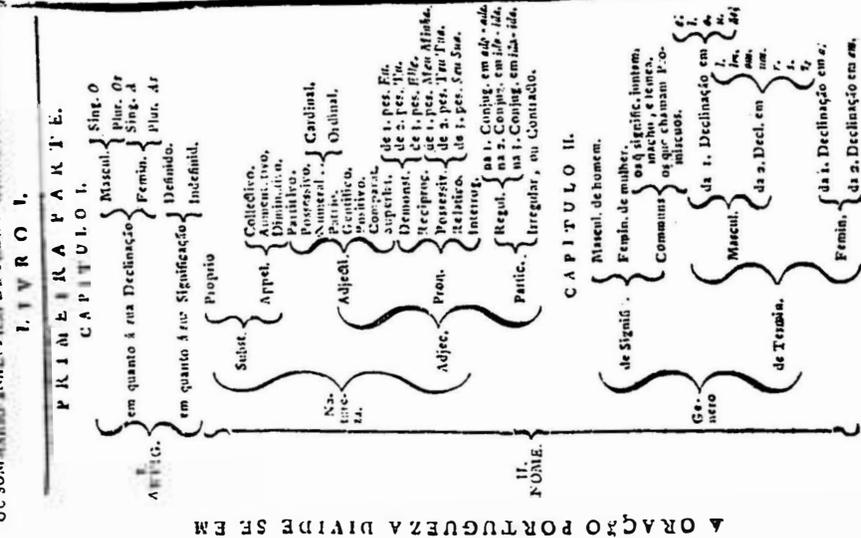


Figura 2

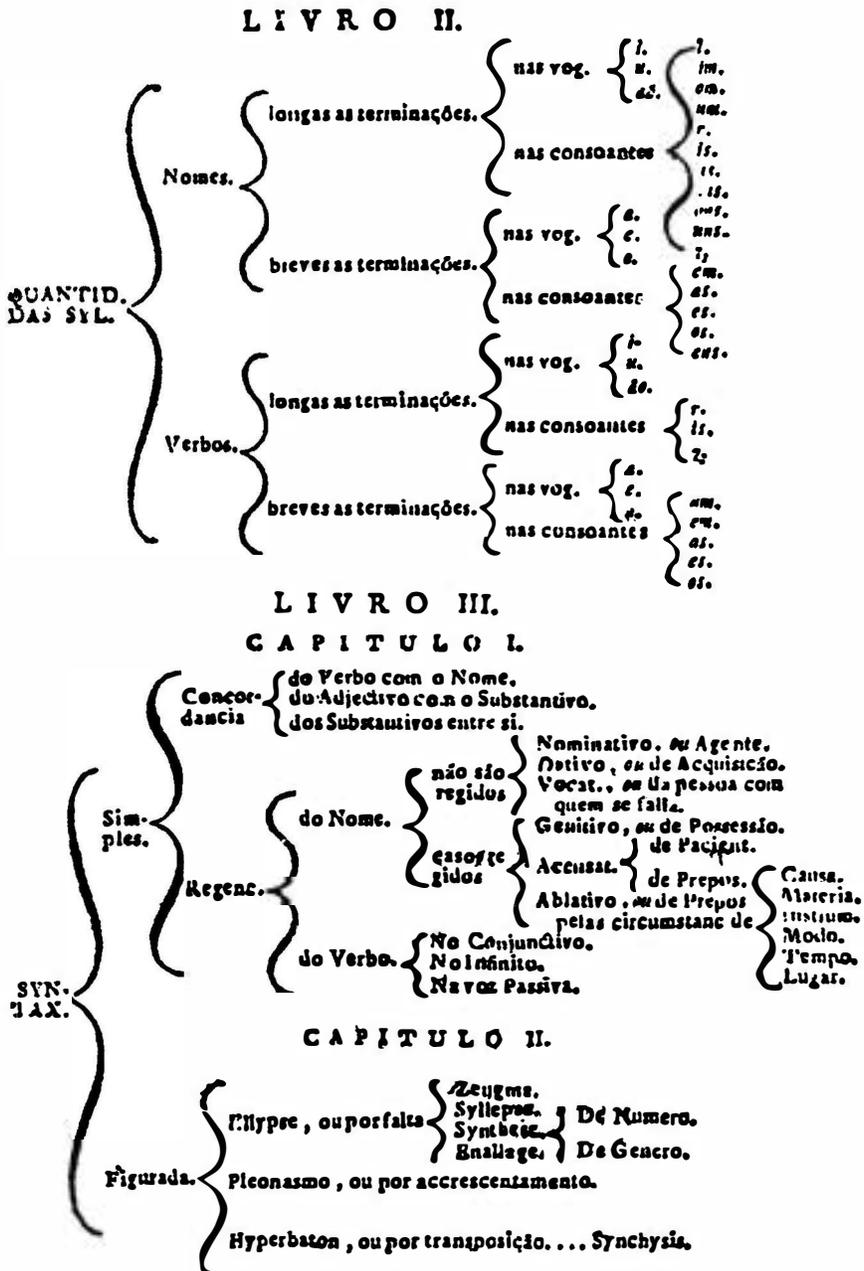


Figura 3

A TRADUÇÃO DE LIVROS ESTRANGEIROS EM PORTUGAL, COM MANUEL RODRIGUES LAPA

Evelina Verdelho
Univ. de Coimbra

Entre a vasta e diversificada bibliografia de Manuel Rodrigues Lapa¹, encontramos escritos breves, de leitura ao alcance do grande público, que com o passar dos anos não perderam interesse e significado. É o caso do artigo "Os problemas da cultura: A tradução de livros estrangeiros", que veio a lume no jornal *O Diabo*, Lisboa, nº 114, de 30 de agosto de 1936, p. 1².

Vários motivos fazem jus a que nos detenhamos neste texto. Desde logo, é de salientar a firme chamada de atenção nele efetuada para a importância da tradução e, em particular, para a função desta na formação cultural dos povos. Não sendo por certo a voz do Mestre da Filologia Portuguesa nem a única, nem a primeira a pronunciar-se sobre esta matéria, merece no entanto ser assinalado que o tenha feito com o relevo de um editorial de primeira página e, principalmente, com a autoridade intelectual e cívica que já na altura possuía³. O enorme incremento que, por todo o orbe e em diversos planos, a tradução atingiu posteriormente, sobretudo na segunda metade

-
- 1 Cf. Isabel Vilares Cepeda, "Bibliografia do Professor Manuel Rodrigues Lapa". In *Boletim de Filologia*. Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, tomo XXIX (Homenagem a Rodrigues Lapa, vol. II), 1984, pp. 595-628.
 - 2 Este periódico, que se apresentou como "Grande Semanário de Literatura e Crítica", começou a ser publicado em 1934 e terminou o seu percurso em 1940. Em 1936 Rodrigues Lapa era o diretor. Nele colaboraram outras figuras marcantes do panorama político e intelectual português da época, como Fidelino de Figueiredo, Raul Proença, Abel Salazar e Antônio Sérgio. Para mais informações sobre *O Diabo*, ver: Clara Rocha, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, pp. 455-457, 651 ; Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Portuguesa do Século XX (1900-1940)*. Lisboa, Grifo, 1996, pp. 129-141 (obs.: esta obra resulta da reformulação do livro anterior do A., *Dicionário das Revistas Literárias Portuguesas do Século XX*. Lisboa, Contexto, 1986; até ao momento foi editado um volume, tendo sido anunciado que se prepara a publicação de outro).
 - 3 Entre as publicações com elementos informativos sobre a biografia do Mestre, assinalamos a seguinte obra, recentemente editada: José Ferraz Diogo, *Manuel Rodrigues Lapa. Fotobiografia*. Anadia, Câmara Municipal de Anadia, Casa Rodrigues Lapa, 1997. Veja-se em especial "Cronologia ilustrada", pp. 25-93.

do século XX⁴, e em especial a alta valorização, que se verifica na atualidade, do seu papel nas relações entre culturas diferentes, põem em ênfase a justeza e a modernidade da tomada de posição de Rodrigues Lapa.

Sublinhamos ainda a idéia exposta no texto de, num país como Portugal, em que grande parte da população tem conhecido só a sua própria língua, haver forte conveniência em se publicar com abundância traduções de qualidade de obras estrangeiras escolhidas. Se é certo que, com o decorrer do tempo, foram preenchidas muitas das lacunas que o Professor apontou, relativas a uma maior divulgação, em língua portuguesa, de autores de outras nacionalidades e línguas, mantêm contudo grande pertinência as considerações que expendeu sobre os requisitos das traduções e dos tradutores, nomeadamente no campo literário.

Acresce que o texto constitui um claro testemunho de traços marcantes da personalidade de Rodrigues Lapa, como o seu profundo empenho na promoção cultural do povo português (particularmente das «camadas populares»), o seu desassombro no enfrentamento de opiniões estabelecidas, e a sua abertura de espírito a horizontes e valores universais.

Dado que atualmente não se tem fácil acesso ao artigo em referência – confinado como está a alguns exemplares de *O Diabo*, que só existirão em limitado número de bibliotecas – vamos transcrevê-lo na íntegra. Retomando depois as observações do Autor, acrescentaremos algumas breves notas, designadamente sobre a sua intervenção na atividade translatória portuguesa, e sobre aspectos do desenvolvimento e do estudo desta, no país, desde a época da publicação do texto até aos nossos dias.

Os problemas da cultura: A tradução de livros estrangeiros – Rodrigues Lapa

A tradução dos livros estrangeiros é – todos o sabem mas ninguém o⁵ diz e repete – uma das condições para a formação da cultura dum povo. Uma nação não pode hoje, como não pôde nunca, mas hoje menos do que nunca, fechar-se em si própria, viver apenas de si, das suas produções materiais e

4 Cf. Francisco José Magalhães, *Da Tradução Profissional em Portugal (Estudo Sociológico)*. Lisboa, Edições Colibri, 1996, I Parte, em particular pp. 21-36. A propósito da importância da atividade translatória no nosso tempo, o A. referiu com oportunidade que Octávio Paz o classificou de "o século da tradução", e que se traduziu "mais no último meio século do que em toda a história da humanidade". (citações de p. 21).

5 Na lição de *O Diabo* ocorre "a", que, por ser "gralha", substituímos por "o". Mais abaixo, vê-se "livraria", em vez de "livrarias", e "incitação", em vez de "imitação", o que também corrigimos. Ao transcrever o texto, limitamos ao mínimo a nossa intervenção.

espirituais. Por muito rica que seja, sempre lhe falta alguma coisa, algo que é indispensável ir buscar lá fora e adaptar cuidadosamente às necessidades cá de dentro. Assim se formam, nos domínios do espírito, as chamadas consciências nacionais: sobre uma camada antiga, quase sempre indeterminável, contribuições vindas de toda a parte.

A nossa cultura portuguesa é das que mais devem às culturas estrangeiras; e é um princípio dessa mesma cultura viver em contato fraternal com as outras, tirar delas elementos vivificadores. Sempre que assim não foi, tornamo-nos pesados, monótonos, sensaborões. Podemos erigir este princípio em lei: somos tanto mais originais quanto mais inteligentemente imitamos as grandes correntes espirituais do estrangeiro. Com uma condição todavia: é que essa imitação não se ja servil, seja apenas um incitamento de forma e não destrua em nós o gênio criador; antes pelo contrário, o suscite e exalte. Se quiséssemos abonar estas afirmações não teríamos mais que percorrer as épocas da nossa cultura, caracterizadas umas pela imitação servil, outras pela assimilação criadora.

Partindo pois deste princípio, da inelutável necessidade que temos em conhecer o que se escreve pelo mundo fora, pergunta-se: – Que se tem feito até hoje para tornar conhecido entre nós o complicado mundo das idéias do nosso tempo? Que livros, daqueles livros fundamentais, que têm comovido a consciência da Europa, se têm traduzido em português? Sei que nos vão objetar: os grandes livros são escritos ou estão todos traduzidos em francês, de modo que a sua versão para a língua nacional é coisa perfeitamente dispensável. É isso que pretendemos discutir, é essa opinião que é necessário destruir.

Não se trata aqui evidentemente dum pequeno escol de privilegiados, que sabem o francês e arranham um pouquinho de inglês ou de alemão. Por muito veneráveis que sejam esses senhores, não pretendem certamente representar a grande massa do país, que só conhece uma língua viva: a sua. Ora, é nessa que lhe devem ser brindadas as grandes criações do gênio artístico e do pensamento dos homens. Mesmo ainda que as camadas populares estivessem um dia aptas para conhecer o francês, o que não é absurdo supor, seria sempre na sua língua. no admirável instrumento que vão criando, que lhes deviam ser apresentadas as traduções. E não por quaisquer motivos de ordem nacionalista. mas por uma razão mais simples: para uma perfeita tradução não pode haver intermediários que alterem a simpatia entre o autor e o leitor.

Seria uma tarefa extremamente instrutiva fazer a estatística dos livros estrangeiros que se têm traduzido e se estão lendo em português. À parte alguns nomes, poucos, de primeira grandeza, como Shakespeare, Molière, Balzac, Zola, Gorki, traduzidos *em tempos* e de modo irregular, por vezes, o que se vê por aí no estendal das livrarias chics e barateiras é do mais reles que se produz lá fora. Muito português só conhece da literatura estrangeira os romances de Richebourg e Pérez Escrich, vendidos em fascículos e entregues ao domicílio, pelo pobre distribuidor, que acotovela na escada a mulher do peixe. Ou, se lê os jornais ainda, e tem meninas fantasiosas em

casa, também se regala com a fancaria literária dos folhetins do *Século* e do *Notícias*. Mais nada, ou pouco mais.

As necessidades do nosso Consultório, seção importantíssima do nosso jornal, talvez nos façam empreender um dia aquela estatística de que falamos acima. Desde já porém podemos afirmar que o que se passa com a literatura francesa, a mais conhecida entre nós, é sob todos os aspectos alarmante. Da literatura clássica, tão importante para a investigação da alma humana, pouquíssimo se tem traduzido, se excetuarmos Molière e uma outrara novela. Os grandes nomes de Corneille, Racine, Pascal, Descartes são desconhecidos do nosso vulgo. Do século XVIII, hoje como que em moda, dadas as suas tendências políticas e sociais, são caríssimas as traduções dum Montesquieu, dum Voltaire, dum Diderot, dum Condorcet, dum D' Alembert. De Rousseau, o homem que enche toda a época e projeta a sua sombra no Romantismo, não conhecemos uma única tradução, pelo menos acessível.

No século XIX está regularmente divulgado Victor Hugo e muito menos Lamartine, um pouco ainda Balzac. As polémicas da nossa escola realista provocaram algumas traduções de Flaubert, Maupassant e Zola; mais tarde surgiram algumas versões dos romances morais de Bourget e de Bordeaux. Da riquíssima literatura atual, nada ou quase nada. Romain Rolland, André Gide, Barbusse, Malraux, Giono, Montherland, Giraudoux, Duhamel, Mauriac, só são conhecidos de alguns poucos intelectuais. O público nunca lhes ouviu pronunciar os nomes. Por que se não abalançam os nossos editores, que estão vivendo do recheio antigo, a traduções destes autores, escolhidos nos diferentes campos ideológicos? Por que não tentam uma vez por outra lançar autênticas obras de arte ?

Enquanto não respondem a resposta desde já sabida da falta de interesse dum público, que nunca cuidaram de educar, vejamos agora outro aspecto do problema: a tradução em si. É lamentavelmente certo que as traduções que aparecem no nosso mercado são por via de regra muito más. Más, não só aquelas que forçosamente o têm de ser, porque em segunda ou terceira mão: – é o caso de alguns livros ingleses, alemães e russos, só traduzidos do francês; más ainda aquelas que são feitas diretamente sobre o original francês. Em geral, o tradutor é um jornalista ou escritor em apuros de bolsa, a quem se encomenda *comercialmente* o negócio; só muito raro um verdadeiro tradutor. Por isso a obra, vertida para a nossa língua, aliás capacíssima, fica deslavada, quando não de todo infiel. Enfim, a verdadeira confirmação do ditado italiano: *traduttore-traditore*.

Ora o problema da tradução tem-se posto modernamente num sentido totalmente contrário ao do famoso ditado. O tradutor, longe de ser um traidor, deverá interpretar fidelissimamente a obra de arte, assimilando o seu estilo, conhecendo a personalidade do autor, e o ambiente em que viveu. O seu trabalho não é humilde e apagado: é um esforço por vezes hercúleo e uma verdadeira recriação. Uma tradução feita nestes termos rigorosos custa tanto ou mais que uma obra original. De sorte que, a vingar este novo

princípio da tradução, vamos ter uma nova categoria de escritores: os que se dedicam exclusivamente a traduzir obras estrangeiras.

Reconhecemos que ainda não chegou talvez o tempo para essa nova espécie de literatos, a quem conviria pagar o que seria devido à sua cultura. O comércio privado não poderia acarretar com as despesas: é lícito porém esperar que um dia o Estado se possa encarregar dessa obra, organizando uma equipe perfeitamente habilitada de tradutores especializados, que trabalhem diretamente sobre as fontes. Nessa ocasião, o povo terá aquilo de que tanto carece: livros bons, que, por entre as canseiras do pão duramente ganho, lhe encham de luz o espírito.

Ao discorrer sobre as traduções em português, disponíveis pelos anos trinta, Rodrigues Lapa aponta e recrimina, como vimos, a insuficiência das mesmas, tanto sob o ponto de vista qualitativo, como quantitativo, dirigindo comentários particularmente críticos às traduções de certos romances publicados em prestações, quer em fascículos, quer em folhetins de jornais. Para nos inteirarmos, documentadamente, da pertinência da visão negativa apresentada pelo Filólogo, percorremos os periódicos que menciona. Nos exemplares dos meses de 1936 que antecederam o artigo, detectamos em *O Século* os romances seguintes: *A Cicatriz Reveladora*, de Albert Jean; *O Porco Espinho*, de Henri Falk; *O Sinete n.º 3* (sem nome de autor). O próprio jornal alerta sobre a espécie de leitura que essas obras oferecem, ao anunciar, por exemplo, *O porco espinho*, como um «folhetim rico de peripécias e com um delicioso fio amoroso (...), a curiosa história de um moço poeta e sonhador que ambiciona a glória». Esse romance abre com a frase «Como é bela uma boa salsicharia!». No *Diário de Notícias* apareceram no mesmo período: *A Morte de Sardanapalo*, de Jean de la Hire; *A filha Adotiva*, de Frédéric Valade; *O Sete de Espadas*, de J. Joseph-Renaud; *A Casa Amaldiçoada*, de Noré Brunel. Todos são invariavelmente recomendados como grandes romances modernos de amor, paixão e mistério. O diálogo de abertura do último, que começou a ser publicado em 10 de maio de 1936, é como se segue: «– Que imprudência! exclamou Diniz ao ver entrar Margarida. Tu aqui, no meu quarto! É uma loucura! – Oh! suplicou ela, leva-me contigo! Partamos! Que me importa a desonra, o que possam pensar de nós?! Que me importa o desprezo e a maldição dos meus se só contigo é que eu posso ser feliz?!».

Compreende-se bem que o homem de letras e cidadão, que Rodrigues Lapa foi, referisse com verbo acusador a tradução de folhetins como os que acima são indicados, e também a tradução de romances de Richebourg e Pérez Escrich (sobreviverão hoje estes autores, para lá dos limites dos artigos que algumas enciclopédias lhes concedem?). Não lhe faltando nem o conhecimento das «grandes criações do gênio artístico e do pensamento dos homens», nem a consciência do interesse do acesso generalizado – e não

apenas de alguns leitores mais favorecidos - a essas criações, nada mais natural que condenasse a leitura preponderante, na época, de fantasias lamechas, para mais servidas em prosa paupérrima e canhestra, e que preconizasse a realização de mais e melhores traduções⁶.

Ao trazer a público a sua apreciação crítica da tradução em Portugal, e ao proclamar a necessidade de se traduzir em maior quantidade e com maior exigência, Rodrigues Lapa exprime, de modo esclarecido e incisivo, uma opinião que era partilhada e levada à prática por outros intelectuais portugueses seus contemporâneos.

É o que se comprova ao percorrer os primeiros três anos de *O Diabo* (1934-1936). Este semanário, além de apresentar, pela pena de diversos colaboradores, artigos sobre autores estrangeiros⁷, publica destes, em língua portuguesa, alguns poemas e trechos de prosa⁸. Essa situação observa-se ainda mais notoriamente na revista *Seara Nova*⁹, em que o Professor colaborou durante um largo período, e que dirigiu, tal como *O Diabo*. Folheando os anos de 1936-1939 da *Seara*, aí encontramos numerosas traduções de textos de teor político, filosófico, pedagógico, técnico e outros, e também, com alguma assiduidade, traduções de textos literários¹⁰. Além disso, o "Grupo Seareiro" editou os *Cadernos da Seara Nova*, com várias seções, entre elas a "Seção de Textos Literários" e a "Seção de Textos Filosóficos", que incluíram, a primeira, traduções de obras como *Plutos*, de Aristófanes (trad. de A. Lobo Vilela), *Siracusanas e Três Idílios*, de Teócrito (trad. de Marcos), e a segunda, *Crítone*, de Platão (trad. de Agostinho da Silva)¹¹.

6 Já antes de publicar o artigo em análise, Rodrigues Lapa deixara em *O Diabo* várias chamadas de atenção para a conveniência de se lerem bons escritores estrangeiros. Assim sucede, por exemplo, na seção "Consultório" do n.º 94, de 12 de abril de 1936, p. 6.

7 Por exemplo, nos números do ano de 1936 de *O Diabo*, vimos textos sobre literatura francesa (Descartes, Lamartine, Rouget de Lisle, Guy de Maupassant, Romain Rolland, Albert Thibaudet, Zola), espanhola (García Lorca, Valle-Inclán), inglesa (Kipling, poetas da época romântica), italiana (Pirandello), alemã (Ossietzky) e russa (Máximo Gorki).

8 Cf., por exemplo, *O Diabo*, ano de 1936, n.º 83, de 26 de janeiro, pp. 3 e 6, tradução de "Sonata de Outono", de Valle-Inclán.

9 Esta "revista de doutrina e crítica" teve início em 1921 e termo final em 1979. Visava "intervir ativamente na vida política do país", em particular pela ação cultural e pedagógica. Entre os seus fundadores contam-se Luís da Câmara Reis, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão e José de Azeredo Perdigão. Veja-se: Clara Rocha, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, pp. 373-377, 643-644; Diogo Pires, *Dicionário das Revistas Literárias Portuguesas do Século XX*, pp. 273-275.

10 Sem falar de pequenas frases de autores como Cervantes, Condorcet, Thomas Mann, André Maurois, Pope, na *Seara Nova* vêem-se, por exemplo, traduções de textos de Richard Browning, Kipling, García Lorca, Renan, Platão e Sócrates. As obras de alguns desses autores mereceram publicação nas coleções seareiras que referimos no texto.

11 As obras mencionadas são publicitadas na *Seara Nova*, por exemplo, n.º 483, de 20 de agosto de 1936, p. 39. Várias outras traduções se seguiram a estas primeiras.

Entre outras críticas, expressas por individualidades do tempo, assinalamos as que se lêem no nº 527 da *Seara Nova*, de 18 de setembro de 1937, p. 455, subscritas por Castelo Branco Chaves, ensaísta e tradutor. Nesse lugar, Chaves teceu comentários negativos a deficiências linguísticas de traduções recentes. Os seus reparos motivaram uma resposta de Maria Archer, escritora e igualmente tradutora, que foi publicada no nº 530 da mesma revista, de 9 de outubro de 1937, pp. 26-27. Embora o sentido geral das palavras de Archer seja de protesto contra o que aquele escrevera, esta mulher de letras não deixou de corroborar a denúncia de «más traduções» feita por Chaves, que, de seguida, no mesmo número da *Seara*, p. 27, ampliou a crítica anterior e se pronunciou a favor da publicação de «boas traduções de excelentes obras estrangeiras».

Como que dando exemplo do trabalho translatório, seletivo e rigoroso, que havia a empreender, Rodrigues Lapa preparou uma versão em português do *Amadis de Gaula*, que publicou em 1937¹². Em matéria de traduções, porém, foi particularmente relevante a sua intervenção na atividade desenvolvida por outros intelectuais.

Num volume que recentemente trouxe à luz a sua correspondência, está incluída uma carta que lhe foi endereçada em 10 de abril de 1937 pelo editor e livreiro Augusto Sá da Costa, em que este dá conta de que Lapa aceitara o convite que lhe fizera para dirigir uma coleção de autores clássicos, cujo projeto editorial expõe ponto por ponto. Sá da Costa propunha-se editar «tanto autores portugueses como estrangeiros, nomeadamente: latinos, gregos, brasileiros, franceses, ingleses, espanhóis, italianos, etc., sendo a relação destes para os portugueses de um terço»¹³. É esse projeto que está na origem da conhecida (e hoje extensa) "Coleção de Clássicos Sá da Costa", na qual, a par de obras portuguesas, figuram, de fato, traduções de obras escritas originalmente em outras línguas, embora em menor número. Entre elas contam-se as seguintes: Homero, *Odisseia*, *Ilíada*, *Poemetos e Fragmentos*; Dante, *A Divina Comédia*; Demóstenes, *Oração da Coroa*; Sófocles, *Tragédias do Ciclo Tebano*: La Bruyère, *Os Caracteres*.

12 *Amadis de Gaula*. Seleção, tradução, argumento e prefácio de Rodrigues Lapa. Lisboa, Seara Nova, 1937, "Textos Literários, Autores Portugueses". Foram feitas várias reedições desta publicação. A tradução do Filólogo apareceu também em vários números da *Seara Nova*, do mesmo ano de 1937 (nº 500 a 512).

Um outro trabalho de tradução assinado por Lapa é a versão da "Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão", publicada na *Seara Nova*, nº 620, de 1 de julho de 1939, pp. 26-28.

13 *Correspondência de Rodrigues Lapa. Seleção (1929-1985)*. Seleção, organização e introdução de Maria Alegria Marques, Ana Paula Figueira Santos, Nuno Rosmaninho, António Breda Carvalho e Rui Godinho. Coimbra, Minerva, 1997. Veja-se a carta nº 64, pp. 79-81. O trecho citado é da p. 80. (Ao citar esta obra, atualizamos a ortografia).

Segundo se depreende da missiva mencionada e de outras que integram o referido volume de correspondência, o Filólogo teve voz decisiva não só na seleção das obras a traduzir, como também na dos tradutores. Assim, em carta de 24 de junho de 1937, Joaquim de Carvalho, emérito historiador e professor da Universidade de Coimbra, agradece a Lapa que se tenha lembrado dele para a tradução do *Discurso* [do método], de Descartes, que diz ter muito adiantada¹⁴; esse texto surgiu na dita coleção, ainda em 1937, mas traduzido por Newton de Macedo (que foi professor na Faculdade de Letras do Porto), conjuntamente com o *Tratado das Paixões*, do mesmo autor francês.

Em outra carta, de 5 de julho desse ano, Vitorino Nemésio comunica-lhe a sua aquiescência à tarefa de traduzir uma seleção de cartas de Madame de Sévigné¹⁵, que veio a publicar em 1939, agradecendo também ter sido escolhido. Pela mesma correspondência é-nos dado verificar que, tanto Vitorino Nemésio, como Joaquim de Carvalho, transmitem ao Professor que Paulo Quintela, então jovem docente da Universidade de Coimbra, aceitaria traduzir Goethe¹⁶. Quintela - além de várias outras traduções de autores alemães, ingleses, etc. - haveria de trazer a público a sua primeira edição dos *Poemas* de Goethe, em 1949, em outra coleção, os "Acta Universitatis Conimbrigensis"; mais tarde, subscreveu a revisão atualizada da versão do *Fausto*, elaborada no século XIX por Agostinho d'Ornellas, que reeditou pela primeira vez em 1953, igualmente nos Acta.¹⁷

No seu artigo, Rodrigues Lapa, depois de aludir às pechas das traduções, faz referência a características do trabalho do tradutor, opinando que este deve possuir preparação especializada, vasta informação e capacidade criativa. Pelo que sabemos, na direção da "Coleção de Clássicos Sá da Costa", o Filólogo agiu, pois, em coerência com as concepções expostas, ao solicitar a colaboração de personalidades como Joaquim de Carvalho e Vitorino Nemésio, ambos docentes universitários e escritores.

Escusado seria observar que, em Portugal, o desempenho da atividade translatória por parte de personalidades altamente qualificadas, no campo das Letras¹⁸, não ficou de modo nenhum confinado ao contexto da "Coleção

14 *Ibidem*, carta n.º 66, pp. 82-83.

15 *Ibidem*, carta n.º 67, p. 83.

16 *Ibidem*, cartas n.º 65, 66, 67, pp. 81-83.

17 Sobre a atividade tradutiva de Paulo Quintela, veja-se ainda infra, p.8, e nota 19.

18 Sobre a variedade de domínios em que, na atualidade, a tradução se realiza, bem como sobre a diversidade de formações curriculares que envolve, veja-se a obra já referida de Francisco José Magalhães, *Da Tradução profissional em Portugal*, em especial pp. 15-17, e pp. 25-36.

de Clássicos Sá da Costa". Sobretudo nas últimas décadas, têm vindo a público numerosas traduções de obras literárias elaboradas por docentes e investigadores universitários, alguns deles simultaneamente poetas e prosadores - como é o caso, por exemplo, entre os mais conhecidos, além de Vitorino Nemésio, de Jorge de Sena e David Mourão-Ferreira. O convívio exigente e constante, pela docência e investigação científica, com as línguas e literaturas das suas áreas de especialização, tem-lhes permitido não só trabalhar «diretamente sobre as fontes», como também valorizar as suas versões com introduções e notas explicativas fundamentadas.

A este respeito – e na impossibilidade de referir aqui, com exaustividade, as abundantes contribuições havidas, no círculo de todas as universidades portuguesas, nas mais diversas áreas lingüístico-literárias, tanto no passado como na atualidade – distinguimos o vasto e valioso contingente de traduções publicadas pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Até ao momento, além de várias versões de textos do humanismo renascentista em Portugal, surgiram trinta e seis volumes de textos clássicos antigos, traduzidos por investigadores deste Centro, na maior parte docentes do Grupo de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da referida instituição universitária. Os dois primeiros volumes apareceram em 1978 e oferecem traduções de duas comédias de Plauto, respectivamente, *Anfitrião*, por Carlos Alberto da Fonseca Louro, e *O Gorgulho*, por Walter de Medeiros; o último, datado de 1993, contém o tratado *A Amizade*, de Cícero, numa versão de Sebastião Tavares de Pinho. Na área das traduções do texto clássico, justifica também menção especial a publicação da *Carta a Pamáquio, sobre os Problemas da Tradução. Ep. 27*, de São Jerônimo, Lisboa, Edições Cosmos, 1995. Esta versão deve-se a Aires Augusto Nascimento, Professor de línguas e literaturas clássicas da Universidade de Lisboa, que assinou, além desta, outras cuidadas traduções de textos latinos.

Ainda como exemplo ilustrativo de atividade translatória exercida com elevada proficiência e fecundidade por docentes e investigadores universitários em Portugal, não podemos deixar de trazer de novo à colação o nome de Paulo Quintela. Este Professor da Universidade de Coimbra, germanista de reconhecido mérito, votou grande parte do seu trabalho intelectual à tradução. Além de assinar versões de obras de Calderón de la Barca, D.-H. Lawrence, Ben Jonson, Molière, Francis Thompson, Gil Vicente, e de obras de Goethe (algumas atrás mencionadas), traduziu ainda vários outros autores de língua alemã, tais como Bertolt Brecht, Hilde Domin, Gerhart Hauptmann, Friedrich Hölderlin, Gottfried Keller, Nietzsche, Rainer Marie Rilke, Nelly Sachs, Friedrich Schiller e Georg Trakl. Com o seu desempenho de tradutor muito beneficiou em particular o teatro em Portugal, que de resto suscitou muitas das suas traduções. Na verdade, graças a Paulo Quintela,

designadamente através do "Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra" (TEUC) – que dirigiu durante largos anos, com notável talento – foi possível entre nós o conhecimento de peças de grandes autores dramáticos de além-fronteiras, em língua portuguesa, e em apresentações de alto nível. Sobre o rol de obras traduzidas por Paulo Quintela, que inclui, ao lado de textos literários, textos de fundamentação teórica em vários domínios científicos (por ex. de Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*), é esclarecedora a "Bibliografia", incluída em *Biblos*, Revista da Faculdade de Letras, Coimbra, vol. LI, 1975, organizado em sua homenagem (ver sobretudo pp. 23 - 28)¹⁹

A perspectiva exigente e rigorosa com que, há mais de meio século, Rodrigues Lapa indicou rumos para a atividade translatória em Portugal, tem estado a ser corroborada nos nossos dias com a criação e funcionamento de diversos cursos de tradução, de vários graus académicos, em escolas privadas e públicas, incluindo as principais Universidades portuguesas, através dos quais se pretende formar, no plano teórico e prático, tradutores competentes, aptos a satisfazer solicitações crescentes e diferenciadas²⁰.

Aspectos de ordem profissional, relativos ao exercício eficiente e dignificado da atividade translatória em Portugal, incluindo aspectos de ordem material – que o Filólogo também considerou, com a sua habitual frontalidade – estiveram na origem da "Associação Portuguesa de Tradutores", criada em maio de 1988. Esta associação tem publicado o *Jornal da APT*, desde o início de 1994²¹.

-
- 19 Sobre a atividade de tradutor de Paulo Quintela, consulte-se ainda: *Paulo Quintela. Exposição bibliográfica*. Organização e catálogo de Maria Alice Curado e Maria Armada de Almeida e Sousa. Coimbra, Faculdade de Letras, 1986; Karl Heinz Delille, Maria Antônio Hörster, Maria Esmeralda Castendo, Maria Manuela Gouveia Delille, Renato Correia, *Problemas da Tradução Literária*. Coimbra, Livraria Almedina, 1986 (em especial pp. 16-18 e 83-116); Maria Antônio Henriques Jorge Ferreira Hörster, *Para uma História da Recepção de Rainer Maria Rilke em Portugal (1920-1960)*. Dissertação de Doutoramento em Literatura Alemã, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993, 2 vols, pp. 102-149 (entre outras informações, encontramos registado, no I vol., p. 102, que P. Quintela, além de vários outros importantes galardões, recebeu o Prêmio Europeu de Tradutor 1985, atribuído pela Fundação FVS de Hamburgo).
- 20 Cf. Francisco José Magalhães, *ob. cit.*, III Parte, pp. 21 3-250, sobre a "Formação do Tradutor Profissional", em Portugal. O A. dá notícia das instituições que, até 1994, têm sido responsáveis, no país, pelo ensino de tradução, nos três níveis de ensino que distingue: básico – institutos de línguas (setor privado) e escolas do ensino secundário (setor público); «tradutorizante» – universidades privadas, universidades públicas e institutos politécnicos; profissional - dois institutos. F. J. Magalhães realizou inquéritos junto das diversas instituições, tendo assim obtido elementos minuciosos que regista, acompanhados de apreciações críticas, sobre as disciplinas, duração e objetivos dos cursos ministrados por cada uma.
- 21 Agradecemos ao atual Presidente desta Associação, Dr. Francisco José Magalhães, a indicação da data da fundação da APT. Agradecemos à Doutora Maria Antônio Hörster o empréstimo da sua coleção do *Jornal da APT*, e também a leitura atenta de uma primeira redação deste trabalho.

No seu artigo, Rodrigues Lapa pretendeu oferecer, compreensivelmente, não uma longa listagem das traduções portuguesas de livros estrangeiros, mas apenas uma visão geral das traduções literárias disponíveis, muito em especial de autores franceses, acompanhada de comentários sobre a sua baixa qualidade, e sobre as carências maiores, como eram as de traduções dos grandes «clássicos do século XVII, de filósofos do século XVIII, e – sublinhe-se – da «riquíssima literatura atual». A disponibilização de informações, muitas vezes abundantes e pormenorizadas, sobre a publicação de traduções em Portugal ocorreu com frequência em *O Diabo*, no espaço de várias seções que tratavam de temas literários, entre elas o "Consultório", que Lapa menciona. Por exemplo, no nº 110, de 2 agosto de 1936, p. 4, e no nº 126, de 22 de novembro do mesmo ano, p. 2, esta seção dá notícias acerca de traduções de, respectivamente, Gorki e Zola. No concernente ao escritor francês, ficaram registados os nomes dos tradutores, chegando-se ao ponto de se avaliar a qualidade de um deles – Eduardo de Barros Lobo, *Beldemónio* – com a observação de que se correspondia com o romancista francês, a quem pedia «informações sobre a boa maneira de traduzir»²².

Como é óbvio, não há cabimento para, neste lugar, dar notícia minuciosa das inúmeras traduções efetuadas em Portugal, desde a publicação do artigo de Rodrigues Lapa até ao momento presente, dos autores que menciona e de muitos outros. Tampouco há espaço para referir, de modo exaustivo, os numerosos estudos entretanto publicados²³, que trouxeram importantes contributos para o conhecimento da amplitude e cronologia da atividade translatória no país, das interferências das obras traduzidas no sistema literário português e da recepção de autores estrangeiros. Limitar-nos-emos, assim, a concluir com uma bibliografia seletiva de publicações sobre a tradução de autores franceses, muito especialmente de alguns que foram referidos pelo Filólogo e Mestre que homenageamos. Os leitores interessados em obter esclarecimentos sobre a divulgação, através de traduções portuguesas, nos tempos mais recentes e também em épocas transactas, de escritores como Balzac, Descartes, Lamartine, Molière, Racine, Rousseau, Victor Hugo e Voltaire, poderão obtê-los diretamente pela mão de investigadores que a esse tema consagraram trabalhos detidos e fundamentados.

22 Não temos a certeza de as informações apresentadas no "Consultório" de 1936 provirem todas de Rodrigues Lapa. Esta seção não é assinada.

23 Temos notícia de estar no prelo, para incluir numa publicação a editar em breve por Walter de Gruyter (Berlim-Nova York), um trabalho relativo à tradução em Portugal e sua incidência na formação da identidade nacional, em que se analisa, entre outros períodos, a atividade translatória portuguesa dos séculos XIX e XX. O estudo deste período é assinado pela Doutora Maria António Hörster.

BIBLIOGRAFIA SELETIVA

Sobre a tradução de alguns autores franceses, em Portugal

- ANDRADE, Antonio Alberto de – "*Descartes em Portugal nos Séculos XVII e XVIII (No 3º Centenário da morte de Descartes)*". In *Brotéria*, LI, 1950, pp. 432- 451 . Incluído posteriormente no volume *Contributos para a História da Mentalidade Pedagógica Portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1982, pp. 169-190.
- CARNEIRO, Maria do Nascimento Oliveira - "*As Traduções Portuguesas de Victor Hugo no Século XIX (Romance e Teatro)*". In *Victor Hugo em Portugal. Actas do Colóquio (No Centenário da sua morte)*. Organização do Prof. Ferreira de Brito, da Fac. de Letras do Porto. Porto, 1987, pp. 249-261 .
- CASTRO, Aníbal Pinto de - *Balzac em Portugal. (Contribuição para o Estudo da Influência de Balzac em Portugal e no Brasil)*. Coimbra, Coimbra Editora, 1960. Ver sobretudo cap. IX ("*Traduções Portuguesas de Balzac*"), pp. 247- 259.
- CIDADE, Hernâni - *Lições de Cultura e Literaturas Portuguesas*. 7ª ed. corrigida, atualizada e ampliada, Coimbra, Coimbra Editora, 1 984, 2 vols. Ver em especial 2º vol., IV, cap. I, III ("*As Traduções - Influência Francesa e Italiana*"), pp. 366-378.
- COELHO, Jacinto do Prado - *Presença da França nas Letras Portuguesas nos Séculos XVIII e XIX* . Rio de Janeiro, 1964. Sep. de *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, nº 25, Março, 1964.
- CRISTÓVÃO, Fernando Alves - "*Presença de Fénelon no Espaço Literário Luso-Brasileiro. Subsídios para um Estudo*". In *Les Rapports Culturels et Littéraires entre le Portugal et la France. Actes du Colloque*. Paris, II - 16 Octobre 1982. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1983, pp. 135-1 50.
- LE GENTIL, George - "*Filinto Elysio, traducteur de Chateaubriand*". In *Revue de Littérature Comparée*, numéro consacré au Portugal, Janvier-Mars, 1938, pp. 83-101.
- LIMA, Henrique de Campos Ferreira - "*Racine et le Portugal*". Lisbonne, Institut Français au Portugal, 1940. Extrait do *Bulletin des Études Portugaises*, numéro spécial, 1940.
- MARTINS, António Coimbra - "*Pombal e Molière*". In *Revista da História das Idéias*, IV, t. II, Coimbra, 1982, pp. 291-319.
- MARTINS, Antonio Coimbra - "*A Propósito de uma Tradução de «George Dandin» atribuída a Alexandre de Gusmão. Subsídios para o Estudo da Projeção de Molière em Portugal*". In *Arquivos do Centro Cultural Português*, I, Paris, 1969, pp. 216-235.

- MARTINS, Antônio Coimbra - "*Rayonnement de Molière au Portugal (1666-1768)*". In *Les Rapports Culturels et Littéraires entre le Portugal et la France. Actes du Colloque. Paris, 11-16 Octobre 1982*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1983, pp. 95-199.
- MARTOCQ, Bernard - "*Molière revu par Castilho: Traduttore, traditore?*". In *Arquivos do Centro Cultural Português*, XXIII, Paris, 1987, pp. 681-708.
- MIRANDA, José da Costa - "*Notas para um Estudo sobre o Teatro de Molière em Portugal (Século XVIII)*". In *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, XIV, 2, Lisboa, abril-junho de 1973, pp.181-236.
- MIRANDA, José da Costa - "*Notas para um Estudo sobre o Teatro de Molière em Portugal (Séculos XIX e XX)*". In *Les Rapports Culturels et Littéraires entre le Portugal et la France. Actes du Colloque. Paris, 11-16 octobre 1982*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1983, pp.171-194.
- OUTEIRINHO, Fátima - "*As Traduções da Obra de Rousseau em Portugal: Texto e Paratexto*". *Línguas e Literaturas*, XII, Porto, 1995, pp. 395-418.
- OUTEIRINHO, Maria de Fátima - *Lamartine em Portugal. Alguns Aspectos da sua Recepção (1840-1890)*. Porto, Instituto de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1992. Sobre as traduções de Lamartine, veja-se em especial pp. 173- 205.
- REBELLO, Luís Francisco - "*Présence do Théâtre Français au Portugal (1700-1980)*". In *L'enseignement et l'Expansion de la Littérature Française au Portugal. Actes du Colloque. Paris, 21-23 Novembre 1983*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1984, pp. 163-173.
- RODRIGUES, A. Gonçalves - *A Novelística Estrangeira em Versão Portuguesa no Período Pré-Romântico*. Coimbra, 1951 . Sep. do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XX.
- RODRIGUES, A. A. Gonçalves - *A Tradução em Portugal*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Instituto Superior de Línguas e Administração, Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada, 1992-1994, 4 vols.
- RODRIGUES, A. Gonçalves - *Victor Hugo em Portugal*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1985.
- Voltaire et la Cultura Portuguesa. Exposition Bibliographique et Iconographique*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1969. Sobre traduções portuguesas de Voltaire, ver pp. 86-106.

ETIMOLOGIAS NUMA VISÃO CULTURALISTA DE SERAFIM DA SILVA NETO¹

Horácio Rolim de Freitas
USU e UERJ

Nunca é demais destacarmos a importância de Serafim da Silva Neto nos estudos lingüístico-filológicos no Brasil e em Portugal. Inúmeras são as contribuições que a ele devemos, desde a monumental História da Língua Portuguesa, ainda sem similar ou substituta em ambos os países, até as etimologias que solucionou, depois de longas pesquisas, sempre sob princípios científicos comprovados. A argúcia e a profunda formação filológica permitiram-no penetrar em vários setores dos estudos lingüísticos, com a competência de mestre. Assim foi em relação à língua portuguesa no Brasil, às diretrizes dialetológicas, à formação histórica da língua portuguesa (desde as transformações do latim corrente), ao tratamento dos textos medievais, ao desenvolvimento da Filologia no Brasil, ao estudo de dialetos crioulos, à direção da Revista Brasileira de Filologia. Tudo realizou com dedicação e paciência de um peregrino. Onde havia dúvidas, imprecisão, ali estava Serafim para desfazê-las.

A Filologia Românica, o alemão, o latim corrente, os textos medievais e outros instrumentos de trabalho eram-lhe familiares. Sabia usá-los e usou-os com mestria. É o que procuraremos comprovar no complexo campo das etimologias.

Antes de apresentarmos algumas etimologias cujas explicações devemos a Serafim da Silva Neto, faremos uma rápida introdução sobre a origem do método de que se valeu o insigne filólogo.

Não desconhecem os estudiosos que a noção de língua como *organismo vivo* dos naturalistas (Schleicher) foi suplantada pela concepção de língua como *atividade social*.

A propósito, lembramos palavras de Schuchardt citadas por Serafim:

¹ Palestra proferida no Liceu Literário Português em 13/6/1996.

"O fenômeno lingüístico, longe de ser linear e simples (como julgavam os neogramáticos) era complexo e, não raras vezes, uma linha quebrada e sinuosa". (apud *Lingua, Cultura e Civilização*, pág.41.)

A Filologia românica teve seus métodos renovados com a prova de campo graças aos trabalhos de Gillièron e à criação da Geografia Lingüística. Advieram daí dois princípios básicos:

- 1º- é possível reconstituir em bases firmes a história da língua;
- 2º- os falares não representam ininterrupta tradição latina, mas sim sofrem há séculos a pressão da *língua comum*.

Destacando as novas conquistas no século XX, no desenvolvimento da Filologia, Serafim da Silva Neto afirma a necessidade do íntimo entrosamento entre a Filologia e a Sociedade, o Folclore, a Literatura e a Sociologia. Daí os estudos lingüísticos terem encontrado o seu verdadeiro e adequado lugar como parte integrante da *história da cultura*.

É oportuno repetir as palavras de Gillèron: "Cada palavra tem a sua própria história."

Este princípio culturalista levou Serafim a uma conclusão: "Dicionário que não faça a história das palavras não passará de um simples catálogo." (apud *Manual de Filologia Portuguesa*, pág. 354)

Em *Estudos Filológicos*, em homenagem a Serafim da Silva Neto, o Prof. Sílvio Elia assim ratifica esse princípio culturalista:

"Na verdade, numa *perspectiva culturalista*, importam menos as tendências (evolutivas) que os fatos, colhidos em acuradas pesquisas ou em investigações de gabinete."

Procurou o Prof. Serafim da Silva Neto estabelecer a história externa do latim provincial, para penetrar-lhe na história interna, de que é exemplo a sua obra *História do Latim Vulgar*.

Cabe, aqui, lembrar as judiciosas ponderações do lingüista Bertil Malmberg:

"As palavras, suas significações e suas alterações devem ser compreendidas em suas ligações com os conceitos de que elas são a imagem. Para a descrição, por exemplo, de língua de população rural, é necessário familiarizar-se com os costumes, as ferramentas e os métodos de trabalho dessa coletividade." (*As Novas Tendências da Lingüística*, pág. 95).

"As investigações sobre a língua e sobre as coisas devem caminhar emparelhadas", conclui Malmberg.

O método conhecido como *Palavras e Coisas* foi utilizado por importantes romanistas, como: Karl Jaberg e Jakob Jud, Gerhard Rohfls, Paiva Boléo, aos quais acrescento Serafim da Silva Neto. Essas pesquisas entre *a lingua e as coisas* vêm mostrar que, para alguns aspectos, a linguagem humana não pode ser isolada do meio em que é utilizada.

Passemos às considerações de Serafim da Silva Neto, começando com a etimologia da palavra *F I G A D O*.

Iecus, iecōris (fígado), diz-nos Serafim: "cedo saiu da linguagem corrente e dela não ficaram representantes românicos." "As designações para *fígado* mostram claramente como a história das palavras é parte inseparável da *história da cultura*."

Sabe-se que era costume dos gregos cevar certos animais, principalmente o porco *com figos*, tornando-lhe o fígado *gordo e gostoso*.

Em grego, usava-se a expressão *hepar sykotón* "fígado engordado". Em latim, *ficātum* já está documentado no século III d.C. em obra de Apício: *De re coquinaria*.

Ensina Serafim da Silva Neto que há correspondentes românicas tanto de *ficātum*, quanto de uma forma *ficātum*, desta temos o espanhol *hígado* e o português *fígado*.

O Prof. Serafim traça a seguinte evolução:

1º- O grego *sykotón* foi adaptado no latim como **sícoton*, passando depois a *ficōtum* por influência de *ficum*. De *ficotum* passou a **ficātum*, com -a- na 2ª sílaba, à semelhança de *hépate*, o que explica, também, a forma *fécatum*, opinião esta defendida por Schuchardt.

Mais tarde é que surgiu a forma *ficātum* por influência do sufixo -*atum*, tão frequente no vocabulário latino. Confirmação românica tem-se no *sardo* onde há as duas formas: *ficātum* e *ficātum*.

2º- Outro aspecto observado por Serafim diz respeito aos empréstimos gregos. A influência de uma língua sobre outra se efetua em camadas sociais diferentes: uma *camada elevada*, culturalmente, e uma *camada popular*. Exemplo dessa diferença temos na palavra *ídolo*, pronunciada na camada mais culta, à pronúncia grega: *idólu*, onde a penúltima sílaba era tônica, ao passo que nas camadas populares a pronúncia se fazia à maneira da língua original: *ídolu*.

Para corroborar a tese de Serafim da Silva Neto, temos a afirmação de Gaston Paris na obra *Miscellanea Linguistica in onore di G. Ascoli* (1901)

onde o autor mostra, a par de *ficātum* que havia no latim vulgar *fecātum/fecātum* e *ficātum*. Desta última é que provém a palavra *fígado* do português (citação de Leite de Vasconcelos, em *Lições de Filologia Portuguesa*, pág.360)

Para comprovação desta forma *ficātum*, colhemos exemplo em obra do século VI, o tratado de culinária: *COMER & CIA*, de ANTHIMUS, sobre ensinamentos dietéticos, mais conhecida pelo título *De observatione ciborum*, que mereceu estudo de nosso Mestre Olmar Guterres da Silveira, parte já publicada em artigo (apud *Estudos Universitários de Linguística, Filologia e Literatura*, em homenagem ao Prof. Sílvio Elia). Quando Antimo procura explicar a utilização do *fígado* de porco, lê-se a seguinte passagem:

"De fiçãto porcino frixo penitus non expedit nec sanis nec infirmis."

Finalmente, Serafim procura justificar a mudança de posição do acento (*fiçãto* para *fiçãto*) através da fonética sintática em situação proclítica ou enclítica, como já ocorreu com outras palavras dentre as quais cita: *illum* por *illum*, já aparece em Plauto, e em *illac* por *illac*, dando em português o advérbio *lá*.

Outras lições sobre etimologia encontramos, por exemplo, em recensão crítica à obra de Huber *Alterportugiesisches Elementarbuch* (Manual de Gramática Histórica Portuguesa). Desta destacamos dois exemplos que mereceram retificações de Serafim da Silva Neto.

1) Huber explica a evolução de UNU para UM por apócope.

Lembra Serafim:

1º- É marca evolutiva da língua portuguesa a síncope das consoantes /l/, /d/ e /n/ intervocálicas. Daí a evolução de /n/: rana > rãa > rã ; bene > bēe > bem ; vini > vñi > vim ; bonu > bõo > bom.

2º- O feminino comprova a síncope do /n/: una > ùa > uma.

3º- Não faltam nos textos arcaicos formas com /u/ dobrado e sinal de nasalidade, como também ocorre com o feminino.

2) Huber dá as formas NOSCU e VOSCU como hipotéticas, quando já estão citadas no *Appendix Probi* (séc. III d. C.):

nobiscum non noscum ; vobiscum non voscum

Outra obra que recebeu resenha crítica de Serafim da Silva Neto foi *Do Latim ao Português*, de Edwin Williams, original inglês, de 1938, com tradução para o português por Antônio Houaiss, em 1961, publicação do Instituto Nacional do Livro.

Destacamos alguns verbetes cuja etimologia foi comentada por Serafim.

1º - *Tagenia* - Williams descreve *tagenia* por influência grega em lugar de *tagenia* (taeíã > taíã > taía > tainha).

Não foi influência grega, explica Serafim, pois outros há com a mesma situação fônica, como: *tipidu*, *dicima*, *dibita* resultado da metafonia (antes *tepidu*, *decima*, *debita*); também *ciriu* por *ceriu*, todos por influência do /i/ da penúltima sílaba, daí tainha de *taginia*; túbio de *tipidu*; dívida de *dibita*; dízima de *dicima* e círio de *ciriu* (a *tagenia* e *tepidu* acrescentamos os outros exemplos).

2º - *Avulum* - Williams tira avô e avó de *avulum* e *avulam*. Ensina Serafim que no latim corrente usava-se o diminutivo de *avia* (avó), isto é: AVIOLA provindo de AVIOLA, pois nos hiatos em que -i- e -e- eram tônicos, dava-se a diástole. Outros exemplos; muljere > muligre / linteolu > linteolu (lençol) / pariete > pariete > parede (houve fechamento da vogal tônica /e/), o mesmo sucedeu em aviolu > avoo > avô. Nestes dois casos, em que a vogal tônica não permaneceu aberta, Serafim atribui à influência do *iode*, antes de haver a síncope do /l/, seguindo os passos de Américo Castro e Millardet.

3º - *Hereditare* - Williams admite a seguinte cadeia: *hereditare* > **he-reedar* > **heredar* > *herdar*.

Williams omite a sonorização do /t/ e a síncope do /d/. Serafim propõe a cadeia: *hereditare* > *heredar* > *heredar* > *herdar* com haplogia da sílaba /de/ e, depois, síncope da vogal pretônica. Williams não levou em conta a cronologia: a sonorização do /t/ se dá por volta do século Vº e a queda do /d/, por volta do século X.

Diz-nos Serafim que a forma *heredar* é bem documentada. Nascentes também confirma a *haplogia* em *heredar*.

4º - Quanto ao verbo *morrer* Williams admite a seguinte cadeia:

**morere* > **morre* > *morrer*

Serafim critica o fato de Williams considerar a forma *morre* hipotética e, portanto, não a documenta. Ora, já nos séculos XII e XIII, no *Cancioneiro da Vaticana*, aparecem as formas *morrer* e *morreron*. Nas *Cantigas d'Amor*, de Nunes, encontram-se *morrer* e *morrei*. Na *Demanda do Santo Graal*: *morrer* e *morriria*.

Conclui Serafim que a forma com dois -rr- criou-se no português proto-histórico ou antes.

Corroborando com a afirmação de Serafim, lembramos que os fatos históricos vêm em seu favor, pois é de *morĕre* que devem originar-se *morre*; *morrei* e *morro*, uma vez que já no latim corrente *morere* substituiu a forma depoente *mori*.

Grandgent (*Introduccion al Latin Vulgar*, pág.93) diz-nos: "Muitos verbos depoentes são usados como ativos por Petrônio. No latim vulgar tardio *mori* e *segi* seguem igual caminho."

Já na *Coena Trimalchionis* do *Satiricon*, de Petrônio, encontramos exemplo de verbo depoente usado em forma da voz ativa:

- "Videris mihi, Agamenon, dicere: "quid iste argutat molestus?"

O interlocutor responde:

"Quia tu, qui potes *loquere*, non *loquis*."

(Parece-me, Agamenon, perguntares: "O que repete esse inoportuno? Porque tu, que podes falar, não falas.")

5° - Williams tira nosso *pude* de POTUI > *POUDI > *PODI > PUDE.

Williams, diz-nos Serafim, trata a língua, secamente, como puro material. Não nos dá um quadro histórico da evolução do português, espelhada na cultura de seu povo, isto é, não encadeia a *história externa* com a *história interna*.

No presente exemplo, de que há inúmeros casos semelhantes em formas verbais, a alteração da vogal tônica se deve à *metafonia*. *potuī* > *potwi* > *poti* > *pude*" (cf. *potuit* > *potwi* > *pôde* - não ocorreu na 3ª pessoa.

Outros exemplos:

veni > *vini* > *vĩ* > *vim* / *feci* > *fizi* > *fiz*

legi > *ligi* > *lii* > *li*

Nesse verbete, Serafim lembra palavras de *Schuchardt*: "Não interessa, propriamente, a etimologia da palavra, senão a sua história."

6° - Williams para explicar a palavra *pobre* parte do latim clássico: *paupĕrem* > **popĕrem* > *pobre*, acrescentando que em algumas palavras o ditongo *AU* passou a *-O-* no latim vulgar. Não é exato, diz-nos Serafim, "o ditongo *-au-* manteve-se durante o período *latino* e o período *romança*, só no *séc. X* é que se transforma em *-OU-*"

PAUPERE E **POPERE* são formas *divergentes*, a 2ª é variante *diale*-*tal*.

Para explicar o /o/ de * *popere*, Williams recorre a Huber "influência de nobre < nobilis.

Pergunta Serafim: e *oris* de *auris*, e **foce* de *fauce*?

NOTA- A imprecisão de Williams pode ser facilmente comprovada pela explicação de Serafim:

1º) O ditongo -AU- manteve-se até o séc. X, só então evoluiu para -OU-.

Exempla in textos do latim bárbaro:

séc. IX (847) in Leite de Vasconcelos:

"unus ad allios *aut* ipsa eclesia"

(883) "vendimus arbores fructuosas, *sautos*..."

séc. X (907) "Conzedo tiui (tibi) mancipias meas (Mariamen et Sahe-
ma et Zafara) ipsas *mauras*"

A forma -OU-em textos:

séc. XIII *Notícia de Torto*; "que oueru de seu pater..."

séc. XII *Testamento* ... assi como todo u *outra* herdamento."

séc. XIII *Título de Compra*: "Cunuçada *cousa* sega a tudos aquiles que este fectu uirĩ e *ouuirẽ*.." (sega: seja)

Serafim ensina que, a par das formas com ditongo -AU-: *laudare, cauda, gaudere, audire, paupere, fauce*, existiram formas monotongadas: -AU- > -O- de origem dialetal, influência úmbria onde encontramos toru por tauru.

Daí admitir Serafim as formas **lodare, coda, *godire, *odire *popere, *foce*. Estas formas explicam as do português arcaico: *loar, coa, goir, oir* e , portanto, as atuais *pobre e foz*.

São formas antigas do latim, que não ocorreram em todas as palavras com o ditongo -AU-.

Serafim cita exemplo explicado por *FESTO*: "*Orata* genus piscis a colore auri dicta, quod rustici *orum* dicebant aut auriculas, *oriculas*". (apud *Fontes do Latim Vulgar*, pág. 121).

Há, ainda, exemplos em cartas de *Cícero*, bem como no *Appendix Probi*, confert: *auris non oricla*.

Autores que admitem, além de Serafim, o étimo *monotongado* ainda no latim:

Pe. A. Magne (*Glossário da Demanda*): *Loar-* variante antiga de *louvar*. Representa o verbo latino *Lodare*.

Acrescenta: "Dá-se idêntica redução em *oir*, *coa*, *pobre*, *foz*, a par destas, coexistiram outras com *ditongo -ou-* *louar*, *ouir*, e destas é que procedem as atuais *louvar*, *ouvir*".

Väänänen (*Introduccion a l Latin Vulgar*, pág. 75): "A monotongação de *-au-* a *-o-* deu-se muito cedo no *umbro* e em *falares vizinhos do Lácio*, infiltrando-se em Roma como provincialismo.

Cita o gramático Festo: "Os rústicos pronunciavam *orum* por *aurum*; *oriculas* por *auriculas*; *ostia* por *austia*; *coda* por *cauda*".

Grandgent (*Introduccion al Latin Vulgar*, pág.142,143): "O *ditongo AU* conservou-se *AU* no provençal e no rumeno. No português passou a *-OU-*. O *umbro* e *falisco* tinham *-O-* em lugar do latim *-AU-*. Inscrições *úmbricas* registram *toro* por *tauru*. Os gramáticos Probo, Diomedes e Festo falam em um *-O- rústico* ou arcaico por *-AU-*. Este *-O- rústico* foi usado em algumas palavras do latim vulgar *coda* (*cauda*), *foces* (*fauces*), * *ot*(*aut*) (em *úmbrico: ote*)."

B. Vidos (*Manual de Lingüística Románica*, pág. 185): "La pronunciación *-o-*; además de plebeya, era considerada también como arcaica." "Plauto, que era plebeyo y *umbro*, para ocultar su origen cuida muy bien de no escribir nunca *-o-* por *-au-*."

Marouzeau (*Traité de Stylistique Latine*, pág. 5 e 6): "A vogal está reduzida em *orata*, nome de um peixe do mar, portanto, estranho à língua de Roma; nos termos que designam coisas do campo: *codex*, *colis* (repolho), *copo* (taverneiro), *plostrum* (carreta). É sem dúvida pelas pessoas do campo que chegamos a pronúncias como esta de *oricula* ou *oricilla*."

Carlo Tagliavini (*Le Origini Delle Lingue Neolatine – Introduzione alla Filologia Romanza*, pág. 194): "*Au* tende a reduzir-se a *-o-*. *O* por *AU* era pronúncia vulgar, largamente atestada nos dialetos rurais e mesmo em Roma: *plostrum* por *plaustrum*; *coda* por *cauda*."

Conclui Serafim: Já Meyer-Lübke ensinava: "A história do ditongo *-AU-* mostra, de modo mui instrutivo, que as correntes dialetais que se manifestavam em Roma no princípio de nossa era não foram absorvidas pela língua geral." (*História do Latim Vulgar*, pág. 155, 157).

Sobre as formas *loar* e *louar*, *oir* e *ouir* do português arcaico é bem conhecido o capítulo da obra *Estudos Lingüísticos*, 1º vol., do Prof. Herculano de Carvalho.

O ilustre mestre, antes de apresentar o seu posicionamento sobre a origem dessas formas verbais, parte do critério de J. J. Nunes, citando-lhe os exemplos: *cauda-coda* ; *fauce-foz* ; *loar* < **lodare* e *oir* < **odire*.

Observa que o ditongo *-OU-*, segundo Nunes, teria provindo do desenvolvimento de um *-U-* nestas formas: *loar* > *louar* ; e *oir* > *ouir*. Daí o *-U-* produziu um *-U-* que se consonantizou: *loar* > *louar* > *louvar* ; *ouir* > *ouu-uir* > *ouvir*.

A cadeia, segundo Nunes , seria: **lodare* > *loar* > *louar* > *louvar* > *louvar*.

Diz o Professor Herculano de Carvalho que esta explicação é perfilhada por Leite de Vasconcelos em *Lições de Filologia Portuguesa*, 3a ed., pág. 103, e por Serafim da Silva Neto.

Contudo, indo-se à fonte, constata-se que essa *não é a lição* de Leite de Vasconcelos.

Leite, ao comentar palavras da *cantiga* de *D. Dinis*:

/ Quer'eu en maneira Proençal

/fazer agora un cantar d'amor /

assim explica a forma *loar*: *loar* "louvar" : lat. * *lodare* < *laudare*.

Portanto, Leite de Vasconcelos tira *loar* de * *lodare* e não se refere à forma *louar* nem desta deriva *louvar*.

Admite, ainda, o Prof. Herculano de Carvalho que o critério de Nunes foi perfilhado recentemente por Serafim da Silva Neto, citando-lhe as *Fontes*, pág. 76 (1946), e a *História do Latim Vulgar* (1957), pág. 156.

Ora, basta consultar as duas obras indicadas, para se constatar que Serafim da Silva Neto *não esposo* o critério de Nunes. Serafim deriva *loar* de **lodare* e *oir* de **odire* e não relaciona a estes étimos as formas *louar* e *louvar*; *ouir* e *ouvir*.

Adverte, sim, que as formas **lodare*, donde tirou *loar*, e **odire*, donde tirou *oir* são palavras do latim usual, formas *dialetais*, divergentes portanto. Ensina-nos que o ditongo *-AU-* (*laudare* e *audire*) manteve-se durante a fase do latim corrente. A evolução a *-OU-* , que se observa em português, ascende ao *séc. X*. Acrescente-se que Serafim da Silva Neto arrola nada menos de *15 exemplos* de formas *dialetais* em *-o-*. Logo em nada condiz com o critério de Nunes.

O Prof. Herculano de Carvalho, não aceitando a explicação de J.J. Nunes, apresenta suas justificativas:

1a) "Não há pois razões para supor que as formas com *monotongo -loar, oir* precedam cronologicamente *louvar, ouvir*."

2a) "Não há pois razão para crermos que as formas modernas *louvar, ouvir* procedam de *loar, oir*, nem que estas suponham a existência de étimos com *AU monotongado *lodare, *odire*. É agora chegada a ocasião para nos perguntarmos como se explica, portanto, a existência de duas séries de formas."

Creemos que as perguntas do Mestre já foram respondidas:

1º) A monotongação de *AU > O* não se deu só em **lodare* e **odire*. Serafim apresenta 15 exemplos dentre os quais alguns já atestados por gramáticos latinos e usados inclusive por Cícero, étimos esses citados, como já vimos, por Vidos, Grandgent, Väänänen, Tagliavini, Augusto Magne.

2º) Formas coexistentes aparecem na linguagem usual e na linguagem dialetal. Lembramos o caso de *laxare* e **daxare*, também solucionados por Serafim da Silva Neto.

Vejamos, no entanto, a conclusão a que chegou o Prof. Herculano de Carvalho:

"Parece-me que desde já podemos concluir, sem receio, que as formas monotongadas dos continuadores galego-portugueses daqueles étimos representam de fato, como supus, um *particularismo dialetal galego*. *Loar* e *oir* são pois *galeguísmos* que a linguagem poética trovadoresca aceitou."

"Todavia, determinada a origem dialetal das variantes com *monotongo*, não está ainda explicada a sua gênese. A explicação afigura-se-me, porém, muito simples, se considerarmos a série *oir, loar*, etc., de um lado, e *ouvir, louvar*, do outro, como divergentes, geograficamente condicionadas, de uma base *ouir, louar*, em que a inusitada seqüência *-oui, -oua*, foi resolvida, ora pela redução do ditongo *OU* a *O*, donde *oir, loar*, ora pela introdução de um *-v-* *anti-hiático* entre o *U* e a *vogal* seguinte."

OUIR > oir / ouvir ; LOUAR > loar / louvar.

OBS: Vê-se que a explicação do Prof. Herculano de Carvalho constituiu-se num *esquema* em que não se leva em conta a história da palavra, a cronologia, a base dialetal do latim corrente, nem a constatação de *várias formas monotongadas no latim*, nem o fato de a *monotongação* ter-se processado em outras palavras além dos verbos *loar* e *oir*.

Acresço à relação dos autores já citados o nome de D. Carolina de Michaëlis (*Revista Lusitana*, Editora Lucerna, 1990) que no *Glossário do Cancioneiro da Ajuda* tira *loar* de *lodare* (por *laudare*); *loado* de *lodatu* (por *laudatu*).

LUGAR- Outra etimologia cuja explicação parece duvidosa, corrente em alguns compêndios e dicionários, é a da palavra *lugar*, geralmente tirada de *logar*, esta provinda do latim *localis* (do radical *lōcus*).

Contudo, a par da forma *logar*, ocorreu *lugar*, provinda de * *lucalis* (com base em *lucus* por *lōcus*)

Compare-se com *ad+ v. lucare: alugar*.

Diz-nos o Prof. Serafim que houve duas formas da mesma palavra, com evolução diferente e bases diferentes: *locus* e *lucus*.

Lugar de **lucalis* (base *lucus* por *lōcus*)

lucus (< **stlocos*) é forma bem documentada, assevera o Prof. Serafim. Cita Schuchardt (*Vokalismus Vulgarlateins*) e Seelmann (*Aussprache des latein*)

Também Leite de Vasconcelos, embora sem explicar, admite **lucaris* > *lugar* (*Revista Lusitânia*, IV)

Lembra Serafim que *Iugar* já aparece em documentos de 1062.

*

CADEIRA (*História da Língua Portuguesa*, pág. 169)

Parece simples derivar *cadeira* de *catedra*. Vocalização do /d/ ?!

Não menos importante é a lição que nos dá Serafim da Silva Neto ao pesquisar a origem desta palavra.

cathedra passou a *cathetra* (-dr- -tr- * *taidros* > *taitros* > *taeter*). A forma *cathetra* está documentada no *fragmentum muratorianum*- séc. II d.C. Mudança facilitada por ser a terminação -*tra* sentida como *sufixo*, assimilada, por ex., a *fenestra*.

A forma *cathetra* passou a *catecra* por dissimilação -*t-t* > *t-c* (há exemplos na África de *tr* > *cr* (cita Sommer.)

Catecra explica o it. *carrega*, o calabrês *catreca* (forma esta registrada no *Dizionario dialettale delle tre calabrie*, de Rohlfs) e explica, também, o veneziano *cadegla*.

Portanto, a forma do português: *cadeira* representa a evolução de *catecra* em que, além da *sonorização* do -*t*- houve, ai sim, vocalização do fonema *velar* /k/ .

*Cumprе consignar que formas intermediárias já tinham sido atestadas por especialistas estrangeiros. Cf. Corominas (*Breve Diccionario Etimologico de la Lengua Castellana*): *cadera* (lat.vg.cathégra).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ELIA, Sílvio - A Contribuição Filológica de Serafim da Silva Neto, artigo em Estudos Filológicos (homenagem a Serafim da Silva Neto), Rio, Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1967.
- GRANDGENT, C.H.- Introducción a l Latín Vulgar (tradução espanhola de Francisco de B. Moll) 2a ed., Madrid, Publicaciones de la Revista de Filología Española, 1952.
- HERCULANO DE CARVALHO, J.G.- Estudos Lingüísticos, 1º vol., 2a. edição, Coimbra, Atlântida Editora, 1973.
- MAGNE, Augusto- A Demanda do Santo Graal, vol. III, Glossário, Rio, Imprensa Nacional, 1944.
- MALMBERG, Bertil- As Novas Tendências da Lingüística (tradução da edição francesa por Francisco da Silva Borba) São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971.
- MAROUZEAU, J.- Précis de stylistique français, Paris, Masson, 1946.
- NUNES, José Joaquim- Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa, 5a. ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1956.
- SILVANETO, Serafim da- História da Língua Portuguesa, Rio, Livraria Acadêmica, 1957.
- _____ Fontes do Latim Vulgar, 3a.ed., Rio, Livraria Acadêmica, 1956.
- _____ História do Latim Vulgar, Rio, Livraria Acadêmica, 1957.
- _____ Manual de Filologia Portuguesa, 2a. ed., Rio, Livraria Acadêmica, 1957.
- _____ Língua, Cultura e Civilização, Rio, Livraria Acadêmica, 1960.
- SILVEIRA, Olmar Guterres da- "Comer" & Cia -Num Tratado do Século VI, artigo publicado em Estudos Universitários, de Lingüística, Filologia e Literatura (homenagem ao Prof. Dr. Sílvio Elia), Rio, Edição da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, 1990.
- TAGLIAVINI, Carlo- Le Origini delle Lingue Neolatine-Introduzione alla Filologia Romanza, 3a.ed., Bologna, Casa Editrice Prof. Riccardo Patron, 1959.
- VÄÄNÄNEN, Veikko. Introducción a l Latín Vulgar (tradução espanhola de Manuel Carrion), Madrid, Editorial Gredos S.A. 1968.
- VASCONCELOS, José Leite de. Lições de Filologia Portuguesa, 3a.ed., Rio, Livros de Portugal, 1959.
- VASCONCELOS, Carolina de Michaëlis. Lições de Filologia Portuguesa, Lisboa, Edição Revista de Portugal, 1946.
- _____ Glossário do Cancioneiro da Ajuda (apud Revista Lusitana. vol. XXIII, Nº 1-4), Rio, Editora Lucerna, 1990.
- VIDOS, B.E. Manual de Lingüística Románica, Madrid, Aguilar, 1968.
- WILLIAMS, Edwin. Do Latim ao Português, Rio, MEC, Instituto Nacional do Livro, 1961.

PADRE JOSÉ DE ANCHIETA, O "APÓSTOLO DO BRASIL"¹

PATRONO DA CADEIRA NÚMERO 1
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Maximiano de Carvalho e Silva
UFF

1 – A passagem do quarto centenário da morte do Padre José de Anchieta

O dia 9 de junho do corrente ano de 1997 foi entre nós comemorado como uma data altamente significativa, por assinalar à passagem do quarto centenário da morte de uma das maiores figuras da nossa história, o Padre José de Anchieta, tão justamente cognominado "o Apóstolo do Brasil" pelo que fez na segunda década do século XVI em benefício de tantos participantes do processo da formação histórico-cultural-religiosa do povo e da nação brasileira.

Parece-nos, todavia, que as comemorações poderiam ter merecido uma atenção muito maior de todos os brasileiros, especialmente dos dirigentes de entidades públicas e particulares que cuidam do futuro das novas gerações, a quem deveriam ser apresentados os exemplos de vida e o conhecimento da obra do grande missionário como fontes de inspiração e de fortalecimento dos seus propósitos de encontrar as soluções adequadas aos grandes problemas da atualidade, entre os quais a reconstrução da sociedade com base na doutrina evangélica do amor ao próximo e a defesa dos direitos dos grupos indígenas remanescentes em nosso país.

Com efeito, tais comemorações estiveram muito aquém do que desejávamos os que nos empenhamos em promover o permanente culto anchie-

¹ Este artigo inclui parte da comunicação intitulada "Fontes para o estudo da vida e obra do Padre José de Anchieta, o Apóstolo do Brasil", apresentada em Lisboa na sessão de 25 de junho de 1983 do congresso internacional "Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento" programado pela direção da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. Um dos itens do temário do congresso era: "A Atividade Missionária no Quadro dos Descobrimentos Portugueses e no Espírito do Renascimento".

tano. De algumas só tivemos notícia bastante tempo depois de realizadas, pois os meios de comunicação não se interessaram em divulgá-las com a mesma insistência com que tratam de tantos assuntos e acontecimentos considerados prioritários, e houve ainda lamentáveis omissões de algumas autoridades e instituições no trabalho de promovê-las ou pelo menos de dar apoio efetivo e caloroso às que foram levadas a bom termo em vários pontos do território nacional.

Num momento em que avançam as pesquisas historiográficas movidas do propósito de com mais rigor e mais conhecimento de causa fazer uma reavaliação do passado, é evidente que pensamos no culto anchietano como uma reverência ao que há de exemplar na vida de Anchieta, missionário inteiramente dedicado ao seu trabalho de levar a mensagem evangélica a todos os homens, no intuito de combater os males e as distorções sempre presentes na sociedade, em decorrência das fraquezas da natureza humana. Sabendo que a vida de Anchieta e de seus companheiros foi de pleno devotamento às causas que abraçaram, sabendo dos imensos sacrifícios que suportaram, sabendo da sua dedicação ao Brasil a que se entregaram até o fim da vida, é óbvio que, por outro lado, não estamos no pressuposto de que esses abnegados apóstolos de Cristo deixaram de pagar tributo à mentalidade da época, a qual não tinham condições de avaliar plenamente com senso crítico mais aguçado como podem fazê-lo à luz dos ensinamentos modernos os espíritos mais iluminados dos dias atuais. Não falta quem aponte na ação dos jesuítas falhas e erros que teriam cometido no seu ardor missionário. Todavia, para uma exata avaliação do que se passou naquela época, é preciso antes de mais nada levar em conta uma série de dados sumamente relevantes: eram os jesuítas agentes da Contra-Reforma, na linha de Santo Inácio de Loiola, e pois comprometidos com as idéias de propagar a boa doutrina e de deter os avanços das doutrinas heréticas; estavam imbuídos, pela doutrina da salvação, do dever de converter sem demora ao Catolicismo os pagãos e os hereges, que deviam ser batizados para que pudessem alcançar a graça da vida eterna; vinham do contexto de uma concepção européia etnocêntrica, o que lhes dava a certeza de que os seus valores culturais tinham em certa medida de ser impostos aos que se convertiam à religião cristã. Tudo isto pode explicar quaisquer exageros em suas atitudes e no emprego do método pedagógico e do método de catequese de que se valeram com a mais pura das intenções. Ao contrário do que afirmam historiadores e ensaístas que dão interpretação distorcida aos fatos para que se ajustem às exigências da ideologia a que estão filiados, os missionários jesuítas não foram, por motivos inconfessáveis, cúmplices de autoridades portuguesas no trabalho de destruir as culturas indígenas e de subordinar os índios à escravidão. Os mais isentos historiadores e analistas da vida brasileira no século XVI, conhecendo em-

bora alguns aspectos menos compreensíveis (segundo o modo de ver atual) da atuação desses missionários, já têm feito perceber que isto em nada ofusca o lado luminoso e permanente da obra de construção educacional, cultural e religiosa que realizaram e que os coloca sem sombra de dúvidas entre os grandes vultos da história da humanidade. De fato, Nóbrega e Anchieta no século XVI, Antônio Vieira no século XVII, e os seus heróicos companheiros de missão, deixaram-nos exemplos os mais eloqüentes de participação na defesa da dignidade da pessoa humana e na defesa das populações indígenas contra todas as tentativas de escravização a que foram submetidas. Desmentindo a afirmação de que a obra da colonização se fez com uma presença preponderante de marginais da sociedade portuguesa, a vinda dos jesuítas e o papel que lhes foi reservado atestam que presidiu a ocupação da América Portuguesa um propósito de promover o bom entendimento entre os colonizadores e os habitantes primitivos da terra conquistada. Infelizmente, porém, a boa intenção se viu seriamente prejudicada pelo espírito aventureiro e ganancioso de uma parte dos colonizadores que, sem freios, cometeu todas as violências contra populações indígenas, no desejo de dominá-las e submetê-las aos seus caprichos e ambições. Os jesuítas – diga-se a bem da verdade – nunca deixaram de condenar e denunciar todos os desmandos que presenciaram, e por isso só merecem da nossa parte, pelo espírito de resistência e pelo inconformismo com que enfrentaram as situações de vida mais dramáticas, o profundo reconhecimento de quem os vê como participantes da tentativa de construir um mundo novo pautado pelas normas de vida cristã que incansavelmente propagaram.

No ensejo das celebrações anchietanas de 1997, quisemos aproveitar as páginas da revista *Confluência*, mais destinadas à publicação de artigos de estudos lingüísticos e filológicos, para tratar do Padre José de Anchieta, porque nos parece oportuno lembrar que nessa figura extraordinária de missionário é preciso ver também, para que tenhamos dele a plena dimensão, o iniciador da literatura brasileira e o grande precursor dos estudos lingüísticos e gramaticais no Brasil como autor da primeira gramática da língua tupi, a mais usada entre os índios que catequizou. Cremos que no tópico final deste artigo ficarão patentes as razões pelas quais em 1944 o sábio lingüista e filólogo Padre Augusto Magne, também sacerdote da Companhia de Jesus, elegeu José de Anchieta patrono da Cadeira Número 1 da Academia Brasileira de Filologia.²

2 A Academia Brasileira de Filologia foi fundada a 26 de agosto de 1944. A cadeira número 1 já teve três ocupantes: o Padre Augusto Magne; Humberto de Melo Nóbrega, eleito em 1967; e o autor do presente artigo, Maximiano de Carvalho e Silva, eleito em 1978.

2 – José de Anchieta: resumo biográfico

Para mostrar como é absurdo o desconhecimento do que devemos a Anchieta, ou pior ainda, o interesse menor ou mesmo o desinteresse pela sua figura de missionário, lembremos resumidamente os principais traços da sua vida e atuação, já fixados nos estudos biográficos que dele se fizeram desde o final do século XVI aos nossos dias.³

Como é sabido, José de Anchieta nasceu a 19 de março de 1534 em San Cristóbal de la Laguna, na ilha de Tenerife do arquipélago das Canárias. Era portanto de nacionalidade espanhola, como seus pais.

Desde cedo afeiçoado aos estudos, e conhecendo os fundamentos da língua latina, foi enviado em 1548 a Coimbra, para ser aluno do Colégio das Artes, anexo à Universidade, fundado no início daquele ano pelo rei D. João III. Aluno dos melhores de mestres notáveis, e por mais de dois anos do humanista Diogo de Teive, pôde logo expandir a sua inclinação para as Letras. Dotado de boa formação moral e intelectual, e sentindo forte vocação religiosa, ingressou a 1º de maio de 1551, quando ainda não completara 17 anos de idade, na Ordem recém-fundada por seu parente o Padre Inácio de Loiola – a Companhia de Jesus.

Movido do ideal cristão de se consagrar ao serviço das almas e em especial à catequese dos índios do Novo Mundo, já tendo completado o curso de Noviciado, conseguiu do Superior a necessária autorização para integrar o grupo de sete jesuítas dirigidos pelo Padre Luís da Grã que a 8 de maio de 1553 embarcou em Lisboa, na comitiva do segundo Governador-Geral Dom Duarte da Costa, em direção ao Brasil. Como os outros seis heróicos companheiros de vida religiosa, José de Anchieta, o mais moço de todos, tinha graves problemas de saúde, mas era levado pela firme determinação de enfrentar as agruras do trabalho da catequese, em meio desconhecido e talvez mesmo hostil.

Chegado a 13 de julho a Salvador, na Bahia, uma pequena vila com apenas quatro anos de existência, onde estava instalado o governo-geral da colônia, dedicou-se sem perda de tempo às tarefas que lhe foram confiadas. Já em dezembro se encontrava na vila de São Vicente, litoral do futuro Esta-

3 As mais antigas biografias de Anchieta são as dos padres jesuítas Quirício Caxa (cujo manuscrito original data de 1598), Pero Rodrigues (relato escrito de 1605 a 1609) e Simão de Vasconcelos (cuja primeira edição é de 1672). Para elaborar este resumo, valemo-nos de duas das principais biografias entre as mais recentes: a do P^o Hélio Abranches Viotti, S. J., *Anchieta, o Apóstolo do Brasil* (São Paulo, Edições Loyola, 1966) e a do P^o Armando Cardoso, S. J., *O Bem-Aventurado Anchieta* (São Paulo, Edições Loyola, 1991).

do de São Paulo, para sob as ordens diretas do Provincial dos jesuítas, o extraordinário Padre Manuel da Nóbrega, participar de muitos empreendimentos notáveis, como a fundação a 25 de janeiro de 1554 do Colégio que seria o ponto inicial da vila de São Paulo de Piratininga.

Foi aí, em São Paulo e em São Vicente, nos colégios organizados para a ação catequética, que Anchieta, a partir dos 19 anos, passou a desenvolver em plenitude, por mais de dez anos, os ingentes trabalhos de missionário e de professor de catecismo, de primeiras letras e de latim (dedicados aos colonizadores portugueses, aos mamelucos e aos índios), e de estudioso das línguas e culturas indígenas, atividades de grande vulto e muitas conseqüências na história da educação e da cultura brasileira.

Em sua simplicidade, projetava-se onde estivesse entre os companheiros com quem emprendia um trabalho solidário sob o comando do Padre Manuel da Nóbrega. Logo evidenciou-se aos olhos de todos que Anchieta era "dotado de notável talento, invejável memória, grande energia de vontade, único que possuía formação humanística" e "já timbrado pela santidade" ⁴, a par da vocação literária, que pôs a serviço dos seus ideais de vida cristã.

A partir de então, convocado para o desempenho de diferentes missões, acentuou-se cada vez mais a ação missionária desse verdadeiro Apóstolo, sempre levado a lugares distantes para dar conta de tarefas muito árduas e até arriscadas. Ao chegar ao fim da vida, havia percorrido, em múltiplas e tantas vezes penosas viagens, com certa freqüência de canoa, o litoral brasileiro, de Pernambuco até São Paulo comprovadamente.

Entre os fatos da sua vida mais notáveis, alguns devem ser mencionados com realce neste resumo, pela sua significação especial.

Em 1556 (tinha então 22 anos de idade), já dominando a língua indígena mais usada – à qual, com o tempo, se passou a dar o nome de tupi antigo – compôs a primeira versão da gramática dessa língua, que daí por diante seria objeto de várias cópias para serem utilizadas nas missões. Só muitos anos mais tarde, contudo, esse texto, certamente aprimorado, passou a circular na edição impressa em 1595 na mesma Coimbra em que Anchieta fizera os seus estudos mais avançados.

Em 1563, num momento de grave crise nas relações entre os colonizadores portugueses e os índios tamoios, dispôs-se a acompanhar o Padre Ma-

4 Hélio Abranches Viotti, op. cit., p. 58.

nuel da Nóbrega para um encontro com os índios em Iperuí (Iperoig, na região da atual Ubatuba), e lá ficou algum tempo voluntariamente como refém enquanto retornava Nóbrega a São Vicente no propósito de alcançar as condições para a pacificação desejada. Foi nas areias duras da praia de Iperuí – segundo reza a tradição – que Anchieta rascunhou versos de um poema em latim em louvor a Nossa Senhora, poema que completaria no ano seguinte, já liberto, em São Vicente, com o título *De Beata Virgine Dei Matre Maria*.

Em 1565, Nóbrega determinou que Anchieta fosse auxiliar Estácio de Sá, sobrinho do Governador-Geral Mem de Sá, na luta contra os invasores franceses instalados na baía do Rio de Janeiro, os quais haviam conseguido a aliança dos tamoios. Foi assim que Anchieta teve oportunidade de participar da fundação de uma nova aldeia, início da atual cidade do Rio de Janeiro, a que retornaria dois anos depois, para consolidar a sua fundação em meio aos combates das tropas portuguesas chefiadas por Mem de Sá contra os franceses e seus aliados tamoios.

Só em 1566, numa ida a Salvador, Anchieta pode ordenar-se sacerdote, tendo sido ordenante o segundo Bispo do Brasil, D. Pedro Leitão, seu contemporâneo nos tempos de estudos em Coimbra.

No ano trágico de 1570, com a morte do Padre Manuel da Nóbrega, e logo em seguida com a dos 39 missionários chefiados pelo que deveria ser o novo Provincial do Brasil, o Padre Inácio de Azevedo, barbaramente assassinados por piratas franceses em pleno mar, deve ter percebido Anchieta que apesar das suas relutâncias teria um dia de ocupar esse cargo para o qual não se julgava devidamente habilitado. Os anos se passaram, e afinal chegou a sua vez: e foi desse modo que de 1577 a 1588 lhe coube exercer por determinação dos superiores o cargo de Provincial dos jesuítas no Brasil, missão que cumpriu custosamente, tal era o seu estado de saúde. Nesse período de mais de dez anos, com a humildade, a brandura e ao mesmo tempo a firmeza que o caracterizavam, entregou-se sem esmorecimento às suas funções, encontrando prodigiosamente tempo para se dedicar a múltiplas e diversas atividades, e coragem para em muitas viagens visitar toda a Província confiada aos seus cuidados. Ajudou inclusive a fundar ou reorganizar outras aldeias, como as de Reritiba, Guarapari e dos Reis Magos, no Espírito Santo, as de São Lourenço (núcleo inicial da cidade de Niterói) e de São Barnabé, no atual Estado do Rio de Janeiro, e as de Barueri e Guarulhos (São Paulo).

Afastado em 1588 do cargo de Provincial, por grave motivo de saúde, continuou a trabalhar para que se desenvolvessem as escolas existentes e ainda se criassem muitas outras, para que melhor funcionassem as aldeias indígenas, e para que se instituíssem hospitais, a que não se negou a prestar

serviços com os seus conhecimentos dos poucos recursos da medicina e da enfermagem daquela época.

Ao morrer, na vila de Reritiba (hoje cidade de Anchieta) no Espírito Santo, a 9 de junho de 1597, aos 64 anos de idade (mais de 14 vividos em Tenerife, na Espanha, 5 em Coimbra, e mais de 44 em terras brasileiras), José de Anchieta deixava valioso legado à posteridade: o legado espiritual dos mais belos exemplos de devotamento à causa da valorização da criatura humana, de modo especial à causa da defesa dos índios a que tanto se afeiçoou; e o legado intelectual – também reflexo da sua alma – de numerosos escritos que lhe conferem lugar de primazia na literatura brasileira. Esses escritos, de que falaremos mais adiante, os de caráter estritamente literário, os estudos lingüísticos e a correspondência que é repositório de ensinamentos históricos, religiosos, etnográficos, imprescindível ao conhecimento da vida e costumes daquela época e dos propósitos da ação missionária, chamam a atenção pelo volume mas sobretudo pela qualidade do que conseguiu fazer, como as poesias e peças de teatro em que se valeu do domínio de quatro línguas: português, espanhol, latim e tupi.

3 – As atividades pioneiras de José de Anchieta

Pode-se dizer, sem sombra de exagero, que as virtudes singulares do Padre José de Anchieta e o que realizou em mais de quarenta anos de vida no Brasil impressionaram vivamente todos os que com ele conviveram, e continuam a impressionar ao longo do tempo os que se dispuseram a conhecer os dados da sua biografia. Nas páginas seguintes, transcrevemos depoimentos de ilustres estudiosos da nossa vida cultural que atestam o conceito que Anchieta alcançou entre os seus contemporâneos e na posteridade.

Da biografia de Anchieta se conclui que foram aspectos especialmente relevantes da sua atuação no Brasil:

a ação missionária, pedagógica e diplomática que desenvolveu, entre os colonos portugueses, os mamelucos e os índios, como agente da evangelização e da catequese;

a notável participação em acontecimentos históricos, entre os quais a fundação das vilas de São Paulo de Piratininga e do Rio de Janeiro;

o empenho de transmitir aos seus superiores, em escritos e cartas numerosos, todas as preciosas observações que teve oportunidade de fazer sobre pessoas, fatos e costumes daquele época;

a atuação como enfermeiro, a proporcionar recursos da incipiente medicina do século XVI aos que a ele recorriam (como na Santa Casa do Rio de Janeiro, de que foi um dos fundadores);

a dedicação ao estudo das línguas indígenas para que pudessem os missionários melhor comunicar-se com os aborígenes em seu trabalho apostólico;

a produção com que atendeu a uma outra vocação – a vocação literária, em quatro línguas, inclusive o latim, de cujo perfeito domínio deu provas nos longos poemas que escreveu em circunstâncias tão dramáticas;

as iniciativas de espetáculos teatrais reunindo colonos e índios, para a representação de peças de caráter religioso e finalidade catequética, redigidas em português, espanhol, latim e língua tupi.

Pouco depois de morto o Padre José de Anchieta, um seu contemporâneo, o Padre Quirício Caxa, por designação do Provincial Padre Pero Roiz, se incumbiu de fazer a biografia daquele que todos consideravam um exemplo de santidade. Essa biografia de Quirício Caxa é um depoimento "isento de invencionices e atribuições contestáveis que aparecem em biografias posteriores do venerável jesuíta", um depoimento "isento das fantasias forjadas posteriormente, talvez com boa intenção panegírica, mas, inegavelmente, absurdas e sem nenhum fundamento histórico" – opina o escritor Joaquim Ribeiro⁵. A este parecer, que tem o mérito de acautelar-nos contra as fantasias biográficas relativas a Anchieta, deve-se acrescentar no entanto que o ensaio de Quirício Caxa, preparado em tão pouco tempo, omite outros dados que se comprovam historicamente, não devendo pois ser tido na conta de um documento biográfico completo, que tenha esgotado as fontes disponíveis. Mas o certo é que esse companheiro de Anchieta, em nome dos demais, não deixa dúvida quanto ao conceito em que era tido o Apóstolo do Brasil: "Se é verdade que todas as virtudes andam juntas como boas irmãs, certo é que o Padre José as teve todas, e em muita perfeição".⁶

Com o passar dos anos, os historiadores que se detiveram na análise da ação de Anchieta vieram acrescentar outras conclusões em apoio ao reconhecimento de uma presença de fundamental significado no trabalho da colonização do Brasil. Os numerosos depoimentos e estudos publicados até o momento nos dispensariam de outras reafirmações, se este artigo não se destinasse também a leitores não suficientemente informados a esse respeito, e sobretudo se não tivesse havido nas últimas décadas a divulgação por escrito, até mesmo por iniciativa de pessoas ligadas à Igreja Católica, e no exercício docente de História do Brasil, de uma série de levianas e apressadas

5 Cf. p. 13 do prefácio da edição da *Vida e Morte do Padre José de Anchieta*, com introdução e aparato crítico de Joaquim Ribeiro, publicada em 1965 (?) pela Prefeitura do Distrito Federal.

6 Quirício Caxa, ed. cit., p. 71.

avaliações do processo da colonização e do papel que nele tiveram os jesuítas. O exemplo mais absurdo que conhecemos desses despautérios está nos livros *História dos Povos Indígenas: 500 Anos de Luta no Brasil* e *Confederação dos Tamoios – a União que Nasceu do Sofrimento*, lançados em 1982 pela editora Vozes, de Petrópolis, e estranhamente sob o patrocínio do Conselho Indigenista Missionário: todavia, não nos daríamos ao trabalho de mencioná-los e comentar em nota o que dizem de Anchieta, se não se tratasse de edições sob o patrocínio do CIMI, ainda à venda nas nossas livrarias, num grave desrespeito à memória por tantos títulos gloriosa de Anchieta.⁷

Para que não se diga que o coro de louvores à obra anchietana parte tão somente de estudiosos de formação católica, mencione-se o pronunciamento de um agnóstico, o historiador Capistrano de Abreu, apontado como o grande renovador dos métodos de investigação histórica no Brasil. Já no fim da vida, por exemplo, num artigo de 9 de julho de 1927 intitulado "A

7 Os três co-autores dos referidos livros, Eunice Dias de Paula, Luiz Gouvea de Paula e Elizabeth Amarante, que residem ou residiram em aldeias indígenas como professores de alfabetização, sentiram a certa altura a necessidade de tentar fixar "a luta dos índios na história do Brasil (a passada e a atual) a partir da ótica das lideranças indígenas expressas principalmente nas assembleias de chefes" (cf. *HPI*, p. 8); e embora tivessem um campo de observação restrito a poucas tribos, e mencionem como bibliografia compulsada apenas escassas e insuficientes fontes bibliográficas, passam a atribuir aos índios, em relato que procura retratar a fala popular em língua portuguesa, as mais contundentes afirmações sobre o processo da colonização e a participação dos missionários, tendo em vista, como dizem, "uma reflexão sobre a realidade global da nossa sociedade, seus mecanismos de opressão e suas perspectivas de libertação" (ib., p. 9). Segundo esse relato, os portugueses que aportaram a terras do Novo Mundo, desde Pedro Álvares Cabral, não tinham outro propósito senão apossar-se das terras em nome do Rei de Portugal, com a finalidade de pilhar as riquezas encontradas, pondo a seu serviço por meios violentos e cruéis, como escravos, os primitivos habitantes da terra invadida. Como, porém, os índios resistiam à dominação, vieram com os colonizadores os padres missionários, para amansá-los e agrupá-los em aldeamentos, onde as escolas tinham a função de prepará-los para a mais absoluta submissão aos brancos dominadores. O trabalho da catequese reduz-se, portanto, na ótica dos chefes das tribos consultadas, que na verdade é a ótica dos autores dos livros, a uma violência inominável, cometida ou por incrível ingenuidade dos padres, ou por subserviência às determinações das autoridades portuguesas. Dessa violência, a que resistiram heroicamente as vítimas, resultou, na estimativa dos três autores dos livros, que dos cinco milhões de índios aqui existentes no século XVI só restam hoje cerca de 220 mil em todo o território brasileiro (ib., p. 141). Trata-se, como se pode facilmente perceber, de uma estimativa inteiramente falsa: basta dizer que, se hoje não sabem ao certo os indigenistas o número exato dos índios remanescentes, apesar de estar o nosso território vasculhado de extremo a extremo, como é possível afirmar-se que eram cinco milhões no início da colonização? Em relação a Anchieta, o que se lê de mais grave nesse relato está nas páginas 80-81 do volume sobre a Confederação dos Tamoios, onde há um desenho que representa o índio Tibiriça ajoelhado diante de Anchieta, e o texto é o que aqui se reproduz para que não pare nenhuma dúvida sobre as nossas afirmações: "Tibiriça foi conversar com o Padre Anchieta. / Foi contar tudo para o Padre Anchieta. / Contou a conversa com Jagoanhara. / Contou a combinação de fazer guerra./ A combinação dos tamoios se unirem para fazer guerra. / Tibiriça falou que era segredo. / Só ele e Padre Anchieta podiam saber. / O Padre Anchieta escudou. / Escudou a conversa toda de Tibiriça. / Só que, depois, o Padre Anchieta não guardou segredo. / Ele mandou recado para o governador Mem de Sá. / Mandou recado para Mem de Sá mandar soldados, para Mem de Sá mandar navios. / Ele avisou que os tamoios todos iam chegar" (p. 80-81).

Obra de Anchieta no Brasil", chegou mesmo a acolher como verdade o que a tradição repetia dos milagres do Apóstolo:

A fama de taumaturgo que já tinha em vida, acompanhou-o ao túmulo; desde logo começaram a ser notados e autenticados seus milagres.⁸

Lembra o professor e historiador Américo Jacobina Lacombe que, ao contrário do que já foi afirmado tão falsamente, nos lúcidos ensaios de Capistrano de Abreu e também na sua correspondência, "não há senão referências respeitadas às obras e escritos do Apóstolo do Brasil".⁹

Também é expressivo o que disse outro ilustre historiador, não identificado com Anchieta na mesma crença religiosa – João Ribeiro, em sua *História do Brasil*, no capítulo intitulado "O Elemento Moral. Os Jesuítas. Anchieta":

O elemento moral dessa sociedade que florescia pela decomposição das raças foi a Companhia de Jesus.

Ao tratar em destaque da figura de Anchieta, assinalou:

Das suas habilidades a imaginação dos coevos engenhou a reputação de *taumaturgo*, merecida pelos verdadeiros milagres que realizava.¹⁰

Ressalve-se que nos depoimentos supracitados de Capistrano de Abreu e de João Ribeiro, ainda que se tome a palavra "milagre" no sentido de "sucesso que, pela sua raridade, causa admiração", mas não vinculado à idéia da intervenção de Deus como vê a doutrina católica, é inegável o reconhecimento de que na vida e obra de Anchieta há um tecido de feitos incomuns que as singulariza notavelmente.

Neste ponto, é imperioso mencionar o que significou, em apoio ao culto anchietano no Brasil, mantido por devotados pesquisadores a que faremos referência mais adiante, a presença em nosso país de Sua Santidade o Papa João Paulo II, de 30 de junho a 11 de julho de 1980, pouco depois de se ter concluído a 22 de junho o processo da beatificação do Padre Anchieta. Em diversas homilias, pondo-se ele mesmo na condição de missionário, exaltou Sua Santidade o valor da catequese, a obrigação dos que voluntariamente se puseram a serviço da Igreja de propagar os valores eternos da men-

8 Cf. Capistrano de Abreu, *Ensaio e Estudos*, 2ª série, Rio de Janeiro, Briguiet, 1932, p. 350.

9 Recomendamos vivamente a leitura do livro de Américo Jacobina Lacombe em que ele comenta e desfaz uma série de falsas afirmações sobre a nossa história, e em cujas páginas 43-47, tratando do "mito" de Anchieta e Vieira, escreveu as palavras acima reproduzidas: *A Obra Histórica do Padre Hoornaert*, Rio de Janeiro, Agir Editora, 1983.

10 Cf. João Ribeiro, *História do Brasil* - Curso Superior, 12ª edição, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1929, p. 112 e 115.

sagem cristã e de levar todos os homens à prática dos ensinamentos evangélicos; e, como que respondendo aos detratores da ação missionária, não deixou de tratar de fatos históricos que, como vimos, querem alguns apresentar em versão distorcida e tendenciosa, que só sabe ressaltar os aspectos negativos em todo processo de colonização, onde se misturam, como já se disse com toda a razão, as demonstrações de grandeza e as demonstrações de miséria, como em tudo o que é do homem.¹¹

Vale a pena transcrever alguns trechos desses pronunciamentos de João Paulo II. No discurso proferido em Brasília a 30 de junho, teve ocasião de dizer:

Alegra-me que uma série de acontecimentos sirvam de moldura a esta visita: convosco me rejubilo pela glória dos altares conferida a um pioneiro da evangelização de vossa gente, o Beato José de Anchieta

Em homília durante a missa celebrada no mesmo dia na capital da República, referiu-se aos primeiros evangelizadores como uma "constelação de apóstolos, na qual refulge o Beato José de Anchieta".

Em São Paulo, a 3 de julho, celebrou o Papa uma missa dedicada à "fascinante figura" do Bem-Aventurado José de Anchieta, e a todos impressionou pela compreensão revelada a respeito da relevante participação do Apóstolo do Brasil no processo de colonização empreendido pelos portugueses. A certa altura indagou: "Terá vindo o Padre Anchieta como um soldado em busca de glória, um conquistador em busca de terras, ou um comerciante em busca de bons negócios e dinheiro?" – para logo em seguida responder ele mesmo, associando a sua viagem à do Apóstolo:

Não! Veio como missionário, para anunciar Jesus Cristo, para difundir o Evangelho. Veio com o único objetivo de conduzir os homens a Cristo, transmitindo-lhes a vida de filhos de Deus, destinados à vida eterna. Veio sem exigir nada para si; pelo contrário disposto a dar a sua vida por eles. Pois bem, também eu venho a vós impelido pelo mesmo motivo, impulsionado por igual amor: venho a vós como humilde mensageiro de Cristo.

A 7 de julho, na homilia da missa em Salvador, referindo-se à América Latina como o espaço histórico em que se deu o encontro de três universos culturais – o indígena, o branco e o africano – assim ressaltou o papel dos missionários:

11 No seu livro *Origem, Formação e Aspectos da Cultura Brasileira* (Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1974), tratando da situação e destino de Portugal, e portanto da sua expansão pelo mundo na empresa colonizadora das terras do Novo Mundo, diz o professor e ensaísta Gladstone Chaves de Melo: "A obra foi feita com miséria e com grandeza, porque só esta constrói e fica. E o que ficou aí está: é 'o mundo que o português criou', de que somos concidadãos, mundo feito de transportes e de intercâmbios culturais, feito de adaptação aos trópicos, de mescla de etnias, de cruzamentos raciais, de incorporação e permuta de elementos europeus, americanos, africanos e asiáticos" (p. 91).

O certo é que os Apóstolos, como o Padre José de Anchieta, que tive a alegria de incluir no catálogo dos Beatos da Igreja, no passado dia 22 de junho, colocaram-se decididamente ao lado das populações indígenas, aprendendo-lhes a língua, assimilando-lhes os gostos, adaptando-se à sua mentalidade, defendendo-lhes a vida, e, simultaneamente, anunciando-lhes a verdade salvífica de Jesus Cristo, convertendo-os para o Evangelho, batizando-os e integrando-os na Igreja.

Finalmente, na passagem por Manaus, a 11 de julho, dirigindo-se de modo especial aos missionários de hoje e aos representantes das comunidades indígenas, afirmou João Paulo II:

A Igreja procura dedicar-se hoje aos índios como se dedicou, desde a descoberta do Brasil, aos seus antepassados. O Bem-Aventurado José de Anchieta, nesse sentido, é um pioneiro e de certo modo um modelo de gerações e gerações de missionários – Jesuítas, Salesianos, Franciscanos, Dominicanos, Capuchinhos, Missionários do Espírito Santo ou do Precioso Sangue, Beneditinos e outros tantos.

Com meritória constância, eles procuraram comunicar-lhes, aos índios, o Evangelho, e prestar-lhes toda ajuda possível em vista de sua promoção humana.

E disse mais, para concluir:

Uma palavra ainda: uma comovida homenagem aos milhares de missionários que desde os anos da descoberta até hoje labutaram em toda a extensão do Brasil Quantos vieram de suas pátrias na Europa para nunca mais voltar, quantos esgotaram rapidamente suas jovens energias, consumidas pela fadiga ou pelas doenças, quantos encontraram a morte tragados pelas águas ou dormem o último sono em qualquer túmulo sem nome em um pedaço da imensa floresta? Eu me ajoelho diante de cada uma dessas sepulturas e mais ainda diante de cada uma dessas figuras de missionários, homens como nós, com defeitos e fraquezas, engrandecidos porém pelo testemunho do dom pleno de si mesmos às missões.

São vossos precursores: não cedais nunca à fácil tentação de pensar que a missão começa convosco, mas apoiiai-vos sobre o muito que vos deixaram estes vossos irmãos. Sejam também, muitos deles que hoje contemplam a Face de Deus, vossos intercessores.

Entre eles, alguns receberam a glória dos altares como os **Mártires do Rio Grande** e, há dias, o Beato José de Anchieta, a quem vai nossa veneração. Outros, escondidos aos olhos dos homens encontram, na luz do Cristo ressuscitado, o prêmio de seus sacrifícios.¹²

12 Cf. *Ensinamentos de João Paulo II - Homilias e Discursos Durante a Visita ao Brasil*, publicação do Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, com apresentação do Cardeal Dom Eugênio de Araújo Sales, Rio de Janeiro, 1980, p. 8, 14, 69, 70, 158, 216, 217, 220.

Essas palavras do Papa, representando o magistério da Igreja, tiveram portanto o grande mérito de ressaltar a necessidade de estudos mais acurados, extensos e profundos sobre a ação catequética: com efeito, só uma nítida e verdadeira visão histórico-cultural na formação dos que se interessam por tais estudos poderá livrá-los dos descaminhos e das conclusões apressadas, tão destoantes dos propósitos de fidelidade à verdade histórica com que se compromete cada pesquisador.

4 – O iniciador da literatura brasileira

Várias concepções equivocadas já levaram a excluir o nome do Padre José de Anchieta do quadro dos autores mais significativos da literatura brasileira – da literatura no seu sentido restrito de arte da palavra. Lembre-se, por exemplo, que Anchieta não foi escolhido como Patrono de nenhuma das 40 Cadeiras do quadro de membros efetivos da Academia Brasileira de Letras, e não figura também como Patrono de nenhuma das 20 Cadeiras do quadro de membros correspondentes. Todavia, entre esses Patronos vamos encontrar vários nomes de muito menos expressão, escolhidos ao sabor das circunstâncias.

Entre os citados equívocos, o de que tudo o que se escreveu no Brasil do século XVI ou não é literatura propriamente dita, e ainda por cima de autoria de estrangeiros, ou é literatura de qualidade inferior, produzida com finalidades próprias, como as de dar notícias do que se passava na terra conquistada, ou de servir ao trabalho da catequese religiosa.

Para que se tenha idéia de como o preconceito se instalara até mesmo entre os nossos primeiros grandes críticos literários, leia-se por exemplo o que escreveu José Veríssimo no capítulo "Primeiras Manifestações Literárias" da sua *História da Literatura Brasileira*, que tem curiosamente o subtítulo "De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)". Para José Veríssimo, a nossa literatura como arte da palavra começa no século XVII; Anchieta, por quem manifesta grande estima e simpatia, produziu peças teatrais "sem intuítos nem qualidades literárias" e "sem unidade de estilo ou sequer de língua, pois as escrevia, consoante o interesse do momento, em português, latim ou castelhano e ainda em tupi e até misturava estes idiomas"; o fato de terem sido escritos em latim os seus poemas dedicados a exaltar os feitos de Mem de Sá e a Virgem Maria exclui tais peças da nossa literatura. E conclui com estas espantosas palavras:

Quanto às suas composições poéticas, essas apenas lhe autorizam a menção do nome, por outros e melhores títulos glorioso, entre os nossos primitivos

versejadores. São tanto literatura como os diversos catecismos bilingües escritos no período colonial.¹³

À posição, hoje absolutamente insustentável, de José Veríssimo e outros, se contrapõe a de notáveis estudiosos da literatura brasileira que tiveram a exata compreensão do lugar devido a José de Anchieta como iniciador da nossa literatura. Assim, por exemplo, Sílvio Romero, na sua *História da Literatura Brasileira*, ao tratar dos poetas e cronistas do primeiro século do que denomina período de formação (1500-1750), fala especialmente de Anchieta nas páginas 118-130 do primeiro tomo, e observa:

O mais antigo vulto de nossa história intelectual é o Padre José de Anchieta. A crítica mesquinha, que tem presidido à organização de nossas crônicas literárias, o tem excluído do seu quadro.

Depois de minuciosas referências à vida e obra de Anchieta, continua:

Durante quase meio século o ilustre Apóstolo do Novo Mundo foi o grande instrutor das populações brasileiras nos primeiros tempos da conquista. Só por este fato, tinha direito de figurar na história literária do país, ainda que não houvesse escrito uma só palavra.

Se se considerar, porém, que os primeiros autos e mistérios representados nesta parte da América são devidos à sua pena; que ele escreveu poesias e outros trabalhos, ainda mais firme se o tem [sic] de colocar em seu lugar.¹⁴

Numa nota de pé de página, esclarece Sílvio Romero, depois de sua lúcida exaltação dos feitos e dos méritos de Anchieta:

Como se vê, a idéia capital deste capítulo é a designação de um lugar para José de Anchieta em nossa história literária.

O pensamento de Sílvio Romero contribuiu, sem dúvida, para uma revisão do conceito de literatura brasileira, e para a valorização de Anchieta como escritor, como se nota pela leitura da seguinte observação de Ronald de Carvalho, logo na primeira edição da sua memorável *Pequena História da Literatura Brasileira*:

Como acentua Sílvio Romero, não assiste aos que o têm excluído da nossa literatura a menor razão. Ele é realmente "o mais antigo vulto da nossa história intelectual".¹⁵

13 Cf. José Veríssimo, op. cit., Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1916, p. 47.

14 Cf. Sílvio Romero, op. cit., 2ª edição melhorada, Rio de Janeiro, H. Garnier, 1902, tomo I, p. 118, 127, 128.

15 Cf. Ronald de Carvalho, op. cit., Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1919, p. 62.

Os mais conceituados críticos literários brasileiros já reconheceram a inegável importância dos escritos anchietanos, muitos dos quais são ainda documentos imprescindíveis aos estudos históricos, como retratos fiéis do ambiente e dos costumes da época.¹⁶ Sintetizam muito bem o que se pode considerar avaliação crítica definitiva as seguintes palavras do verbete sobre José de Anchieta da *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, dirigida por Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa :

Anchieta foi o primeiro em terras brasílicas a produzir literatura para os locais. A essa prioridade cronológica, acrescenta-se o fato muito mais importante de que Anchieta é o verdadeiro iniciador da literatura brasileira como expressão de uma nova gente situada em novo contexto social, histórico e geográfico, e também de um estado de alma já diferenciado do de Portugal. Se estudarmos com espírito analítico a obra literária de Anchieta verificaremos que ela representa realmente uma ideologia e um estilo em franco desacordo com os que predominavam ao tempo em Portugal, iniciando assim a marcha da consciência literária brasileira para a criação de um caráter e uma fisionomia autônomos.¹⁷

Como parte da literatura brasileira deve-se incluir, é claro, todos os textos que Anchieta redigiu em língua portuguesa, mas também os textos em tupi, em espanhol e em latim, para leitores mais numerosos ou mais raros, a quem desejava transmitir as suas mensagens de missionário. Com efeito, a idéia de "literatura brasileira" não está vinculada à de textos exclusivamente em língua portuguesa, pois se assim fosse não teríamos como considerar parte do nosso patrimônio literário o que escritores nossos – como por exemplo Joaquim Nabuco, Alphonsus de Guimaraens, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira e tantos mais – escreveram em outras línguas. Particularmente notável, no caso de Anchieta, é a questão dos seus dois poemas em latim: o poema épico dedicado aos feitos de Mem de Sá – *De Gestis Mendi de Saa*, e o dedicado a Nossa Senhora - *De Beata Virgine Dei Matre Maria*. Sobre a autoria anchietana do primeiro pairavam dúvidas, que uma crítica mais atenta e fundamentada desfez. Ambos têm tido reedições nos nossos dias, com prefácios ou notas prévias que põem em realce os seus grandes méritos. Deve-se ao professor Américo da Costa Ramalho, quando exercia as funções

16 Graças à fidelidade à memória de Anchieta, aos ingentes esforços e à competência do benemérito Padre Armando Cardoso, S. J., toda a obra anchietana está ao alcance dos pesquisadores, em onze volumes, na coleção das obras completas lançadas pelas Edições Loyola, em São Paulo: 1 - *De Gestis Mendi de Saa*; 2 - *Poemas Eucarísticos*; 3 - *Teatro de Anchieta*; 4 - *Poema da Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus*; 5 - *Lírica Portuguesa e Tupi, Lírica Espanhola*; 6 - *Cartas: Correspondência Ativa e Passiva*; 7 - *Sermões de Anchieta*; 8 - *Diálogo da Fé*; 9 - *Textos Históricos*; 10 - *Doutrina Cristã*; 11 - *Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil*.

17 Rio de Janeiro, MEC - Fundação de Assistência ao Estudante, 1990, vol. I, p. 216.

de Catedrático da Universidade de Coimbra, a iniciativa de promover uma análise mais profunda dos temas desses poemas e do latim de Anchieta, que lhe permitiram reconhecer o valor literário dos mesmos e apontar o domínio da língua e a "facilidade no verso latino", bem como o "requisite estilístico do exímio latinista que era José de Anchieta".¹⁸

Referindo-se ao teatro de Anchieta como parte principal entre as primeiras manifestações cênicas no Brasil, o crítico Sábato Magaldi afirmou:

Os vários autos, desiguais na forma e no resultado cênico, parecem uma aplicada composição didática de quem tinha um dever superior a cumprir: levar a fé e os mandamentos religiosos à audiência, num veículo ameno e agradável, diferente da prédica seca dos sermões. Acresce que os índios eram sensíveis à música e à dança, e a mistura das várias artes atuava sobre o espectador com vigoroso impacto. A missão catequética dos autos se cumpria assim facilmente.

Mas não se deve reduzir a importância teatral da contribuição de Anchieta. As limitações de seus autos, obras de circunstância, são menos oriundas de deficiências próprias do que do primarismo quase genérico da literatura medieval.¹⁹

Das peças teatrais anchietanas existem várias edições e estudos que ajudam a entendê-las como parte do patrimônio cultural brasileiro.²⁰ Recomenda-se aos interessados, por exemplo, a leitura do valioso estudo do Padre A. Lemos Barbosa sobre a peça que ficou conhecida como o *Auto de São Lourenço*²¹, redigida em três línguas (tupi, espanhol e português) e representada a 10 de agosto de 1587 junto à igreja de São Lourenço, em Niterói, "perante a platéia mais heterogênea que já se reuniu para um teatro: a colônia, na variedade das suas classes sociais, e a indiada, na maioria temiminós do Espírito Santo, gente de Araribóia, mas também tupis de São Vicente e de Piratininga, além de tamoios, remanescentes das tragédias do Rio de Janeiro e do Cabo Frio". Tratando de uma questão em controvérsia, firmou Lemos Barbosa o ponto de vista de que a variante da peça levada à cena na data citada "não é a primitiva, mas sim resultado de arranjos, em que podem ter

18 Cf. Américo da Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal*, I, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988, p. 163-171 (cap. "O Inferno no *De Gestis Mendi de Saa* de Anchieta"), 176-180 ("Anchieta em Coimbra").

19 Cf. *Panorama do Teatro Brasileiro*, Rio de Janeiro, Serviço Nacional de Teatro, 2ª edição, s/d (1975?), p. 16 e 24.

20 Além do volume 3 - *Teatro de Anchieta* - da coleção das Obras Completas, citamos apenas, pela riqueza dos comentários, a edição de *O Auto da Ingratidão* preparada por Edith Pimentel Pinto (São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978).

21 Cf. *O Auto de São Lourenço - Uma Peça Teatral de Anchieta em Tupi, Castelhanos e Português*, separata da revista *Verbum*, tomo VII, fasc. 2, Rio de Janeiro, Universidade Católica, 1950, p. 201-247.

tomado parte outras mãos além das de José de Anchieta", o qual, admitindo-se a hipótese, é ainda assim, no seu entender, por fundadas razões o autor principal. Nas considerações seguintes, Lemos Barbosa se refere às "interessantes ilustrações" aos estudos etnológicos no *Auto de São Lourenço*, e acrescenta:

Nele se espelham as principais vicissitudes do Brasil quinhentista: lutas com os franceses, lutas entre os missionários e os colonos, entre os índios e os brancos, lutas de tribos, êxitos e reveses da catequese, a eterna diferença com o castelhano, entradas de caça ao índio, o tráfico do índio pelo próprio índio, etc., etc.

Como diz Lemos Barbosa, o *Auto* como obra literária "tem seus defeitos", faltando-lhe acima de tudo "unidade de conjunto", mas o seu valor está precisamente "nos pormenores, nas cenas colecionadas, essas sim, com gosto", que o assemelham "a uma espécie de teatro revista indígena"; concretiza com certa felicidade aquele Indianismo que "séculos mais tarde a escola romântica tentaria, criando porém um índio falsificado e irreal". E conclui:

Na história de nossa literatura, ele é como a recordação de um sonho, o lindo sonho que embalou os missionários ao aportarem a esta terra: o de uma nova cristandade, um povo que, convertido ao Evangelho, iria adorar a Cristo em uma nova língua neste mundo novo.

Sobre a importância das cartas de Anchieta muito poderíamos falar, se não tivéssemos um limite para este artigo. Por ora, basta lembrar que o poeta e ensaísta português Vitorino Nemésio, com a sua acuidade crítica e rara percepção literária, teve ensejo de dizer:

Só esse epistolário, de que algumas espécies são verdadeiros pequenos tratados etnográficos, naturalísticos e morais, o levanta como um dos primeiros grandes prosadores que revelaram o Brasil e os segredos da mentalidade primitiva e silvícola.²²

Em conclusão: o Padre José de Anchieta, dotado de forte vocação literária, como bem perceberam alguns dos seus superiores, como o Padre Manuel da Nóbrega, deixou-nos um conjunto de escritos de boa qualidade, o que tem sido reconhecida em muitos pronunciamentos respeitáveis e inquestionáveis. Há inegavelmente uma certa irregularidade e desnível em tais escritos produzidos ao sabor das circunstâncias e em razão da sua vida de catequista, pois não teve ensejo e nem viveu em ambiente que lhe permitisse aprimorá-los, e eram marcados pela preocupação de divulgar as suas verda-

22 Cf. verbete sobre Anchieta no *Dicionário de Literatura* dirigido por Jacinto do Prado Coelho, Antônio Soares Amora e Ernesto Guerra Da Cal, 2ª edição, Rio de Janeiro, Companhia Brasileira de Publicações, 1969, p. 52.

des em linguagem simples e acessível, não se dirigindo portanto a público de gosto mais requintado. Na verdade, as restrições que em consciência podem ser feitas à literatura anchietana não abalam a convicção de que o autor, com toda a sua humildade, acrescentou a todos os seus títulos mais importantes este que estamos apontando de figura pioneira e de destaque no âmbito da nossa história literária. Sentiu tudo isto muito bem o escritor e ensaísta Afrânio Peixoto, e assim, em 1923, como Presidente da Academia Brasileira de Letras, ao criar a coleção "Biblioteca de Cultura Nacional", inaugurou-a com o volume intitulado *Primeiras Letras*, que inclui os Cantos de Anchieta num conjunto dos "primeiros documentos propriamente literários do Brasil".

5 – O precursor dos estudos lingüísticos no Brasil

Com o fervor de um grande missionário, desejoso de levar ao conhecimento dos índios a mensagem evangélica e de convertê-los à fé cristã, percebeu logo o Padre Anchieta, sabendo das experiências anteriores de alguns dos seus companheiros que chegaram antes dele ao Brasil, ser necessário o domínio das línguas indígenas mais usadas nas regiões em que desenvolviam o seu trabalho catequético, para mais seguramente atingirem os missionários seus objetivos de comunicação com os grupos indígenas. Anchieta, com a sua inteligência privilegiada, a boa formação cultural que tivera em Coimbra, falando e escrevendo em latim quando necessário, e ainda dotado de forte inclinação para os estudos lingüísticos, em pouco tempo conseguiu assenhorear-se dos mistérios da língua mais falada na costa do Brasil, a língua tupi, a exemplo de outros integrantes do grupo a que pertencia, como os padres Aspilcueta Navarro, Luís da Grã, Pero Correia, Antônio Rodrigues e alguns outros. Sem demora elaborou esquemas para escrever uma gramática da mesma, o que mais uma vez prodigiosamente realizou em poucos anos. Essa *Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil*, que todavia só no ano de 1595 viria a ser publicada em Coimbra, desde 1556 já passara a circular em cópias manuscritas entre os missionários, conforme o relato do Padre Augusto Magne, S. J., que a reeditou em fac-símile no ano de 1946, dizendo no prefácio:

A *Gramática* de Anchieta foi a cartilha dos primeiros evangelizadores de nossa Pátria.

Ainda manuscrita, já em 1556, servia de texto para o ensino do tupi no Colégio da Bahia. Em 1560, o Padre Luís da Grã tornava obrigatório o seu estudo, sendo ele mesmo professor.

Em 1592, pediu-se licença para imprimir o opúsculo, mas a impressão só veio a realizar-se em 1595.

Nesse mesmo prefácio informa o Padre Magne que a segunda edição só saiu em 1874, impressa em Leipzig pelo editor Júlio Platzmann, juntamente com a

sua tradução para o alemão em separado; que dois anos depois – em 1876 portanto – o "sábio editor" daria a lume uma edição fac-similar da *Gramática*; e que em 1933 a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, "aproveitando as chapas da edição estereotipada que Platzmann lhe doara", publicou a quarta edição. A do Padre Magne é, por conseguinte, a quinta edição dessa obra que tão grande influência exerceu na ação missionária jesuítica.²³

A demora na publicação da *Gramática* é assim interpretada pelo ilustre tupinólogo Frederico Edelweiss:

o escrúpulo dos nossos jesuítas em questões de linguagem tupi foi tão pronunciado, que, só depois de quarenta anos de estudos e de convivência diária com os índios, de repetidos confrontos e retoques das notas dos mais capazes, eles se atreveram a dar à estampa as suas primícias em língua tupi.²⁴

A língua indígena que Anchieta fixou de modo particular na *Gramática* e nos escritos em que a ela recorreu (como em cartas e em peças teatrais de sua autoria) é a que tem recebido de lingüistas e tupinólogos atuais (como o Padre Lemos Barbosa, Frederico Edelweiss, Aryon Dall'Igna Rodrigues e outros) a classificação de "tupi antigo", língua cujo largo uso no tempo da colonização se estendeu do século XVI ao século XVIII. Como língua morta, o que podemos saber dela é por via documental, portanto através de uma reconstituição filológica (isto é, através dos textos bem apurados). Com toda a razão afirmou Lemos Barbosa:

Língua vulgar, prevalente nos primeiros tempos da Colônia, falada na catequese e nas bandeiras, instrumento das conquistas espirituais e territoriais da nossa história, o seu conhecimento, sequer superficial, faz parte da cultura nacional. Adotada como língua "geral" ou "comum" por índios de outros grupos étnicos e lingüísticos, pelos próprios portugueses e, ao que parece, até por muitos negros, tornou-se laço de união entre os vários povos que formaram o Brasil, e destarte contribuiu para fortalecer, na América Portuguesa, aquela unidade política que faltou à América Espanhola. De sua antiga preponderância são vestígios os nomes geográficos que semeiam o território nacional e os milhares de palavras incorporadas ao léxico brasileiro.²⁵

Tais palavras por si sós atestam a extraordinária importância da *Gramática* de Anchieta como pioneira da revelação dos mistérios do tupi antigo

23 Cf. *Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil*, edição fac-similar, prefácio do Padre Augusto Magne, S. J., São Paulo, Editora Anchieta, 1946.

24 Cf. *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*, Rio de Janeiro, Brasiliense Editora, 1969, p. 41.

25 Cf. *Curso de Tupi Antigo: Gramática, Exercícios, Textos*, Rio de Janeiro, Livraria São José, 1956, p.9.

a quantos naquela época desejavam dominar essa língua como instrumento de comunicação no dia-a-dia, e a quantos no correr dos tempos até os dias de hoje se têm interessado pelos estudos das línguas e das culturas indígenas do Brasil. O mesmo Lemos Barbosa, aliás, é que nos adverte que o seu *Curso de Tupi Antigo* " não é senão a sistematização de quanto nos legaram os antigos gramáticos" ²⁶, entre os quais em primeiro lugar o Padre Anchieta.

Nas últimas décadas do século XX, depois que – com justa razão – alguns institutos de alto nível científico passaram a cuidar da preservação das línguas dos grupos indígenas que ainda existem no Brasil, surgiu o equívoco de depreciar o que fizeram os primeiros jesuítas tão custosamente, para apoio ao seu trabalho de catequese. É uma depreciação que absurdamente põe em confronto os métodos rigorosos da ciência lingüística hodierna com o precário método usado no século XVI por Anchieta e outros companheiros. Felizmente, levantaram-se desde logo as vozes autorizadas de dois grandes tupinólogos dos nossos dias, o Padre Lemos Barbosa (o autor do *Curso de Tupi Antigo*) e o professor Frederico G. Edelweiss (o autor de *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*), para comprovar a leviandade com que a falsa ciência estabelece comparações infundadas e assume ares de condenação a tanta coisa que no passado se fez com a maior seriedade e o rigor possível aos que abriam caminhos inteiramente novos de investigações histórico-culturais.

As duas críticas mais comuns dirigidas aos jesuítas – em destaque à figura de Anchieta – são as de que tiveram a preocupação de "criar" uma língua artificial (ou "língua geral") que seria uma mescla dos traços de vários dialetos de grupos indígenas na costa do Brasil, e de que subordinaram a sua descrição lingüística ao modelo da gramática latina. Demonstra Lemos Barbosa²⁷ que a primeira dessas críticas é inteiramente infundada; e que a segunda, conquanto verdadeira, nada tem de estranhável, pois assim procederam muitos gramáticos da época ou de épocas posteriores, tratando de outras línguas de povos "civilizados", pois não conheciam a exigência da lingüística moderna e contemporânea segundo a qual cada língua deve ser encarada e sistematizada em sua individualidade própria. Disse-o muito bem Frederico Edelweiss:

Outro ponto dificilmente contestável é a presença da gramática latina no espírito dos tupinistas inicianos em suas elucubrações lingüísticas.

Entretanto, concluir daí que a *estrutura* latina era por eles considerada o modelo e que, para melhorar o tupi, o disciplinaram pela gramática latina,

26 Op. cit., p. 12.

27 Op. cit., p. 22.

é ultrapassar os limites. É uma afirmação não apenas impossível de provar, mas ilógica, porque tais alterações dificultariam grandemente a evangelização, somando, para gente bronca, o abstruso de concepções religiosas, tão diferentes, à sua transmissão em linguagem desajustada com a dos índios. A história mostra que o jesuíta não anularia grande parte do seu esforço pela falta de adaptação lingüística adequada. Ao contrário, esse preparo, segundo a declaração expressa de Antônio Vieira, foi sempre exigência primordial entre os jesuítas, ao ponto de sobrepor, para os missionários, o conhecimento do tupi ao do latim desde o tempo de Nóbrega e de admitirem de preferência elementos conhecedores do tupi, por haverem convivido com os índios.²⁸

Na impossibilidade, pelos limites do presente artigo, de nos estendermos em outras considerações, inclusive mencionando os nomes dos principais críticos dos estudos lingüísticos empreendidos pelos primeiros jesuítas, recomendamos vivamente aos nossos leitores a leitura dos citados trabalhos fundamentais dos tupinólogos Padre A. Lemos Barbosa e Frederico G. Edelweiss (*Curso de Tupi Antigo* e *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*, respectivamente), onde poderão encontrar informações e lúcidos comentários que não deixam a menor dúvida sobre o alto significado da *Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil*, obra que confere ao autor o título de precursor da valorização dos estudos lingüísticos no Brasil e justifica a escolha o seu nome como Patrono da Cadeira Número 1 da Academia Brasileira de Filologia. Da *Gramática* existe a já citada reedição recente como 11º volume das Obras Completas de Anchieta, que muito favorece o conhecimento da obra, com uma "Apresentação" do professor Carlos Drummond, da cadeira de Tupi da Universidade de São Paulo, com o texto original de 1595 reproduzido fac-similarmente, e vários aditamentos do Padre Armando Cardoso, S. J. ("História da *Arte da Gramática*, narrada pelos contemporâneos", "A folha autógrafo da *Arte da Gramática*", "Leitura da *Arte da Gramática* mais atualizada para os não iniciados" e "Índice analítico da *Arte da Gramática*"). Na "Apresentação", o tupinólogo Carlos Drummond relaciona e dá as características principais de todas as seis edições integrais anteriores (1595 / 1874 / 1876 / 1933 / 1946 / 1980), e, opondo-se à crítica de subordinação servil ao modelo da gramática latina no trabalho de Anchieta, depois de citar em apoio às suas próprias contestações os pareceres judiciosos de Frederico G. Edelweiss, de Edith Pimentel Pinto, então integrante do quadro docente da USP, e do tupinólogo J. J. Philipson, observa:

28 Op. cit., p. 43.

Aos acusadores de Anchieta, como tendo subordinado sua *Arte* à gramática latina, uma leitura desapaixonada dos diversos capítulos que a compõem mostrará quanto de insustentável têm muitas das assertivas feitas ao trabalho do renomado jesuíta

Enfim, conforme já disse Philipson, somos também de opinião que a *Arte* de Anchieta resiste a todas as críticas, subsistindo a todas as opiniões divergentes e contrárias, desde que se leve em conta, para isso, o momento histórico de sua elaboração.

Para concluir, indicamos mais – aos que desejam aprofundar o conhecimento das questões relativas às línguas indígenas no século XVI e do que representou a atuação de Anchieta como um dos precursores dos nossos estudos lingüísticos e autor da *Arte da Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil* – pelo menos três outros importantes trabalhos que vieram trazer outros dados de análise crítica aos já citados até agora: o capítulo "Sobre a Língua Geral" que o professor e lingüista Sílvio Elia acrescentou como apêndice ao livro *A Unidade Lingüística do Brasil (Condicionamentos Geoeconômicos)*²⁹, em que são inclusive comentadas as idéias do lingüista J. Mattoso Câmara Júnior expostas na sua *Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras*³⁰; o tópico sobre a gramática de Anchieta no livro da professora Maria Leonor Carvalhão Buescu *O Estudo das Línguas Exóticas no Século XVI*³¹; e o artigo sobre "Os Jesuítas e Suas Atividades Lingüísticas no Brasil" do professor José Rogério Fontenele Bessa publicado na Revista de Letras da Universidade Federal do Ceará³².

29 Rio de Janeiro, Padrão - Livraria Editora, 1979, p.175-218.

30 2ª edição, Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965.

31 Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983, p. 70-75.

32 Cf. vol. 16, nº 1-2, jan.-dez. 1994, p. 5-22.

REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

REVISTA PHILOLOGUS, ano 2, nº 5, Rio de Janeiro, maio/agosto, 1996.

Philologus é revista do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos e tem na sua direção o Prof. Emmanuel Macedo Tavares.

Consta o presente número dos seguintes artigos: a) "*Quarup*: Roteiro de Estudo", pela Prof^a Dra. Maria Lúcia Mexias Simon, Titular de Língua Portuguesa da UFRJ. A A. categoriza o romance de Antônio Callado como "romance de realismo crítico, com claras manifestações de didatismo"; b) O Catalão e sua Contribuição ao Léxico Português, por Alfredo Maceira Rodriguez, Doutor em Lingüística, pela UFRJ. Depois de uma descrição fonética do catalão e da apresentação sumária de seus dialetos e subdialetos, passa o A. a se ocupar com os "vocábulo portugueses de origem catalã, a saber: *amainar, arriar, bacio, baixela, bolso, beldade, bosquejar, brandal, calafetar, caparrosa, capacete, catimplora, capicua, convite, corandel, donzel, dossel, disfarçar, escorcioneira, esmalte, esmeril, esparavel, espelta, faina, faixa, foguete, gafa, guante, metal, molhe, nau, orate, orgulho, paiol, papel, moscatel, perno, pincel, polaca, pólvora, pontal, preboste, prepau, proiz, retrete, rubi, sardana, socairo, soçobrar, solau, sota, trabuco, veludo, vinagre*"; c) "Contribuição Árabe na Formação do Português", por José Pereira da Silva, Doutor em Filologia Românica pela UFRJ e Professor Adjunto de Língua Latina e Filologia Românica da UERJ. O estudo limita-se ao vocabulário português legado pelos árabes, perto de mil palavras; d) "Escravo em Plauto", por Ruy Magalhães de Araújo, Doutor em Lingüística e Filologia Românica pela UFRJ e Professor Adjunto de Língua Portuguesa e Filologia Românica da UERJ. O artigo é dedicado à memória do saudoso professor Junito Brandão.

S.E.

*

HISTÓRIA E ANTOLOGIA DA LITERATURA PORTUGUESA, séculos XIII-XIV.

Trata-se de publicação da Fundação Calouste Gulbenkian e fez parte integrante do *Jornal de Letras*, de Lisboa, nº de 04/09/97. Compõem o presente fascículo: Editorial, "A Formação da Nacionalidade", por José Mattoso; "A Cultura Medieval Portuguesa (Séculos XI a XIV)", por José Mattoso; "A Literatura Medieval. A Poesia", por Esther de Lemos; "A Poesia Lírica

na Literatura Hispânica do Século XIII", por Giuseppe Tavani; "Problemas da Poesia Lírica Galego-Portuguesa", por Giuseppe Tavani; "O Papagaio e a Pastora: Filtros de Hoje para Textos Medievais", por Luciana Stegagno Picchio; "A Música Medieval e a Experiência Artística Contemporânea", por Rui Vieira Nery; Bibliografia Brevíssima.

O Editorial, assinado por Vasco Graça Moura, esclarece que se trata de publicação trimestral regular, editada com apoio da benemérita Fundação Calouste Gulbenkian e divulgação pela mais prestigiosa revista cultural portuguesa, o JL, de Lisboa, e constitui início de uma série que se prevê irá ter a duração de quatro a cinco anos, intitulada *História e Antologia da Literatura Portuguesa*. A coordenação científica da publicação coube à professora Doutora Isabel Allegro de Magalhães.

Confluência não poderia deixar de trazer o seu louvor a mais essa iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian, em prol da difusão do excelso patrimônio cultural português.

S.E.

*

Carlos d'Alge. *O Sal da Escrita*. Universidade Federal do Ceará, Casa de José de Alencar. Programa Editorial. 1997.

Já vai longa e frutuosa a trajetória de Carlos d'Alge, professor titular de Literatura da Universidade Federal do Ceará e de outras instituições de ensino superior. Soma-se aos seus vários livros este recente, que tem como subtítulo *Ensaio de Literatura Comparada*, ratificador do mestre inteligente, do leitor arguto e do pesquisador que domina amplo horizonte de sua especialidade. Compõe-se *O Sal da Escrita* de 12 artigos assim intitulados: "Iluminismo e Germanismo na Obra da Marquesa de Alorna", "A Natureza Brasileira Segundo Frei José de Santa Rita Durão e Garrett", "O Romantismo Português e sua Sobrevivência na Literatura Brasileira", "Eça e a Imitação de Flaubert", "O *Simas*, de Pápi Junior, um Romance Queiroziano", "A Diáspora no Oriente: Regresso e Permanência", "As Idéias Políticas de Fernando Pessoa", "O *Ultimatum Futurista*, de Almada Negreiro, e a Consciência Libertadora", "Ressonância da *Ode Triunfal*, de Fernando Pessoa no Poema *Táxi*, de Adriano Espínola", "O Cristo Segundo Saramago", "Ironia e Rememorações na *Crônica das Raízes*, de Francisco de Carvalho" e, finalmente, "A Temática da Guerra e do Fascismo nas Letras", Terminam o volume "Notas e Bibliografia Consultada" e um Apêndice, em que Vianney Mesquita, contraditando a falsa opinião de crítica aos críticos (por não separar o joio do trigo), levanta uma bem fundada *Fortuna Crítica* de Carlos d'Alge, cujos méritos de pesquisador abalizado são postos em evidência por conhecidos especialistas.

O leitor de *O Sal da Escrita* penetra nos meandros da obra literária e, quando a investigação se dirige nesse sentido, surpreende o campo fascinante da recepção de uma obra literária e a sua presença, disfarçada ou eloqüente, em obras congêneres que saíram posteriormente.

Sabe Carlos d'Alge, mesmo em pequenos esboços, como os que compõem seus ensaios de literatura comparada, não perder a cientificidade que deve escorar estudos dessa natureza e apresentá-los de maneira clara e simples, tornando-os acessíveis ao especialista e ao leitor interessado por temas tão bem expostos em *O Sal da Escrita*. É um livro de maturidade profissional e acadêmica, com o qual Carlos d'Alge há de merecer os elogios a que faz jus. De nossa parte, vamos antecipando os nossos e já lhe prevendo uma larga aceitação no meio acadêmico a que, naturalmente primeiro se destina.

E.B.

RESENHAS CRÍTICAS

FREITAS, Horácio Rolim de. *A Obra de Olmar Guterres da Silveira, Sua Contribuição aos Estudos das Línguas Portuguesa e Latina*. Rio de Janeiro, Metáfora Editora Ltda., 1996. 376 p.

É de Horácio Rolim de Freitas (*Princípios de Morfologia*) o projeto de reunião, em livro, de trabalhos de Olmar Guterres da Silveira, Catedrático de Língua Portuguesa da UERJ. A esse projeto se engajaram amigos e colegas de Olmar, além de alguns de seus ex-alunos. De todos eles se toma conhecimento na *Tabula Gratulatoria*, ao final do livro. Horácio Rolim de Freitas cumpre, assim, a missão que se propusera: levar a público a obra de seu velho professor, obra que "não poderia ficar guardada em gavetas ou conhecida de apenas alguns privilegiados". (Prefácio, p.01)

O livro dado a público por Horácio Rolim de Freitas, ex-aluno que veio a tornar-se colega e amigo de Olmar Guterres da Silveira, divide-se em seções, distribuídas em 14 capítulos: *Sintaxe, Morfologia, Fonologia, História da Língua, O Ensino do Idioma, Comentários Filológicos, Sociolinguística, Discursos, Palestras, Conferências, Prefácios, Traduções, Artigos, Crônicas, Contribuições para o Estudo da Língua Latina, O Filólogo Poeta*. Este último capítulo apresenta duas das incursões de Olmar na poesia: "Obrigado", um auto-retrato, e "Novo Decreto", poema dedicado a Renée Amaral da Silveira, casada com Olmar desde 1945.

Horácio nos apresenta as contribuições de Olmar Guterres da Silveira aos estudos das línguas portuguesa e latina. Por essas contribuições, pode-se depreender sua vasta cultura, seus conhecimentos da Filologia, Linguística Geral e Sociolinguística, além de seus estudos de Filosofia. Associada a tais conhecimentos, é de se salientar a facilidade com que Olmar passeia pelos vários temas, de forma clara, direta, objetiva, didática, de fácil compreensão até pelos que se iniciam nos assuntos abordados, sempre se apoiando nos mais atualizados princípios lingüísticos, alertando para aspectos em que a confusão entre pontos de vista diversos leva a equívocos na interpretação dos fatos da língua: os enfoques sincrônico e diacrônico no que diz respeito ao estudo dos verdadeiros prefixos produtivos em português, no processo vernáculo de derivação, por exemplo.

É constante a preocupação de Olmar com o ensino e com a aprendizagem da língua portuguesa. Expondo seu plano de trabalho, reconhecendo o muito que há por dizer sobre os temas em estudo, explicando o enfoque que vai apresentar, sempre com farta fundamentação teórica, alertando para o fato de que "não é tão pacífica a interpretação dos diversos estudiosos, pois os conceitos que lhes servem de apoio freqüentemente lutam entre si", propondo reformulações (não mais *Sintaxe* e *Morfologia*, mas *Sintagmática* e *Paradigmática*, ou seja, "o exame das palavras na expressão oracional, ou o da sua própria constituição"), esclarecendo, por vezes, não estar propondo uma teoria nova, mas tão somente acompanhando-a da defesa que lhe empresta, expondo os princípios em que ela repousa, Olmar apresenta os caminhos e etapas por ele percorridos até a conclusão do que vem a propor, sugerir, dando oportunidade a quem o lê de percorrer esses mesmos caminhos, essas mesmas etapas, como que a querer prevenir possíveis dificuldades, dúvidas, questionamentos dos que o lerem. Não satisfeito, expõe esse processo, com minúcias muitas vezes, no estímulo ao raciocínio, ao desenvolvimento do espírito crítico, na construção do saber, coisa que só um professor sabe fazer. E ele o faz sem abrir mão do rigor científico, do confronto de teorias, opiniões, posições, numa avaliação criteriosa.

Em Olmar Guterres da Silveira se depreende o professor que se faz constantemente aluno, até mesmo, ou principalmente, de colegas que, segundo ele mesmo afirma, o ajudaram a ordenar suas pesquisas, suas indagações, seu autodidatismo. Nele, conjugam-se a vontade de aprender, seu entusiasmo diante da descoberta de boas obras, de bons trabalhos, e sua preocupação em divulgá-los, passá-los adiante, informar sobre eles aos que, como ele e com ele, se dedicam ao estudo e ao ensino da língua portuguesa. E ele não o faz em resenhas críticas, enviadas para publicação em revistas especializadas ou periódicos, como costuma ocorrer. O texto por ele escrito é, por vezes, reproduzido em cópias enviadas a seus pares. Exemplo disso nos é dado na carta aberta ao prof. Sílvio Elia ("Carta Aberta a um Grande Mestre", p. 216-224, cap. 7, "Sociolinguística").

É constante a preocupação de Olmar Guterres da Silveira em contribuir para maior aprofundamento na análise dos fatos da língua portuguesa, apontando os pontos não resolvidos, ou mal resolvidos, aqueles que não resistem a uma análise mais acurada, sem esquecer, contudo, do cuidado e respeito para com os que, antes dele, deram inegável contribuição para a análise das questões por ele abordadas. Olmar faz questão de salientar que não busca entrar no juízo crítico da doutrina de cada um deles, naturalmente diversa segundo a época em que cada um publicou seu(s) trabalho(s). Ao contrário do que costuma ocorrer, não ignora Olmar a importância dos que, antes de nós, trataram de temas que, hoje, com muito mais fontes de consulta, com o

avanço dos estudos lingüísticos, estão a exigir nova tratamento. A partir dos que nos antecederam, e, muitas vezes, graças a eles, é que nós podemos aperfeiçoar teorias, enfoques, abordagens. Lembremos, com apoio em Olmar, que é "de nosso feitio, infelizmente, esse vezo de aderir a certas idéias e provar-lhes absoluta lealdade com o abandono e desprezo do que já existia," o que é muito comum à "fúria iconoclasta das revoluções", cujos riscos e conseqüências todos os que labutamos, com seriedade, no magistério "das letras" conhecemos muita bem.

Para Olmar, nos cursos de formação de magistério (cursos superiores, especificamente), é absolutamente imprescindível que todas as teorias lingüísticas compareçam a debate e experimentação, de modo a oferecer ao professor oportunidade de integração nas várias conquistas das ciências lingüísticas, sem que se permita que "a diversidade de princípios doutrinários conduza à pluralidade de posições extremadas". Alerta ele, ainda, para a "rigidez" e as "minudências" com que se desenvolve a nomenclatura especializada, o que, denuncia, "mais é fator de incompreensão, do que é útil instrumento de trabalho". Como exemplo, cita Olmar, dentre outros, os vários métodos de trabalho no campo das investigações fonológicas (fonêmicas).

Todos os que logramos "ensinar português" sabemos do que fala Olmar. Os vários princípios doutrinários que invadiram escolas, universidades e até livros didáticos levam a que a matéria de estudo venha a adquirir "aspecto de porta aberta apenas aos iniciados", como bem afirma.

Em *A Grammatica de Fernão d'Oliveira* (pp. 102-117), Tese para provimento de uma cátedra de Português no Colégio Pedro II, Olmar nos dá mostra de sua capacidade de análise, sua perspicácia, sua vasta cultura. Seu artigo "A Filologia no Brasil" (pp. 119- 127) é de leitura obrigatória a quantos se dediquem a pesquisas referentes à historiografia dos estudos filológicos no Brasil. Nele, Olmar apresenta autores e obras fundamentais para esse tipo de pesquisa, ressaltando a importância do que chamou de "movimento de revistas especializadas", bem como o papel decisivo da Filologia Brasileira para a uniformização e simplificação da Nomenclatura Gramatical.

Também Horácio Rolim de Freitas, ao resgatar os trabalhos de Olmar Guterres da Silveira, reunindo-os em livro, informando sobre o mestre, sua atuação como professor, com importantes contribuições para os estudos da Língua Portuguesa e da Lingüística, assume seu lugar, definitivamente, entre os que deixam importante e decisiva contribuição à historiografia dos estudos científicos da linguagem no Brasil.

Questionado por nós* sobre sua "rebelia de pôr em letras de forma o resultado de seus trabalhos", a que se refere Evanildo Bechara no texto de apresentação da obra, e sobre o "idiossincrático pudor intelectual" com que "quase que segregava sua produção científica" a que se reporta Sílvio Elia numa das orelhas do livro, mestre Olmar vem a afirmar que tudo que produzira o fizera "obrigado pelas circunstâncias" e que mais não fizera "por preguiça mesmo".

Sobre a possibilidade de, uma vez aposentado, vir a escrever mais, nada nos prometeu, limitando-se a informar que andava escrevendo, por sugestão de Horácio Rolim de Freitas, para um jornal da Ilha do Governador. Sobre a certeza que nos ficara de ser ele, mais que tudo, professor, na preocupação maior de ensinar, de passar adiante suas aquisições intelectuais, seu saber, suas interpretações, conclusões, estudos e pesquisas, afirmou-nos que estávamos certa, que sempre fora *professor*. "Só professor", enfatizou. "De vários níveis", fez questão de acrescentar.

A Obra de Olmar Guterres da Silveira. Sua Contribuição aos Estudos das Línguas Portuguesa e Latina, organizada por Horácio Rolim de Freitas, tem texto de apresentação de Evanildo Bechara, 4ª de capa de Manoel Pinto Ribeiro, e depoimentos de Leodegário A. de Azevedo Filho e Sílvio Elia; todos igualmente professores com trabalhos publicados. Professores escrevendo sobre professores... Não bastasse o ingente (indigente?) trabalho de sala-de-aula, no "afã proletário em busca do pão de cada dia" de que já falava João Ribeiro, a "regência de turmas" (quantas!) com tudo que ela envolve, pertencem todos ao grupo dos que marcam gerações de alunos, contribuem para a formação e informação de futuros professores e pesquisadores. Não satisfeitos, ainda publicam trabalhos, e, insatisfeitos ainda, põem-se à faina de catar, aqui e ali, trabalhos dos que, iguais, sabe-se Deus a que penas duras, ainda conseguem pesquisar, estudar, elaborar teses, monografias, ensaios, artigos...

Alguns até se permitem "cometer a saliência" (proveitemos expressão de Olmar) de escrever sobre trabalhos de colegas, como ora fazemos.

Devemos todos ser portadores daquela "índole de apenas – cata-pulgas" de que fala (sabe Deus querendo dizer o quê) Olmar Guterres da Silveira, resgatado para nós e para a tão necessária memória de nossos estudos de linguagem por Horácio Rolim de Freitas, também ele autor de trabalhos importantes para os estudos da língua portuguesa.

Hilma Ranauro

* Contato por telefone em 19/08/97

BARCELLOS, José Carlos. *O Herói Problemático em Cerromaior*. Niterói, EDUFF, 1997, 172 p.

Tese de Doutorado em Letras, defendida na USP, em 1991, vem agora a ser publicada pela Editora da Universidade Federal Fluminense, em que o autor, Professor Doutor José Carlos Barcellos, é Professor de Literatura Portuguesa.

Além de competente, criterioso e profundo conhecedor da literatura que inclui Camões, Pessoa e, maxime, Manuel da Fonseca, José Carlos Barcellos acumula na sua bagagem intelectual o título de Mestre em Teologia pela PUC-RJ, o que nos leva a considerá-lo um privilegiado do e pelo espírito, um homem que conjuga as virtudes do pensamento e o pensamento das virtudes.

Ainda que em *Cerromaior* esteja o objeto do interesse maior do Prof. Barcellos, há uma penetrante incursão em *Aldeia Nova*, livro de contos do mesmo Manuel da Fonseca, para das narrativas curtas ampliar e consubstanciar as relações internas, e até externas, que movem personagens, ação e atmosfera do texto literário do romance em pauta.

Na segunda parte do trabalho, a verticalidade da leitura, *Cerromaior* é considerado das suas dimensões – homológicas – sociais e culturais, éticas e estéticas.

Uma tese que revela profundidade, sem capciosa manifestação de intelectualismo livresco, porque assentada na leitura atenta, na reflexão acurada e análise do momento e movimento em que se inscreve a obra literária.

Haveria muito que citar, destacar e remeter a partes significativas de *O Herói Problemático em Cerromaior*, porém para que transcrever segmentos quando a obra merece ser lida no todo, até por constituir-se, pelo menos a nosso conhecimento, em fundamental referência bibliográfica sobre Manuel da Fonseca.

Valha apenas, a título de provocação, colher algumas linhas da Conclusão: "A literatura de Manuel da Fonseca é uma voz de protesto e de esperança. Nela a verossimilhança surge como um ato de resistência num mundo tornado inverossímil, em sua violência e brutalidade... Manuel da Fonseca, em *Cerromaior*, adotou a postura da "voz que escuta", daquele que, ao invés de ensinar, procura ouvir, e no lugar de certezas apresenta as próprias perplexidades".

Antonio Basilio Rodrigues

VIEIRA, Antônio. *Sermão da Sexagésima*. Com uma rara tradução italiana de 1668. Texto, introdução e notas de Sônia N. Salomão. Brasília, Senado Federal, 1997.

A edição deste famoso sermão pregado na Capela Real, em Lisboa, aos 31 de janeiro de 1655 e impresso em Lisboa em 1679, acompanhado de uma rara tradução italiana, saída em 1668, em Nápoles, não é apenas mais uma edição desta preciosa jóia da oratória vieiriana. O leitor apreciará a erudita introdução da lavra de Sonia N. Salomão, em que vários aspectos da retórica inaciana e, em particular, da pregação de Vieira, são tratados com minúcia e segurança. A introdução examina, pela análise de excertos dos sermões e das cartas, os problemas que o grande pregador enfrentou quer no seu período de apogeu, quer no período que teve de enfrentar a má vontade e a inveja de quantos se achavam inferiorizados ou abatidos pelo brilho da inteligência ou incomodados pelas posições defendidas em favor dos cristãos-novos, pelas visões proféticas, pelas defesas teológicas e éticas e pela visão prática que emprestava aos problemas que afligiam ou sufocavam o interesse maior do destino de Portugal perante si e perante as nações. São 45 páginas que guiam o leitor em direção dos grandes problemas que suscita a obra do Padre Antônio Vieira e com especial relevo para as edições, traduções e remanejamento estilístico, maxime nas aplicações entre o texto protótipo do momento da pregação e a forma com que o Autor o apresenta, passados tantos anos, na versão reelaborada para impressão, na tentativa de resgatar "o tom da enunciação" (p. 38 e nota 55).

A Professora Sônia dá-nos uma idéia da complexidade dessa fortuna crítica textual comparando a versão portuguesa de 1679 com relação à edição italiana de 1668, saída em Nápoles.

Seguem-se à Introdução o texto da *Sermão da Sexagésima* (p.55 a 84) e a tradução italiana de 1668 (p.87 a 112). Estes dois textos, pela comparação entre eles, abrem uma série de perspectivas para o estudo da construção textual de Vieira como unidade autônoma do discurso e sobre problemas idiolingüísticos vários.

Os textos foram cuidadosamente revistos, mas a Introdução padece de algumas falhas que devem ser consertadas em próxima edição.

Com o presente trabalho, a Autora começa a nos presentear os resultados de suas pesquisas sobre a retórica vieiriana e problemas afins, que vem desenvolvendo com suas pesquisas no Brasil e na Itália.

Evanildo Bechara

*

PRETI, Dino (org.). *O Discurso Oral Culto*, São Paulo, Humanitas Publicações, FFLCH/USP, 1997, 173 p.

O livro é dedicado à memória da Prof^a Margaret de Miranda Rosa, pós-graduada em Mestrado pela USP, quando se integrou ao grupo que se dedicava ao Projeto NURC. O presente volume pertence à área de estudos do referido Projeto. Consta de nove ensaios assinados pelos professores Dino Preti: "A Propósito do Conceito de Discurso Urbano Oral Culto: a Língua e as Transformações Sociais"; Diana Luz Pessoa de Barros: "A Propósito do Conceito de Discurso Oral Culto: Definições e Imagens"; Beth Brait: "Imagens da Norma Culta, Interação e Constituição do Texto Oral"; Marli Quadros Leite: "Purismo do Discurso Oral Culto"; Hudinilson Urbano "A Expressividade na Língua Falada de Pessoas Cultas"; Leonor Lopes Fávero: "Processos de Formulação do Texto Falado: a Correção e a Hesitação nas Elocuções Formais"; Ieda Maria Alves: "Marcas do Discurso de Divulgação na Linguagem Falada Culta"; Paulo de Tarso Galembeck: "Preservação da Face e Manifestação de Opiniões: um Caso de Jogo Duplo"; Zilda Maria Zapparoli: "Considerações sobre a Utilização de Novas Tecnologias na Análise do Léxico do Português Falado Culto de São Paulo".

Depois de Saussure que deu à *langue* prioridade sobre a *parole*, o que levou ao triunfo estruturalista, chegou o momento da desforra, e a *parole*, o discurso, passou a ocupar a boca da cena. Análise do discurso, análise da conversação, os atos da fala entraram a ser investigados, com a volúpia de quem singra mares nunca de antes navegados. Primeiro surgiu a indagação quanto à presença do indivíduo na exteriorização da *langue*, o que gerou a Estilística, particularmente na língua escrita. Tivemos então uma Estilística no sentido de uma Estilística do estilo, mais propriamente do estilo literário, à maneira de Vossler. Bally, como se sabe, rejeitou essa posição e chegou a declarar que a Estilística, tal como a compreendia, separa "à tout jamais le style et la stylistique". Contudo, apesar de ter desviado o seu enfoque científico da *langue* para a *parole*, Bally, ainda sob o sortilégio de Saussure, pretendeu manter-se no campo da *langue*. Enquanto a *langue* definida por Saussure seria um sistema de elementos *ideativos*, a sua Estilística estudaria o sistema de elementos *afetivos* de cada língua. Por conseguinte, como não há ciência do individual e somente do geral, a Estilística que propôs não perderia o cunho científico. Buyssens também sentiu necessidade de encontrar para o estudo da *parole* um caminho que não fosse o do momento individual e o procurou no modelo funcional de Trubetzkoy, ao distinguir entre o *fone* (designação posterior) e o *fonema*, o primeiro produzido no ato de fala, o segundo entidade da *langue*. Buyssens deslocou a distinção para o campo funcional e assim separou o ato sêmico, que é individual e momentâneo, do *sema*, que resulta de uma redução dos múltiplos traços fônicos e

semânticos incluídos no ato sêmico ao seu valor funcional; é, pois, uma abstração (o sema é um ato ideal), na linha da *abstractio totalis* dos escolásticos, revivida por Jacques Maritain. Daí a distinção de Buysens entre *ato sêmico* (*parole*) e *sema* (*discurso*). Acrescentemos que o nosso Mattoso Câmara Jr., em *Contribuição para uma Estilística da Língua Portuguesa*, 1952 (idéias retomadas em 1961, mas que hoje se podem ler em *Dispersos*, 1972, artigo "Considerações sobre o Estilo"), teve de enfrentar o mesmo problema e acabou por optar pela solução Bally, embora não separando a Estilística do estilo, que definiu em "Considerações" como "um conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo". Via assim MC Jr. as línguas como constituídas por dois sistemas, um representativo e outro afetivo, de onde uma Lingüística da Língua ao lado de uma Lingüística do Estilo (*Contr.*: 15). Dito de outro modo: "A estilística vem complementar a gramática" (p. 13). Para a mesma língua, portanto, duas gramáticas, uma representativa, outra afetiva.

Sabemos que MC Jr. traduziu *parole* por *discurso*. E também que nunca aludiu a uma possível Lingüística da Parole, como está em Saussure. A sua Lingüística se subdividia em duas, como acabamos de ver, a da Língua (*langue*) (*stricto sensu*) e a do Estilo (Estilística). A razão está em que, para MC Jr., o discurso (= *parole*) era assistemático e, como tal, não passível de tratamento científico. Eis, p. ex., o que diz em "Contribuição": "Dos atos de fala, que são uma ganga heterogênea e confusa, emerge o simbolismo representativo do sistema" etc. Aliás, anteriormente, já assim se exprimira: "A nova disciplina, assim compreendida [a Estilística], não coincide com uma problemática lingüística do discurso, onde se emaranham todos os acidentes, assistemáticos e inexpressivos, da formulação e execução verbal" (p. 13). Por conseguinte o discurso (= *parole*) ficava fora da ciência da linguagem.

Voltemos agora a Saussure. No CLG, o mestre genebrino assim especifica o que distingue a *parole*: 1º as combinações pelas quais o sujeito falante utiliza o código da língua; 2º o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações.

Podemos então depreender que o código da língua contém duas partes: uma obrigatória, onde não há escolha possível (todos, p. ex., temos de conjugar os verbos da mesma forma), outra relativamente livre (a escolha de sinônimos, p. ex.). A primeira é a *Gramática*, a *ars obligatoria*, de Jakobson; a segunda, a *Estilística*. A construção da frase e a seleção do vocabulário são as partes do código mais favoráveis à Estilística, mas morfologia não está excluída (nos graus dos nomes, nos modos e aspectos do verbo).

Ajunte-se a parte fônica, própria da língua oral, com os traços prosódicos ou supra-segmentais, que a língua escrita procura representar por meio

de diacríticos, como os pontos de interrogação e exclamação, as reticências, e teremos um quadro aproximativo das tarefas da Estilística. E quanto ao "discurso"? Será assim tão resistente a um tratamento científico? Na análise da conversação, como sistematizar, p. ex., o gaguejo, a interrupção, a tosse, o resmungo, a elevação da voz, o cochicho, a meia voz, etc.? Colocaremos isso na parte física do mecanismo psico-físico de Saussure? E as sutilezas de pensamento, as indiretas, as ironias, irão para a parte psíquica? Quem poderá deter o fluxo psico-físico da fala? E esse estudo, que disciplina dele se ocupará? A Lingüística, a Velha Retórica, a Nova Retórica, *chi lo sa?*

Benveniste, estudando os níveis da análise lingüística, pôs a frase como nível superior da língua. Acima da frase estaria o *discurso*, "outro universo", o da língua como instrumento de comunicação, que teria a frase por unidade. Nesse caso, ingressaríamos numa espécie de Gramática do Texto. É o que nos parece melhor.

Sílvio Elia

*

PEREIRA, Maria Teresa G. (org.). *Língua e Linguagem em Questão*, Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.

Em outubro do ano findo, realizou a UERJ o *I Fórum de Estudos Lingüísticos da Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras*, com pleno êxito. A presente publicação é uma recolha dos trabalhos então apresentados, ao todo 21, que podemos assim distribuir:

a) Padronização gramatical.

Evanildo Bechara – *Sobre uma gramática padrão da língua portuguesa*.

Luiz Carlos Travaglia – *Gramática Padrão: suas bases e ampliação das mesmas*.

José Carlos Azeredo – *Revedo análises: a descrição sintática e seu ensino*.

Sírio Possenti – *Por que (não) ensinar gramática na escola ?*

Maria Margarida Martins Salomão – *Lingüística e ensino do Português: variações sobre um tema recorrente*.

Valéria. Coelho Chiavegatto – *A Lingüística e o ensino da língua portuguesa*.

b) Estudos Gramaticais.

Cláudio César Henriques – *Estudos lingüísticos: univocidade de um adjetivo*.

Horácio Rolim de Freitas – *Atual visão lingüística do processo derivativo da parassíntese*.

c) Lexicologia.

Andre C. Valente – *A criação vocabular: os neologismos*.

Laerte Carpena de Amorim – *Dialectologia e Lexicologia..*

Antônio Geraldo da Cunha – *Estudos lexicológicos e trabalhos lexicográficos nos países de língua portuguesa.*

d) Texto e Discurso.

Maria das Graças Dias Pereira – *Debate e Réplica no discurso acadêmico escrito em Lingüística: estratégias de proteção, de destruição e de recuperação da face.*

Bethania Sampaio Corrêa Mariani – *A citação na produção textual: o Diretório dos índios.*

Ângela B. Kleiman – *Análise e produção de textos.*

e) Estudos Gerais.

Evanildo Bechara. – *Os diversos saberes.*

Ângela Vaz Leão – *A Lusofonia: usos e lugares.*

Agostinho Dias Carneiro – *Interpretação e Lingüística.*

Carlos Eduardo Falcão Uchoa – *A Filologia. e a Lingüística no Brasil: para a história de uma relação no campo do estudo da linguagem no século XX.*

Eulália Fernandes – *Aquisição da linguagem: uma visão lingüística.*

Rosa Marina de Brito Meyer - *Teoria Semântica: visão geral e tendências atuais.*

Maria Teresa Gonçalves Pereira – *A questão estilística: de problemas e de alternativas.*

Como se vê, temas aliciantes, sobre os quais haveria muito que dizer. Infelizmente temos de restringir-nos a breves comentários a alguns dos artigos supracitados, embora todos mereçam igual apreço.

Abre a seqüência a contribuição do Prof. Evanildo Bechara sobre os saberes lingüísticos, que, seguindo a lição de mestre Eugenio Coseriu, assim enuncia: saber *elocutivo*, próprio do plano do falar em geral, saber *idiomático* correspondente ao plano da língua particular e saber *expressivo*, que diz respeito ao plano da fala individual.

Mais extenso e muito bem fundamentado é o artigo em que trata do que entender por "gramática padrão". Ainda na linha sempre lúcida do Prof. Coseriu, a define como aquela que tem por objeto a exposição da *língua exemplar*, "modo de falar idealmente unitário, historicamente estabelecido" (p. 46). Esse estudo do Prof. Bechara torna-se leitura obrigatória para quem deseje um conceito seguro de *língua padrão*, sem o perigo de extravasar para campos ideológicos que encobrem e perturbam o sentido de uma autêntica investigação científica.

Ângela Vaz Leão, a nossa lingüista *prima inter pares*, comparece com modelar contribuição respeitante aos usos e lugares da lusofonia. Quanto aos usos, reporta-se a uma discriminação em quatro tipos, do Prof. Robert Hall Jr., da Cornell University (U.S.A.), a saber: *nativo, oficial, língua franca,*

pidgin/crioulo, que adota em sua exposição. Cremos que se poderia acrescentar o uso *literário*. No tocante ao espaço da lusofonia, alude ao que chama "ilhas lingüísticas", núcleos de luso-falantes espalhados pelo mundo. E cita a colônia portuguesa de New Bedford (Massachusetts), a concentração em Miami ou Nova Iorque de brasileiros procedentes, na maior parte, da cidade mineira de Governador Valadares, e ainda a imigração em massa de portugueses para a França, tão intensa, que o número desses imigrantes "fez de Paris a segunda cidade de população portuguesa no mundo, só superada por Lisboa" (p. 24). Lembro que, em meu livrinho sobre *A Língua Portuguesa no Mundo*, incluí essas "ilhas" no que denominei *Lusitânia Dispersa*. De realçar ainda esta irreprochável conclusão desapassionada e objetiva da Prof^a Ângela Vaz Leão: "... não obstante as variedades portuguesa e brasileira, bem como todos os numerosos dialetos, a língua portuguesa não deixa, entretanto, de , constituir uma unidade, fundada num sistema gramatical e num vocabulário básico comuns e confirmada por uma tradição escrita multissecular" (24-25).

O Prof. Luiz Carlos Travaglia ocupa-se também com os critérios que devem presidir à elaboração de uma gramática padrão e propõe a ampliação de suas bases, quase sempre a da inclusão nelas do que chama "adequação à situação de interação" (p.55), ou seja, "considerar... a variedade escolhida em sua modalidade falada" (p. 57). Arrima-se então ao Projeto NURC e ao seu conseqüente pedagógico, a "Gramática do Português Falado Culto". Remetemos para o artigo já comentado do Prof. Evanildo Bechara, nesta mesma coletânea, onde se analisam critério de avaliação e planos de realização da atividade lingüística.

Na área dos estudos gramaticais, o Prof. Horácio Rolim de Freitas volta-se para uma revisão do conceito morfológico de parassíntese. A definição tradicional é a de que a parassíntese é um processo de formação de palavras em que um termo novo nasce da adjunção simultânea a um termo primitivo de um prefixo e de um sufixo, como em *embarcar* (em+barco+ar). A estranheza do Prof. R. de Freitas está em que: "O prefixo está claro em *em-*, mas a terminação em *-ar* é formada de elementos flexionais" (p. 103). Contudo há casos em que o sufixo aparece como em *entristecer*. Tomando em linha de conta essa ressalva, propõe o Prof. Rolim uma distinção entre *parassíntese real* (caso de *entristecer* e semelhantes) e *parassíntese parcial* (caso mais comum, como o de *embarcar*). À consideração dos professores de língua portuguesa, em particular. Por mim, acho razoável.

O Prof. Sirio Possenti ocupa-se com a questão de saber se se deve ensinar ou não gramática na escola. E a sua resposta é peremptória: *Não* (p.109). Como justificativa, alinha três razões: 1^ª) Falta de gente gabaritada

para ensinar gramática (p. 114); 2ª) Deve-se ensinar atividades relevantes e não gramática (p. 115); 3ª) Mesmo quando se ensina bem gramática, o que se faz é ensinar uma gramática ruim, completamente inconsistente (p. 116).

A primeira razão não diz respeito à gramática em si mesma e sim ao seu conhecimento. De há muito adverte o sábio rifão lusitano: "Quem não tem competência não se estabelece". É, pois, de ordem geral. O mesmo se poderia dizer de um professor de qualquer outra matéria. A não ser que aceitemos a *boutade* do irreverente Bernard Shaw: "Quem sabe faz, quem não sabe ensina".

A terceira razão, igualmente, não impugna a gramática enquanto forma de saber e sim enquanto a qualidade do seu conteúdo. Realmente, uma gramática mal escrita, ou inçada de erros ou falhas não tem lugar em sala de aula. O mesmo se diria de qualquer outro compêndio escolar, desta ou daquela disciplina. A razão é de ordem geral e externa e, portanto, deixa incólume a gramática como instrumento de acesso ao saber.

Já a segunda razão rejeita a gramática como gramática e propõe a sua substituição por "atividade relevante". Mas que é "atividade relevante"? A esse propósito não é muito claro o Prof. Possenti. Do que se segue, em sua exposição, talvez se possa depreender que "atividade relevante" consiste em praticar a língua, quer oralmente, quer por escrito, pois adiante, diz, um tanto sarcasticamente: "A única coisa decente que ainda se faz na aula de português é falar. Enquanto o professor dá aula, muitas vezes, pelo menos, muitos alunos falam" (p. 115).

O que nos parece estar faltando é saber o que o Prof. Possenti entende por gramática. A nosso ver, logicamente, devera ser este o ponto de partida. É, todavia, só na p. 119 que o professor começa a discutir o assunto. Na sua opinião, "os conceitos mais importantes são três, porque são os que oferecem maior interesse do ponto de vista pedagógico". E a seguir vai enumerando os três tipos de gramática que julga mais importantes: a *normativa* (p.119), a *descritiva* (p.120), a *interiorizada* (p.122). Na verdade, essa tríplice divisão se baseia em critérios heterogêneos. A *gramática interiorizada* se opõe à *gramática conscientizada*, ou seja, no caso, às *gramáticas descritivas* e *normativas*, devendo-se observar que a gramática normativa também é descritiva, pois não passa de descrição da norma culta. Uma vez que "a função da escola é permitir aos alunos o domínio da língua padrão, em especial em sua modalidade escrita" (p.110), fica estipulado que a gramática em que se há de fundamentar esse ensino é a descritiva da norma culta. De onde conclui com toda a pertinência o Prof. Possenti que "é preciso ter claro que não vale a pena ensinar, nem na escola, nem em lugar algum, aquilo que o aluno já sabe" (p. 111). Refuta assim, cheio de razão, a doutrina de lingüistas apressados, para quem "a escola devia ensinar e adotar esses mesmos dialetos não padrões [os populares] na escola "

(p. 110). Cabe aqui a distinção do competente Antônio Houaiss: "A isonomia estrutural postula uma heteronomia cultural" (*A Crise de Nossa Língua de Cultura*: 13).

Ora, as línguas históricas são projeções verbais de um sistema subjacente. Essas projeções geram estruturas, ou, na definição de Hjelmslev, "entidade(s) autônoma(s) de dependências internas", definição que, a meu ver, melhor se aplica a sistema. O sistema, rede de relações opositivas, é uma organização e, como tal, produto da natureza racional do ser humano. A exposição teórica verbal dessa estrutura racional de uma língua (com todos os seus acidentes históricos) é que constitui a sua gramática. O apetite racional da mente humana exige a compreensão como fundamento do saber. E, quando esse fundamento deixa de ser puramente empírico e busca a verdade *in re*, através dos fatos, adquire caráter científico. Mas as línguas vivem no tempo e, com o tempo, necessariamente se alteram, como já o vira Saussure. Em consequência, as estruturas têm de conviver com o que chamei "acidentes históricos", que se conservam nos textos como documentos.

Disse certa vez Meillet que "chaque époque a la grammaire de sa philosophie", o que é verdade no referente ao enfoque teórico dominante em determinados momentos históricos (logicismo, historicismo, estruturalismo, culturalismo). Mas também há de refletir o uso constante dos seus textos, ou seja, a norma vigente numa das faixas históricas de sua realização no tempo. É nesse sentido que a gramática escolar tem de ser normativa, isto é, há de refletir a norma culta de determinada época (classicismo, romantismo, naturalismo). Podemos, pois, situando-nos na perspectiva de Coseriu, alargando-a um pouco, adotar a seguinte linha cronogenética: *sistema, estrutura, norma, texto* (oral ou/e escrito). Ou, para concluir: na escola, gramática e texto, ambos são inseparáveis.

Já nos estendemos demais, e muita coisa (*hélas* !) ainda fica por dizer. Contudo há dois pontos que não podemos omitir.

O primeiro é chamar a atenção para a acentuação tônica da palavra *édito*, no sentido em que a empregou a Prof^a. Bethania Sampaio Corrêa Mariani, no artigo "A Citação na Produção Textual", em referência ao Diretório do marquês de Pombal, de 1757, que visava regulamentar as relações dos índios com o Estado Português. A esse Diretório chama reiteradamente a professora Bethani *édito*, com acentuação esdrúxula.

É sabido existirem dois vocábulos: *édito* e *edito*. O primeiro, do lat. *editus*, part. pass. de *edo*, composto de *do* "dare", com o sentido de "publicado" (o antônimo é *inédito*) como substantivo, significa, consoante os léxicos da língua "ordem judicial publicada por editais"; por conseguinte é sempre matéria judiciária. Já *edito*, do lat. *edictum*, de *dicere* "dizer" é decreto ema-

nado de autoridade executiva, rei, imperador...: *Edito de Caracala, Editio de Nantes*, só para lembrar. Este o sentido que melhor se ajusta ao Diretório de Pombal. Portanto, se assim se quiser chamá-lo, devemos pronunciá-lo à maneira latina, *edito* e não *édito*.

Não podemos também omitir o lúcido artigo do nosso lingüista Carlos Eduardo Falcão Uchôa "A Filologia e a Lingüística no Brasil: para a História de uma relação no campo do estudo da linguagem no século XX", p. 159-175.

Adverte de início (p. 159), o Prof. Uchôa que escolheu "na esperança de correr menores riscos de ser impreciso nesta minha exposição, o período de 1956-59 para começar a repensar, a reconstituir daí, ainda que me atendo aos pontos que julgo mais pertinentes, a história da relação entre a Filologia e a Lingüística no Brasil".

Nesses quatro anos foi o Prof. Uchôa aluno de Letras Clássicas na antiga Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. Nessa época, salienta Uchôa, mantinha a Faculdade uma situação *sui generis* no tocante ao ensino de Letras: de um lado os professores Celso Cunha (Língua Portuguesa) e Serafim da Silva Neto (Filologia Românica), filólogos. De outro Mattoso Câmara Jr., linguista. A bibliografia mais em uso então eram as *Lições de Português e Trechos Seletos*, de Sousa da Silveira, a *Gramática Histórica*, de Ismael de Lima Coutinho, *Textos Arcáicos*, de Leite de Vasconcelos, no campo da Filologia; na área da Lingüística, os *Princípios de Lingüística Geral*, de Mattoso Câmara Jr. No setor filológico, além dos estudos diacrônicos que predominavam, incluía-se também um pouco de dialectologia, particularmente brasileira, e primícias de Crítica Textual. No tocante à Lingüística, como já dissemos, o livro-chave era os *Princípios* de MC Jr., em 2ª ed., a respeito do qual o professor Uchôa assim se expressa:

Com *Princípios*, sabemos, Mattoso Câmara introduz a Lingüística Moderna no Brasil e em Portugal, procurando divulgar fundamentos da lingüística estrutural européia e também, a partir dessa 2ª ed., norte-americana (p. 162).

Da sua análise, conclui o professor Uchôa, que "naquele período de 1956 a 1959", "A Filologia e a Lingüística opunham-se, vimos, quanto ao objeto de estudo e ao referencial teórico". Passa a seguir a especificar as divergências das duas disciplinas quer quanto ao objeto de estudo, quer quanto ao referencial teórico. Observa a respeito que "O filólogo então é que detinha o *status* que credenciava um estudo sobre a língua como científico" (p. 163). Contra tal orientação, acrescenta, "reagia com veemência Mattoso Câmara, ciente do que se passava em nosso meio acadêmico, defendendo ele a autonomia da Lingüística [L. de Vasc. a via como parte da Filologia], sua condição de ciência geral da linguagem e a cujo objeto cabia o estudo científico da língua" (p. 164). Era então Mattoso Câmara "representante pratica-

mente isolado no Brasil, na sua atividade docente e em sua produção acadêmica" (p. 164). Todavia nota MC Jr. uma outra face da Linguística Moderna: a visão antropológica da linguagem (creio que por influência norte-americana). O que o levou a criar, no Museu Nacional, um Setor destinado ao estudo das línguas indígenas do Brasil. Destarte, a Linguística Moderna, no Rio de Janeiro, trabalharia em duas direções: uma *Geral*, na Faculdade Nacional de Filosofia, outra *Antropológica*, no Museu Nacional, ambas capitaneadas por Mattoso Câmara. O referencial teórico, porém, em ambas era sempre estruturalista (as pesquisas no âmbito das línguas indígenas faziam-se "valendo-se do instrumental estruturalista", p. 165).

O Prof. Uchôa volta a ressaltar que "nas décadas de 40 e 50, assistesse... a absoluta hegemonia no Brasil dos estudos identificados e designados como filológicos" (p. 167). Contudo pouco adiante (p. 169) ressalta que "também é certo que, no correr dos anos 60 e 70, se pode constatar, em nosso país, o crescente prestígio e conseqüente afirmação da Linguística no ensino universitário e na produção acadêmica". Período em que já temos um Uchôa professor e não mais aluno.

Esse crescimento de prestígio caminha de passo comum com o método estruturalista. "Pode-se mesmo dizer que o estudo científico da língua, no Brasil, só é reconhecido como objeto da Linguística, e não mais da Filologia, quando, justamente no correr dos anos 60, a língua portuguesa começa a ser estudada sob o enfoque estrutural" (p.170). Saliente-se que, por essa época já se fazia sentir uma revisão do método estruturalista na ciência da linguagem, particularmente nos Estados Unidos, com a emergência do gerativismo chomskyano (a 1ª ed. das *Syntactic Structures* é de 1957).

Como se sabe, a gramática gerativo-transformacional de Chomsky surgiu como reação contra o estruturalismo "opressor" de Bloomfield, classificado como simplesmente descritivista e taxionômico. Chomsky investiu, em especial, contra o referencial teórico de Bloomfield, para falar como o Prof. Uchôa, ou seja a sua base metodológica de pesquisa, behaviorismo, psicologia do comportamento. Chomsky acusava Bloomfield de ignorar o aspecto criativo da linguagem (e, nesse sentido, invocava Humboldt), opondo assim o seu mentalismo ao mecanicismo do mestre de Yale. Todavia a apregoada "revolução chomskyana" não nos parece tão antiestruturalista assim. Ao contrário, Chomsky acrescentou (e depois retirou) à manifesta estrutura de superfície uma fantasiosa "estrutura profunda". Como diz Hudson, a técnica de estudar a língua fora do contexto social "é típica de toda a escola estruturalista da Linguística dominante no século XX, *nela incluindo a Linguística gerativo-transformacional*" (*Sociolinguistics*, Cambridge University Press: 3) (o grifo é nosso).

Não se pense, porém, que a Lingüística Estrutural não tenha os seus ganhos incorporados ao patrimônio da ciência da linguagem. Da mesma forma, o Estruturalismo sincrônico não expulsou o Historicismo diacrônico. *Ceci n'a pas tué cela.*

Saussure fez da língua (*langue*) o objeto prioritário da Lingüística, que deveria estudá-la em si mesma e por si mesma, criando assim o imanentismo lingüístico. Mas não excluiu a possibilidade de uma Lingüística da *parole*, que não teve tempo de estudar. Foi o que fizeram e estão fazendo os seus sucessores, ocupando-se com os usos da linguagem que produzem a língua, quer individualmente (atos de fala, análise do discurso), quer coletivamente (sociolingüística, etnolingüística). A Pragmática, de objeto ainda mal definido, poderia ser o nome geral de uma Lingüística da *parole*, acrescida do aspecto semântico enquanto *designação*, tomando esta palavra, na acepção coseriana. Caminharíamos assim no sentido de uma Lingüística por assim dizer *integracionista* e não *fragmentária*. Ou, para falar com a prudência machadiana, "com os haveres de uns e de outros é que se enriquece o pecúlio comum".

E, na linha da humildade, reconheçamos que *sic transit scientia mundi*.

Sílvio Elia

NOTICIÁRIO

Na semana de 21 a 25 de julho do ano em curso, fez o Instituto de Letras da Universidade do Estado Rio de Janeiro juntamente com a Sociedade de Língua e Literatura realizar, com pleno êxito, o 1º Congresso Internacional de Estudos Camonianos e o XXIX Congresso Brasileiro de Língua e Literatura. Do exterior vieram os professores Sebastião Tavares de Pinho, da Universidade de Coimbra, Arnaldo Saraiva, da Universidade do Porto, Eduardo Prado Coelho, da Universidade de Lisboa, Xosé Manuel Dasilva Fernandes, da Universidade de Vigo, Espanha, Óscar Lopes, da Universidade do Porto, José Carlos de Vasconcelos, Diretor do *Jornal de Letras*, de Lisboa, Christopher C. Lund, da Brigham Young University, U.S.A., Juan M. Carrasco González, da Universidade de Cáceres, Espanha, Fred Clark, da Universidade de Carolina do Norte, U.S.A., Barbara Spaggiari, da Universidade de Perúgia, Itália, Maurizio Perugi, da Universidade de Genebra, Suíça, José Herculano de Carvalho, da Universidade de Coimbra, Angel Marcos de Dios, da Universidade de Salamanca, Espanha, Nicolás Extremera Tapia, Universidade de Granada, Espanha, Anabela Rita, Universidade de Lisboa, Eduardo Loureno, expoente da cultura portuguesa, mas que se tornou professor, durante largo tempo na Universidade de Vence, França, José Blanco (Fundação Calouste Gulbenkian).

Os professores brasileiros presentes foram numerosíssimos e, praticamente, não há como destacar. Salientemos, para que se tenha idéia da relevância dessa participação, alguns nomes: Maria Lúcia Poggi de Aragão, Carlos Antônio Kalil Tannus, Antônio Geraldo da Cunha, Reynaldo Valinho Álvarez, Álvaro de Sá, Ronaldo Menegaz, Eduardo de Faria Coutinho, Aluizio Ramos Trinta, Herberto Salles, Lygia Fagundes Telles, Cleonice Berardinelli, Marly de Oliveira, Arnaldo Niskier, Rosa Marino de Brito Meyer, Antônio Sérgio de Mendonça, Antônio Martins de Araújo, João de Scantimburgo, José Ricardo da Silva Rosa, Horácio Rolim de Freitas, Elizabeth Marinho, Gilberto Mendonça Teles, Helena Parente Cunha, Domício Proença Filho, José Pereira da Silva, Gilda da Conceição Santos, Maximiano de Carvalho e Silva, Gladstone Chaves de Melo, Evanildo Bechara, Jayr Calhau, Luís César Feijó. Ao todo, entre conferências e comunicações, mesas-redondas, 120 participações !

Por fim não podemos deixar de pôr em destaque especial a competência e a dedicação do Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho, Presidente dos

Congressos, bem como a eficiente colaboração da Comissão Executiva, constituída pelos profs. Manuel Pinto Ribeiro, Marina Machado Rodrigues e Nadiá Paulo Ferreira, que não pouparam esforços para que os Congressos atingissem magnificamente os objetivos colimados.

*

De 16 a 19 de setembro último, o Liceu Literário Português e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro realizaram em conjunto um Seminário Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em que se homenageou o Pe. Antônio Vieira, por ocasião do tricentenário do seu nascimento. Nos dias 16 e 17, as reuniões se fizeram no Liceu e, nos dias 18 e 19, na PUC/RJ, com igual brilhantismo.

A abertura se deu no Liceu, sob a presidência do Dr. Antônio Gomes da Costa, que falou na oportunidade, numa oração muito feliz, cheia de ensinamentos e de pertinentes reflexões sobre o presente e o futuro das relações culturais e afetivas luso-brasileiras.

Foi orador oficial da cerimônia o Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro, catedrático da Universidade de Coimbra, que versou o tema "Lançar tapetes em S. Roque para ouvir o Padre Vieira", em que traçou, com segura mão de mestre, o perfil intelectual do realmente fulgurante pregador.

Falaram ainda no Liceu os professores: Maria da Conceição Azevedo, Univ. de Vila Real, sobre "Metáforas e Símbolos Escatológicos em Vieira"; Sônia Salomão, Univ. La Sapienza, Roma, sobre "Il sermone delle Stimmate di S. Francesco"; Sebastião Tavares de Pinho, Univ. de Coimbra, sobre "A Latinidade a serviço da Retórica de Vieira"; Antônio Geraldo da Cunha, Univ. Estado do Rio de Janeiro, sobre "Uma Visão Panorâmica do Vocabulário de Vieira"; Leonel Ribeiro dos Santos, Univ. de Lisboa, sobre "Vieira e a Economia Retórica da Metáfora Barroca", Alcir Pécora, UNICAMP, sobre "A Exegese do Capital em Vieira"; Leodegário A. de Azevedo Filho, UERJ, "Sobre o Estilo Polifônico de Vieira"; Telmo Verdelho, Univ. de Aveiro, "O *Índice das Coisas mais Notáveis* nos Sermões de Vieira"; Gladstone Chaves de Melo, UFF, "Vieira e o *Sermão do Bom Ladrão*"; Silvano Peloso, Univ. La Sapienza, Roma, "O *Tratado da Pregação Universal* nos manuscritos romanos"; Maria Luísa Cusati, Univ. de Nápoles, "Manuscritos Vieiranos Existentes em Nápoles".

Na PUC/RJ, ouviram-se os seguintes professores: "Acolhida dos Congressistas", pelo Pe. Reitor Jesus Hortal Sánchez"; Antônio Braz Teixeira, Univ. de Lisboa, "O Jusnaturalismo de Antônio Vieira"; José Esteves Pereira, Univ. Nova de Lisboa, "Antônio Vieira e o Barroco Político"; Manuel Ferreira Patrício (Univ. de Évora, "Influência do Pe. Antônio Vieira no Messianismo de Fernando Pessoa"; Adma Fadul Mohama, UNICAMP, "Os Tex-

tos Proféticos de Vieira em seu Processo Inquisitorial"; Hélder Macedo, Univ. de Oxford, "O Regresso ao Futuro: Profetismo, Pastoralismo e Nacionalismo"; Pedro Calafate, Univ. de Lisboa, "O Elogio da Tolerância em Vieira"; João Antônio Hansen, USP, "Vieira; a Agudeza e a Arte de Pregar"; Manuel Cândido Pimentel, Univ. Cat. de Lisboa, "Antônio Vieira: do Tempo da Ficção ao Tempo da Profecia"; Néelson Rodrigues Filho, PUC/RJ, "O Espetáculo Barroco e a Consciência do Tempo"; Norberto Cunha, Univ. do Minho, "O Senequismo Moral nos *Sermões* de Vieira"; Eduardo Abranches do Soveral, Univ. do Porto, "Notas sobre o Pensamento Político e Pedagógico de Vieira"; Joaquim Domingues, Inst. de Filosofia Luso-Brasileiro, "Vieira entre Heráclito e Demócrito"; Luiz Felipe Baeta Neves, UFRJ, "A Imaginação Social do Padre Antônio Vieira". Coube encerrar o Seminário à Prof^a Cleonice Berardinelli, Titular da Cátedra Pe. Antônio Vieira, da PUC/RJ, e o fez com o brilho de sempre.

Este Seminário Internacional, pela grande contribuição que trouxe aos estudos da obra magistral desse expoente da cultura luso-brasileira que foi Antônio Vieira e pelos êxitos alcançados, é mais uma prova do rumo certo que o Dr. Antônio Gomes da Costa imprimiu ao Liceu Literário Português, quando lhe assumiu a Presidência, acrescentando às beneméritas atividades educacionais do Liceu a dimensão universitária, que o Dr. Edison Chini e atualmente o Com. Manuel Paulino souberam fazer progredir e engrandecer.

A Comissão Executiva do Congresso foi constituída pelo Prof. Evânildo Bechara, representando o Liceu, e pela Prof^a Eneida do Rego Monteiro Bomfim, da PUC/RJ, a cuja competência, dedicação e incansável atuação tanto ficam a dever os frutos do Seminário, que tão bem souberam semear.

*

No dia 10 de setembro último, o Real Gabinete Português de Leitura entregou a Sua Excelência o Presidente da República de Portugal, Dr. Jorge Sampaio, o "Laurel da Gratidão", com que distingue as personalidades que têm contribuído com sua operosidade para o contínuo enriquecimento das fraternas relações culturais luso-brasileiras. A sessão teve a presidência o Dr. Antônio Gomes da Costa, Presidente da Instituição, e contou com numeroso e seletivo auditório, que prestigiou com sua atenção e aplausos o desenrolar da sessão.

O Dr. Jorge Sampaio, por sua afabilidade, inteligência e cultura, e atualizado conhecimento da particular importância da cooperação política entre Portugal e Brasil, nesta indefinida virada do milênio, voltou à sua pátria cercado pela simpatia do povo brasileiro.

*

Em 24 de setembro do ano em curso, comemorou o Liceu Literário Português, em Sessão Solene, o 129º aniversário de sua benemerita existência. Presidiu a sessão o Com. Manuel Paulino, Presidente da Instituição, tendo sido orador oficial o Prof. Evanildo Bechara, membro da Diretoria do Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu.

*

Tomou posse na Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, no último 5 de maio, cadeira nº 8, patrono Machado de Assis, o escritor e jornalista Ítalo de Saldanha da Gama. O discurso de posse teve por tema "Desígnios de Machado de Assis e de Modesto de Abreu", este o antecessor na cadeira 8, agora preenchida. O discurso de saudação ao novel acadêmico foi proferido pelo recipiendário Francisco Silva Nobre, que falou sobre a "Imprensa e Literatura". A sessão esteve bastante concorrida e o novo imortal foi muito cumprimentado pelos amigos presentes.

*

Com um jantar realizado no passado 10 de outubro, homenageou a comunidade luso-brasileira do Rio de Janeiro S. Excia. o Embaixador de Portugal Dr. Pedro Ribeiro de Meneses, que deixava suas funções em Brasília para assumir novo encargo na terra natal. A saudação de despedida foi proferida pelo Dr. Edison Chini, Presidente do Clube Ginástico Português, sede da homenagem, que ressaltou o alto e profícuo desempenho do eminente diplomata no exercício de suas nobres funções. Em comovido improviso, agradeceu o Embaixador Ribeiro de Meneses o preito de amizade que lhe estava sendo prestado e lamentou que a distância entre o Planalto e o Litoral carioca o tivesse privado de um convívio mais freqüente com a comunidade do Rio de Janeiro, onde se sentia fraternalmente recebido.

Novos êxitos nas funções que ora assume e que não se esqueça de voltar ao Brasil, que sempre o acolherá de braços abertos.

*

No dia 14 de maio último, comemorou o Real Gabinete Português de Leitura, em sessão solene, o 160º aniversário de sua fundação. Foi orador oficial da solenidade o Dr. Rodrigo Brás Leal Rodrigues, Presidente da Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes, de São Paulo.

É o Real Gabinete Português de Leitura, instituição mais que centenária, exemplo do que tem sido a contribuição alta e desinteressada da comunidade lusíada em prol da cultura brasileira. Não são poucos os brasileiros que em seu quantioso e valioso acervo bibliográfico adquiriram os conhecimentos de uma carreira que se fez brilhante e eminente. Sob a dinâmica e

competente presidência do Dr. Antônio Gomes da Costa, o Gabinete vem-se modernizando e tornando cada vez mais eficiente os serviços que está prestando gratuitamente à intelectualidade brasileira.

*

Terminou com pleno êxito o curso que o Prof. Dr. Gladstone Chaves de Melo ministrou no Instituto de Língua Portuguesa sobre *Comentários a Textos Modernos Portugueses*. Os cursos funcionam semestralmente. Mais informações na Secretaria do Liceu, fone 220-5495. Os cursos são gratuitos.

*

Também o recém-criado Instituto Luso-Brasileiro de História, igualmente do Liceu Literário Português, promoveu uma série de conferências sobre o período colonial brasileiro, do mais alto nível e do maior interesse, como se constata dos nomes e dos temas selecionados: "A Sociedade Colonial", Prof^a Dr^a Ana Maria Moura (UFRJ); "A Igreja Colonial", Prof. Dr. Guilherme Pereira das Neves (UFF); "Economia Colonial", Prof. Marcos Guimarães Sanches (UNI-RIO); "D. João: uma Revisão", Prof. Marcos Ribeiro Correia (IHGMB); "O Fim da Experiência Colonial", Prof. Dr. Francisco Teixeira Vinhosa (UFMG).

Como se vê, os cursos do Liceu são a sementeira de uma futura (e que não tarde) Universidade Luso-Brasileira.

*

No dia 20 de maio último, a Academia Luso-Brasileira de Letras recebeu em sua sede o Prof. Dr. Arno Wehling, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e Diretor do Instituto Luso-Brasileiro de História, do Liceu Literário Português, para uma conferência sobre *A Imperatriz do Brasil, D. Maria Leopoldina*.

A participação de D. Leopoldina na vida brasileira, num período de consolidação de nossa independência política, ainda que discreta, muito contribuiu para o fortalecimento do prestígio da dinastia dos Braganças, no Brasil, que teve o seu ponto alto na fase imperial de D. Pedro II.

A conferência do Prof. Arno Wehling, um dos mais notáveis conhecedores da História do Brasil, particularmente no período colonial, foi iniciativa altamente feliz da Academia Luso-Brasileira de Letras.

*

No dia 19 de novembro findo, realizou a Casa das Beiras sessão solene comemorativa do 44º aniversário de sua fundação, sob a presidência do Sr. Henrique Loureiro Monteiro, que a vem dirigindo com a operosidade e

clarividência que o distinguem. Durante a reunião, foram conferidos títulos de Beneméritos e Grandes Beneméritos a eminentes personalidades da comunidade luso-brasileira. Com a palavra, o Dr. Antônio Gomes da Costa, orador oficial da solenidade, mostrou-se muito bem inspirado ao traçar o perfil das casas portuguesas em terras brasileiras e ao realçar o sentido euro-atlântico dos feitos portugueses na configuração do mundo moderno. Foi uma bela festa de confraternização luso-brasileira.

S.E.

**

Estimulada pelo sucesso alcançado em 1996, com o I Forum de Estudos Lingüísticos (cujas atas *Língua e Linguagem em Questão* resenhou o Prof. Sílvio Elia neste número da *Confluência*), a Pós-Graduação stricto sensu em Letras - Mestrado em Língua Portuguesa da UERJ promoveu o *II Forum de Estudos Lingüísticos – Língua, Lingüística, Literatura: uma integração para o ensino*, com a coordenação do Prof. André Crim Valente, nos dias 22, 23 e 24 de outubro último. O propósito do importante evento é "privilegiar os estudos que, incorporando a renovação metodológica do ensino de Português, oferecem subsídios que possam contribuir para novas formulações teóricas e para as práticas dos professores". Entre palestras e mesas-redondas, foram apresentadas as seguintes comunicações: "Problemas de Descrição Lingüística e sua Aplicação no Ensino da Gramática" (Evanildo Bechara), "João Cabral: uma Poética da escrita" (Ivo Barbieri), "Métodos Estilísticos para Análise de Texto" (José Lemos Monteiro), "Leitura e Produção de Textos em Português: Pesquisa e Ensino" (mesa-redonda coordenada por Darcília Marindir Simões e com a participação de Neusa Salim e Antônio Carlos Siqueira de Andrade), "Ensino de Português: Interface entre a Gramática e o Texto" (Antônio Soares Abreu), "Ensino da Sintaxe: Aspectos Lingüísticos e Semânticos" (mesa-redonda coordenada por André Crim Valente e com a participação de Helênio Fonseca de Oliveira e José Carlos Azeredo), "O Fenômeno da Gíria: uma Perspectiva Conteponrânea" (Dino Preti), "Aspectos Lingüísticos e Filosóficos da Morfologia" (mesa-redonda coordenada por Cláudio Cezar Henriques e com a participação de Margarida Basílio e Eulália Fernandes), "O Texto e a Construção do Sentido" (Ingedore Villaça Koch), "Gramática e Semântica Cognitiva" (mesa-redonda coordenada por Valéria Chiavegatto e com a participação de Lilian Ferrari, Margarida Salomão e Maria Lúcia Leitão de Almeida), "O Ensino da Leitura: Saber e Sabor" (José Luiz Fiorin), "Leitura, Leitor, Produção e Intertextualidade" (mesa-redonda coordenada por Maria Tereza Gonçalves Pereira e com a participação de Eliana Yunes e José Luiz Jobim).

Estão de parabéns os promotores de tão importante evento universitário, cujos frutos hão de se refletir na atividade docente-discente empenhada na renovação metodológica do ensino do Português nas suas variadas manifestações.

*

Nos dias 5 e 6 do último novembro, o Instituto de Letras da UERJ promoveu o 1º Seminário de Filologias Clássica e Românica, coordenado pela Profª Fátima Grandim e supervisionado pelo Prof. Carlos Alberto Short. Abertos os trabalhos pela Profª Fátima, proferiram-se as seguintes palestras: "O Porquê de um Seminário de Filologia Clássica e Românica" (Carlos Alberto Short), "A Língua Portuguesa à luz da Filologia Românica" (Evanildo Bechara), "O Catalão, Língua de Cultura" (Adriano da Gama Kury), "Genealogia e Genética da Língua Francesa" (Marcella Mortara), "A Origem do Castelhana" (Cristina Vergnano Junger), "O Aedo na Poesia Homérica" (Hime Gonçalves Muniz), "Serafim da Silva Neto e o Culturalismo Lingüístico" (Horácio Rolim de Freitas), "Língua Italiana: Dialeto *Fiorentino*" (Flora Simonetti), "Dois teatrólogos, Duas Cidades: Plauto e Gil Vicente, Roma e Lisboa" (José Ricardo da Silva Rosa). Presidiram às oito mesas de comunicações os Profs. Gladstone Chaves de Melo, Olmar Guterres da Silveira, Antônio José Chediak, Márcio Moitinha, Maria Amélia Pontes Vieira Alcofra, Walmírio Macedo, Jayr Calhau e Sieglinde Monteiro Autran. A excelente qualidade do Seminário e a presença numerosa e atenta de professores, alunos e estudiosos patenteiam a perenidade dos estudos filológicos nos ambientes universitários brasileiros e, com especial relevo, no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

E.B.

**

ENCONTROS NA BIBLIOTECA

O dia escolhido foi a última segunda-feira de cada mês. Assim, a partir de vinte e oito de abril passado amigos das letras, nas suas diversas vertentes, passaram a reunir-se às quinze horas em um dos salões da Biblioteca do Liceu Literário Português. Dos encontros havidos muito se poderia dizer, mas começemos por saber a causa e a razão de sua existência, para depois consubstanciarmos sua permanência. E saibamos pelo registro exarado na página introdutória do *Livro de Presenças* desses *Encontros*:

— "Ao receber o honroso convite para exercer o cargo de Diretora Bibliotecária do Liceu Literário Português, pensei: de que forma poderia contribuir no sentido

de renovação de tão tradicional e conceituada Biblioteca?? Daí surgiram estes encontros, verdadeiros bate-papos literários e informais, em pleno coração da Cidade, em que dedicamos algumas horas à literatura, recordando autores consagrados, alguns já quase esquecidos ou desconhecidos de novas gerações. Encontros em que homenageamos antigos professores, escritores ou pessoas dignas de admiração. Maximiano, Basílio e eu somos os programadores destes encontros. Maria Leda de Moraes Chini. Liceu Literário Português, 28 de abril de 1997" –

Seja pela leitura de seus próprios textos, seja pela apresentação de composições alheias, ou ainda traduções poéticas, tivemos já oportunidade de homenagear Reynaldo Valinho Alvarez, Maria Amélia Pontes Vieira Alcofra, Aíla de Oliveira Gomes, Maria Hilda Xavier Gouveia de Oliveira.

Misto de memórias e reminiscências, através de textos lidos e vividos, de autores e mestres, foram revisitados poetas – no sentido aristotélico – que se tornaram referência, núcleo e tema das discussões dos *Encontros*.

Do convívio surgem as ousadias, e no último *Encontro* do ano, dia 24 de novembro, alguns autores inéditos, conjuntamente com os já editados, deram algumas mostras de sua produção, preparando – quem sabe! – uma próxima edição de seus textos.

Graças ao interesse despertado entre os participantes, que aumentam a cada reunião, os Encontros prosseguirão em 1998.

Inquietos já os volumes da Biblioteca do Liceu aguardam ansiosamente o ruído das vozes que dão vida às palavras que estão guardadas em suas páginas.

Antonio Basílio Rodrigues

COLABORADORES DESTE NÚMERO

- ANTÔNIO BASILIO RODRIGUES. Professor Assistente de Literatura e de Cultura Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Aposentado).
- ANTÔNIO GOMES DA COSTA. Presidente da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e Presidente do Real Gabinete Português de Leitura.
- EUGENIO COSERIU. Catedrático de Lingüística Românica da Universidade de Tübingen, autor de trabalhos teóricos da mais alta importância, ocupa um dos lugares mais destacados entre os lingüistas da atualidade.
- EVANILDO BECHARA. Professor Titular nos cursos de graduação e pós-graduação dos Institutos de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Federal Fluminense. Professor *Emérito* pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- EVELINA VERDELHO. Doutora em Letras, Investigadora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Autora de textos originais e preparadora e excelentes edições de textos clássicos portugueses.
- HILMA RANAURO. Professora Doutora Adjunta de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense. Autora de livros e vários artigos de sua especialidade.
- HORÁCIO ROLIM DE FREITAS. Livre-docente pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul e professor adjunto da UERJ (aposentado). Entre outros trabalhos de filologia e lingüística, escreveu *Princípios de Morfologia* (3ª ed., Presença).
- ISABEL VILARES CEPEDA. Licenciada em Românicas. Técnica Superior da Biblioteca Nacional de Lisboa e autora de textos clássicos portugueses, glossários e levantamentos bibliográficos da maior relevância.
- JOSÉ ROGÉRIO FONTENELE BESSA. Doutor em Letras Vernáculas, antigo Professor Adjunto da Universidade Federal do Ceará, membro da Academia Cearense da Língua Portuguesa, e da Equipe Científica do Projeto "Atlas Etnolingüístico do Estado do Ceará".
- MARIA FILOMENA GONÇALVES. Doutora em Letras, Professor Assistente da Universidade de Évora. Tem-se notabilizado pelos seus estudos sobre gramatografia do séc. XVIII em Portugal, de que dá testemunho sua tese *Madureira Feijó: Ortografista do Século XVIII: Para uma História da Ortografia Portuguesa* (Lisboa, ICALP, 1992).
- MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA. Professor Titular aposentado de Filologia (Crítica Textual) do Instituto de Letras da UFF. Ex-diretor do Instituto de Letras da UFF e do Centro de Pesquisa da Fundação Casa de Rui Barbosa. Membro da Academia Brasileira de Filologia e do Círculo-Lingüístico do Rio de Janeiro. Autor de várias obras de sua especialidade.
- SÍLVIO ELIA. Professor nos cursos de pós-graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Antigo Catedrático de Latim no Colégio Pedro II e Titular de Lingüística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.